



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

MARIA DE FÁTIMA SILVA DE FIGUEIREDO

A REFORMULAÇÃO COMO ÍNDICE DE AUTORIA:
UM ESTUDO DOS MANUSCRITOS POÉTICOS DE DA PAZ OLIVEIRA

MACEIÓ
2012

Maria de Fátima Silva de Figueiredo

**A REFORMULAÇÃO COMO ÍNDICE DE AUTORIA:
um estudo dos manuscritos poéticos de Da Paz Oliveira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, na área de Educação e Linguagem, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Brasileira.

Orientadora: Profa. Dra. Adna de Almeida Lopes

Maceió
2012

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale

F475r Figueiredo, Maria de Fátima Silva de.
 A reformulação como índice de autoria: um estudo dos manuscritos
 poéticos de Da Paz Oliveira / Maria de Fátima Silva de Figueiredo. – 2012.
 116 f. : il., fots.

 Orientadora: Adna de Almeida Lopes.
 Dissertação (mestrado em Educação Brasileira) – Universidade
 Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em
 Educação Brasileira. Maceió, 2012.

 Bibliografia: f. 100-102.
 Anexos: f. 103-116.

 1. Oliveira, Maria da Paz, 1944- . 2. Manuscritos 3. Processos de
 escritura. 4. Autoria. 5. Crítica genética. 6. Subjetividade. I. Título

CDU: 372.882

Dedico esta dissertação a Marcelo, pelo incentivo e apoio para realização deste Mestrado; a Lucas, Vítor e Caio, meus amados filhos; a Rosa, por cuidar dos meus filhos com respeito; aos meus pais, que dão tudo de si para todos os filhos, indistintamente, a quem devo tudo de bom que me completa e que me dão a oportunidade de retribuir seu mais puro amor com o fruto do tesouro que recebi: a educação; às minhas irmãs, à prima-irmã Nete e ao meu irmão que me renovam com suas presenças; à amiga Maria José Ponciano; ao casal amigo Sandra Roque e Fernando Mendonça e a todos os meus familiares, amigos, alunos e ex-alunos.

AGRADECIMENTOS

A Adna Lopes, orientadora da dissertação, pela dedicação, responsabilidade, competência, inteligência e relevância das sábias intervenções, por respeitar o ritmo da minha produção e por exigir com perspicácia meu crescimento acadêmico.

À Banca de Qualificação pela oportunidade de aprendizado, contribuição e incentivo à produção teórica.

Às turmas de Licenciatura em Letras e Bacharelado em Ciências Sociais da disciplina: Leitura e Produção de Texto - 2010.2 - Tarde UFAL, pela acolhida respeitosa.

À Equipe da secretaria do PPGE, pela atenção, prontidão, compromisso.

Ao IFPE, pela oportunidade concedida.

Aos gestores do *Campus* Recife, Valbérico Cardoso, Francisco Granata, Gustavo Estevão e Moacir Machado por todo apoio dispensado.

À CAPES, por viabilizar a realização deste Mestrado.

Aos meus professores do Mestrado e a todos os demais com quem já estudei.

À turma do Mestrado, por compartilhar esta luta.

À turma “Manuscrito Escolar, Ortografia e Interferência Didática” UFAL-2010.2, por toda aprendizagem que compartilhamos no semestre acadêmico.

Aos colegas do Núcleo de Línguas Estrangeiras – IFPE.

A Edna Guedes, pela responsabilidade, compromisso e coordenação do Mestrado.

A todos que me apoiaram, ajudaram e incentivaram, em especial, Dr. Maurício.

Agradecimentos especiais:

A Deus, autor dos autores;

A Da Paz Oliveira, pelo grande encontro que esta pesquisa nos proporcionou através dos manuscritos;

A Djair Teófilo, pela disponibilidade, imensa colaboração e incentivo, por sua visão acadêmica, pela solidariedade, apoio e ajuda por ocasião do projeto de pesquisa inicial;

A Denise, pelo companheirismo, amizade, solidariedade e convívio nas idas, estadas e vindas das Alagoas;

Ao colega de Mestrado, Felisberto, *in memoriam*, que com solicitude nos deu caronas em muitas idas e vindas no percurso Recife - Maceió - Recife.

O Lutador

*Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como o javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las.
Mas lúcido e frio,
apareço e tento
apanhar algumas
para meu sustento
num dia de vida.
[...]
Luto corpo a corpo,
luto todo o tempo,
sem maior proveito
que o da caça ao vento.
Não encontro vestes,
não seguro formas,
é fluido inimigo
que me dobra os músculos
e ri-se das normas
da boa peleja.*

Carlos Drummond de Andrade.

RESUMO

Nesta pesquisa, analisou-se a reformulação como índice de autoria em manuscritos poéticos publicados em “Meu tesouro: verso e prosa”, pela escritora pernambucana Da Paz Oliveira, para evidenciar um trabalho em que as reformulações se sobressaem e permitem configurar traços de singularidade, bem como um estilo individual que pode indiciar autoria. Tomaram-se como aporte teórico investigações sobre o processo de escrita a partir dos pressupostos da Crítica Genética que tem como representantes, entre outros autores, Grésillon (1991, 1994, 2007) e Willemart (1986, 1996, 1997). Sistematizou-se a reflexão em quatro operações linguísticas que guiam a construção de um texto: adição, substituição, supressão e deslocamento, à luz de Fabre (1986). Neste contexto, partiu-se da hipótese de que em um manuscrito há elementos indicativos de um processo autoral, manifestados por rasuras, borrões e reformulações no processo de escritura, segundo marcas que nos permitam identificar “movimentos de autoria”, conforme descritos por Calil (2009), que desenvolve estudos sobre manuscritos para a compreensão de aspectos relevantes do processo de aquisição da linguagem escrita. Sendo assim, as reformulações como índice de autoria decorrem, sobretudo, de um investimento do *scriptor* na construção de um autógrafo. Com base nesses fundamentos, a pesquisa apresenta reflexões que facultam uma visão dos processos de gênese textual que revelem indícios do processo de criação; além disso, discorre acerca da natureza da relação Educação e Linguagem em estudos sobre a escrita.

Palavras-chave: Processos de Escritura. Manuscritos. Autoria. Crítica Genética. Subjetividade.

ABSTRACT

On this research, reformulation is taken as authorial process within poetic manuscripts which had just been published in “Meu tesouro: verso e prosa”, by a pernambucana writer called Da Paz Oliveira; the research becomes evident reformulations in manuscripts and they show us singularity ways, as well they allow to configure features of the author’s singularity which may indicate authorship. It was taken theoretical investigations of written process from assumptions of Genetic Criticism whose researchers, among others, Grésillon (1991, 1994, 2007) and Willemart (1986, 1996, 1997). Discussion was systematized in four linguistic operations that guide the construction of a text: addition, substitution, suppression and displacement, according to Fabre (1986). In this context, it emerges hypothesis in which in a poetic manuscript there are principles which indicate an authorial process that comes up by erasures, stains and reformulations within written process, by following ways which show us “authorial movements”, in Calil’s writings (2009) who researches on manuscripts for the understanding of relevant aspects of the acquisition of written language. Consequently, reformulations as authorial process pass by an act of the subject, principally for creating a manuscript. Based on these principals, this research presents reflections that provide an overview of the process of textual genesis that show us process of creation. In addition, it presents the nature of the relationship in Education and Language about writing studies.

Key words: Written Process. Manuscripts. Authorship. Genetic Criticism. Subjectivity.

LISTA DE FIGURAS

Fluxograma 1 - Domínios discursivos presentes nos sete cadernos – visão geral . 25

Fluxograma 2 - Categorias de gêneros textuais nos sete cadernos - visão geral ... 26

Figura 1	Proust – Sodome et gomorrhe	49
Figura 2	Fragmento 1 de Sodome et gomorrhe	51
Figura 3	Fragmento 2 de Sodome et gomorrhe	52
Figura 4	Poema a Drummond de Andrade – Manuscrito autógrafo	53
Figura 5	Fragmento 1 de Poema a Drummond de Andrade	55
Figura 6	Fragmento 2 de Poema a Drummond de Andrade.....	56
Figura 7	Fragmento 3 de Poema a Drummond de Andrade.....	57
Figura 8	Poema a Drummond de Andrade – versão final publicada	60
Figura 9	Poema a Drummond de Andrade – versão final publicada	61
Figura 10	Poema <i>De Natal</i> - Versão final publicada	66
Figura 11	Poema <i>De Natal</i> - Versão final publicada	67
Figura 12	<i>De Natal</i> – Manuscrito autógrafo	70
Figura 13	Verso 2 – <i>De Natal</i>	73
Figura 14	Verso 28 – <i>De Natal</i>	74
Figura 15	Verso 11 – <i>De Natal</i>	74
Figura 16	Verso 5 – <i>De Natal</i>	75
Figura 17	Verso 14 – <i>De Natal</i>	76
Figura 18	Verso 19 – <i>De Natal</i>	76
Figura 19	Verso 36 – <i>De Natal</i>	77
Figura 20	<i>O valor do tempo</i> ou <i>A pressa do tempo</i> – autógrafo	86
Figura 21	Fragmento 1 de <i>O valor do tempo</i> ou <i>A pressa do tempo</i>	87
Figura 22	Fragmento 2 de <i>O valor do tempo</i> ou <i>A pressa do tempo</i>	88
Figura 23	Fragmento 3 de <i>O valor do tempo</i> ou <i>A pressa do tempo</i>	89
Figura 24	<i>A pressa do tempo</i> autógrafo/reescrita	95
Figura 25	<i>A pressa do tempo</i> – Versão final publicada	97

LISTA DE SÍMBOLOS

Convenção para a transcrição das reformulações:

< > - acréscimo

§ - paragrafação

[] - rasuras de adição + supressão

/ / - adição

[/ /] - deslocamento ou substituição que resulte em supressão ou adição

[< >] - rasura e acréscimo

—— - supressão de segmento apagado ou riscado

- deslocamento

(...) - leitura duvidosa

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Denominações, número de autógrafos e características dos sete cadernos.....	24
Tabela 2 - Aspectos da reformulação: Sodome et gomorrhe (textos periféricos)	51
Tabela 3 - Aspectos da reformulação: Sodome et gomorrhe (texto principal)	52
Tabela 4 - Aspectos da reformulação no <i>Poema a Drummond de Andrade</i>	54
Tabela 5 - Convenção para a transcrição de reformulações	71
Tabela 6 - Transcrição linear - <i>De Natal</i>	72
Tabela 7 - <i>De Natal</i> : rasuras de deslocamento, de substituição e de adição	73
Tabela 8 - <i>De Natal</i> : resultados das rasuras de supressão	74
Tabela 9 - <i>De Natal</i> : rasuras linear, branca, borrão, de tonalidade/tempo e instrumento	75
Tabela 10 - <i>De Natal</i> : Tipologia geral das rasuras por ordem de recorrências	77
Tabela 11 - <i>De Natal</i> : Tipologia das rasuras quanto às formas e ao espaço na folha de papel por ordem de recorrências	78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AD	Análise do Discurso
ALAOMPE	Academia de Letras, Artes e Ofícios Municipais de Pernambuco
ALB	Associação de Leitura do Brasil
APCG	Associação dos Pesquisadores em Crítica Genética
APML	Associação dos Pesquisadores do Manuscrito Literário
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEDU	Centro de Educação
CNRS	Centro Nacional de Pesquisa Científica (França)
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ET&C	Escritura, Texto & Criação
FALE	Faculdade de Letras
IFPE	Instituto Federal de Pernambuco
ISBN	International Standard Book Number
ITEM	Instituto de Textos e Manuscritos Modernos (França)
L'ÂME	Laboratório do Manuscrito Escolar
NBR	Norma Brasileira
NLE	Núcleo de Línguas Estrangeiras
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira
PPGLL	Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística
PPGECIM	Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática
PUC	Pontifícia Universidade Católica
UNESP	Universidade Estadual de São Paulo
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
WWW	World Wide Web (Rede mundial de computadores)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A PESQUISA: METODOLOGIA E SUJEITO-AUTOR	18
1.1 A pesquisa, seus critérios e os autógrafos selecionados	20
1.2 Os componentes da pesquisa: a constituição dos sete cadernos	22
1.3 O sujeito-autor	27
2 A CRÍTICA GENÉTICA: OBJETIVOS E EXPANSÃO	31
3 MANUSCRITOS LITERÁRIOS: DA (DES)CONSTRUÇÃO DO “EU” À (NÃO)SEMELHANÇA DE OUTRO?	38
3.1 Reformulação textual: as operações metalinguísticas	40
3.2 A relação sujeito-língua	44
3.3 Comparação de manuscritos: Proust e Da Paz	46
3.4 Aspectos de reformulação no manuscrito de Proust	49
3.5 Aspectos de reformulação no manuscrito de Da Paz Oliveira	53
3.6 Reflexões sobre manuscritos literários	62
4 A REFORMULAÇÃO PELAS OPERAÇÕES METALINGUÍSTICAS NO POEMA <i>DE NATAL</i>	65
4.1 Categorização das rasuras no autógrafo <i>De Natal</i>	69
4.2 Reflexões sobre as rasuras no manuscrito	79
5 AUTORIA E REFORMULAÇÃO NO POEMA “A PRESSA DO TEMPO”	81
5.1 O termo “autoria”	81
5.2 Relação <i>scriptor</i> /autógrafo no processo de criação textual	82
5.3 Embates: palavras x <i>scriptor</i> ?	83
5.3.1 <i>O valor do tempo</i> ou <i>A pressa do tempo</i> (primeira versão)	86
5.3.2 <i>O valor do tempo</i> (segunda versão)	91
5.3.3 <i>A pressa do tempo</i> : singularidade e subjetividade	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	100
ANEXOS	103
ANEXO 1: GLOSSÁRIO DE TERMOS ESPECÍFICOS	104
ANEXO 2: CAPA DO LIVRO “MEU TESOURO: VERSO E PROSA”	112
APÊNDICES	113

INTRODUÇÃO

A linguagem, desde seus primórdios, é uma fonte de pesquisa e aprimoramento intelectual do ser humano que serve de instrumento de investigação para pesquisadores cujos estudos se voltam para movimento criativo de processos de escrita, dentre outros aspectos, e, por isso, ganha espaços em trabalhos de pesquisas literária e linguística, em geral.

Discussões sobre o movimento criativo de processos de escrita despertam o fascínio pela linguagem e fazem com que pesquisadores busquem refletir processos que contribuam para estudos neste campo, almejando aproximar textos de autores consagrados a textos de autores ainda não reconhecidos canonicamente.

Esses aspectos contribuem, sobremaneira, para a perspectiva da presente pesquisa que reflete sobre a reformulação como índice de autoria em manuscritos para evidenciar reformulações como traços de singularidade, bem como indícios de autoria, analisados sob a ótica da Crítica Genética, a fim de classificá-los e, assim, imprimir-lhes um caráter científico.

As reflexões sobre a complexidade do processo de criação também podem ajudar a compreender aspectos relevantes do processo de aquisição da linguagem escrita, uma vez que processos de criação e recriação textual são ferramentas significativas ao desenvolvimento de saberes linguísticos; esse conjunto de saberes se converte, conseqüentemente, em saberes educacionais. Os manuscritos desta pesquisa foram vistos não apenas como *corpus* para este estudo, mas também pelas implicações teórico-pedagógicas, como atividades de pesquisa em Educação e Linguística, em qualquer grau de ensino, na medida em que surjam interessados no estudo de fontes de produção de manuscritos.

A partir desse ponto de vista, procuramos analisar a reformulação como índice de autoria nos manuscritos poéticos de uma escritora pernambucana. Tais manuscritos apresentam-se aqui como um objeto de estudo multifacetado e caracterizado por uma natureza híbrida que atesta um processo de criação singular.

A complexidade do estudo requereu o aporte da Crítica Genética para melhor elucidação dos rascunhos em destaque, caracterizados pelo aspecto inacabado da criação, testemunhando labor do *scriptor*¹ na busca de compreender a reformulação

¹ [1] termo utilizado para denominar aquele que escreve, diferenciando do uso para “escritor”: utilizado popularmente para nominar alguém que tenha textos ou livros publicados. [2] é um espaço

como indício de autoria nos movimentos de adição, substituição, supressão e deslocamento, manifestados por rasuras, borrões e reformulações no processo de escritura dos autógrafos.

Tais autógrafos foram selecionados dentre mais de quatrocentos manuscritos e compõem um *corpus* de sete cadernos com rascunhos e versões de textos em verso e em prosa, datados desde o início de 1994 até os dias atuais e deram origem ao livro “Meu Tesouro: verso e prosa”² da escritora Da Paz Oliveira; no entanto, elegemos os textos em verso como componentes fundamentais deste estudo por apresentarem mais características que consubstanciam reformulações, do ponto de vista autoral.

Pesquisas sobre essa temática são recentes no contexto educacional brasileiro. Para nosso estudo, buscamos como referencial teórico autores como Pino e Zular (2007), que tratam do surgimento da Crítica Genética na França e no Brasil; Hay (2007), que discorre sobre a natureza e os limites da linguagem, na perspectiva da Crítica Genética; Willemart (1991), com a reflexão sobre a rasura no processo de criação; Kato (1986), um dos pioneiros no Brasil como representante do modelo psicolinguístico de Hayes e Flower (1980). Esse referencial, associado a contribuições advindas de Pêcheux (1988), Orlandi (1996), vem desenvolvendo estudos sobre manuscritos para a compreensão de aspectos relevantes ao processo de aquisição da linguagem escrita a partir dos pressupostos da Crítica Genética e da Linguística.

Esse fato se traduz num interesse mais acentuado por estudos de Fabre (1986) sobre as operações metalinguísticas evidenciadas nas rasuras escritas; de Grésillon (1991, 1994, 2007) com os estudos sobre a Crítica Genética em manuscritos literários; de Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (1997), que abrangem a compreensão de comportamentos da escrita e de seus autores em processos de labor textual, retratam a Crítica Genética em estudos sobre reescrita de textos e contribuem com a Linguística da Enunciação a partir de Fabre-Cols (2002), além de Calil (1998, 2007, 2008, 2009) com a adoção dos pressupostos da Crítica Genética para a análise de manuscritos escolares. Essas tendências apresentam vínculos

em que se fundem “aquele que escreve” e “aquele que lê”, enredado por forças de diferentes ordens (linguísticas, discursivas, culturais, históricas) que convergem no texto, produzindo-o (CALIL, 2008, p. 20).

² Oliveira, Da Paz. Meu Tesouro: verso e prosa / Da Paz Oliveira. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011. 302p. : il., fots. ISBN 978-85-7315-915-8 (broch.) 1. Poesia brasileira. 2. Poemas em prosa. 3. Biografia como forma literária. I Título.

com o estudo da Crítica Genética e transpõem para o estudo de textos de aprendizes da escritura.

As pesquisas universitárias brasileiras procuram abordar questões de linguagem em seus múltiplos aspectos. Assim, consideramos as abordagens sobre diversas pesquisas da psicolinguística, a partir da nossa participação na disciplina “Manuscrito Escolar, Ortografia e Interferência Didática” (PPGE, 2010.2), ministrada pela Profa. Dra. Adna de Almeida Lopes, integrante do grupo de pesquisa “Escritura, Texto & Criação” da linha de pesquisa “Educação e Linguagem” (PPGE/UFAL). A disciplina promoveu, efetivamente, o despertar para optarmos por uma investigação de cunho qualitativo que possa contribuir para uma reflexão sobre a escrita como processo. É possível que algumas dessas questões sejam de sentido comum, mas estimamos que colocá-las no papel com critérios acadêmicos pode resultar numa contribuição para novos estudos no âmbito das Ciências da Linguagem e da Educação.

Nesse sentido, as reformulações dos autógrafos³ de um escritor podem expressar movimentos de autoria que signifiquem a constituição do próprio sujeito escritor e de suas marcas, visto que através de um

manuscrito legível e em ordem o crítico tenta circunscrever o nascimento e a gênese da obra. Este estudo apaixonante necessita de uma teoria clara do prototexto. As palavras *gênese* e *nascimento* [...] não tratam de um projeto determinado do qual o escritor teria a presciência; [...] A linguagem e a cultura se impõem através da escritura e co-dirigem a organização do texto. [...] O prototexto não é portanto um embrião que se desenvolve segundo uma lei de evolução definida e planejada, mas, apesar do prefixo, é texto (WILLEMART, 1993, p. 18).

Nesse sentido, dentro dos limites desta pesquisa, despertamos interesse por esse *corpus*, visto que ele facultou perscrutar a gênese de uma obra quanto aos processos de reformulação e, nessa perspectiva, apresentamos uma investigação sobre a reformulação como indício de autoria em movimentos manifestados em manuscritos poéticos, a partir das marcas encontradas nos autógrafos selecionados para esta pesquisa.

Respaldamo-nos na seguinte questão problema: é possível identificar indícios de um processo autoral manifestados por rasuras a partir da investigação de rascunhos de manuscritos? Para abordar essas peculiaridades, buscamos

³ Manuscritos da mão do autor, em oposição a alógrafos: cópias dos textos de autores por outra pessoa.

contribuições de pesquisadores sobre processos escriturais que investigam a subjetividade em manuscritos.

Assim, para apresentarmos nossa pesquisa, dividimos esta dissertação em cinco capítulos organizados da seguinte forma: o primeiro capítulo trata sobre a pesquisa: metodologia e sujeito-autor, abrangendo a pesquisa, seus critérios e os autógrafos selecionados; os componentes da pesquisa: a constituição dos sete cadernos; o sujeito-autor e sua intrínseca relação com os autógrafos.

O segundo capítulo abrange a história da Crítica Genética, seus objetivos e expansão, e faz menção aos trabalhos de Genética de Texto de Grésillon (1983, 1991), Hay (2007), Grésillon e Lebrave (1983), Calil (1998, 2007) e Willemart (2008) que têm abordado a questão das rasuras como reformulações, com destaque para a investigação de versões e manuscritos de textos escolares e suas rasuras, para construir sua gênese e história. Entretanto, salientamos que os manuscritos aqui pesquisados, apesar de não terem surgido em contexto escolar, ganham relevância para a Crítica Genética, pois a escritora preservou os autógrafos, essenciais para uma pesquisa de gênese, visto que através deles podemos elucidar aspectos da criação literária.

O terceiro capítulo apresenta reflexões sobre manuscritos literários em um cotejo entre o manuscrito do consagrado romancista, ensaísta e crítico francês Marcel Proust e da escritora Da Paz Oliveira; analisa a reformulação textual a partir das operações metalinguísticas e sua aplicação na análise dos manuscritos e também apresenta a natureza da relação sujeito-língua nos processos textuais e analisa as possíveis contribuições para as interfaces entre educação e linguagem.

O quarto capítulo, intitulado “A reformulação pelas operações metalinguísticas no poema *De Natal*”, apresenta a categorização de rasuras e investiga indícios que possam demandar processos de constituição de autoria através do poema “*De Natal*”.

O quinto capítulo versa sobre autoria numa visão prática entrelaçada a partir da análise do poema *A pressa do tempo*. Aspectos voltados para a questão da autoria, a saber: uma breve trajetória desse tema, a relação *scriptor*-autógrafo-processo de criação textual no estudo do poema *A pressa do tempo*, bem como os embates entre as palavras e o escritor compõem este capítulo.

Este estudo traz uma contribuição detalhada sobre processos de reformulação com indícios de autoria em manuscritos poéticos e poderá instigar

novas pesquisas sobre esse tema em todo e qualquer processo escritural, tendo em vista os assuntos expostos, pois é um campo muito vasto e bastante articulado que enfoca abordagens de vários estudiosos que em épocas diferentes buscaram elucidar os mistérios da gênese textual de maneira mais ampla.

1 A PESQUISA: METODOLOGIA E SUJEITO-AUTOR

Este capítulo trata do procedimento utilizado na pesquisa, esclarecendo a organização metodológica, considerando que a perspectiva qualitativa em uma pesquisa habitualmente demanda ou admite igualmente o seu cruzamento com a perspectiva quantitativa. Destacamos, portanto, aspectos que privilegiam tanto o enfoque qualitativo quanto o quantitativo para aprimorar as abordagens desenvolvidas. Além destes, detalhamos os demais componentes da pesquisa, como, por exemplo, os sete cadernos, como um todo, e os autógrafos, como partes, buscando esclarecer sobre os elementos enriquecedores do processo de coleta de dados.

Os componentes da coleta de dados são, neste estudo, representados pelos sete cadernos, objeto de pesquisa, de onde derivam autógrafos da escritora pernambucana. Justificamos a escolha destes autógrafos de acordo com os dizeres de Willemart (1999, p. 120): “A estabilidade das letras, que parecia um ponto de partida inabalável para o poeta na sua materialidade, poderia ser discutida a partir do manuscrito”. Dessa necessidade de discutir o manuscrito, organizamos etapas como aquisição do acervo: fonte primária, seleção e análise, sendo esta última fundamental para a construção da compreensão dos autógrafos.

A metodologia aplicada para o progresso da pesquisa deteve-se, a princípio, na investigação dos autógrafos que compõem os sete cadernos pelo fato de esta investigação poder demonstrar, então, que é possível remontarmos ao processo de criação através da análise de autógrafos, cuja gênese contém índices de elementos que influenciaram as escolhas do *scriptor*, pois

[...] as marcas de rasura, que podem indicar apagamentos, deslocamentos, substituições e acréscimos de letras, palavras, frases, versos, parágrafos, estrofes, capítulos etc., deixadas ao longo do processo de escritura e por todo e qualquer *scriptor*, funcionam como poderosos índices dos processos de criação literária (CALIL, 2008, p. 20).

Portanto, a pesquisa nos autógrafos procurou abranger, predominantemente, um paradigma indiciário de investigação, bem como uma modalidade de inferência abdutiva⁴, a qual consistiu na busca de uma conclusão pela interpretação de indícios

⁴ Trata-se de uma modalidade de inferência descritível em termos de hipótese preliminar à confirmação (ou não) do raciocínio. A abdução, na nossa pesquisa, é entendida como “processo de

que investigam, passo a passo, a gênese de um autógrafo, visto que o manuscrito, segundo Pino (2007),

não se apresenta como uma sequência, mas como um espaço heterogêneo, no qual diversos tempos convivem e dialogam entre si. A tarefa do geneticista seria tentar colocar esses tempos dispersos no espaço em uma ordem temporal – não uma ordem perfeita, não uma cadeia indestrutível – mas um movimento com direção (2007, p. 25).

O cerne das inquietações está em buscarmos, nos autógrafos da *scriptor* Da Paz Oliveira, o entendimento genético de autógrafos, comum à poesia, visto que, segundo Willemart (1999),

a proposta do processo de criação é desvendar, analisando e reanalisando, com paciência e infinitos escrúpulos, a matéria que se fez forma, o plano que se fez escritura, o desejo que pulsa na espessura tantas vezes opaca do texto (1999, p. 9).

Realizamos, então, a pesquisa a partir da investigação de manuscritos autógrafos caracterizados num modelo qualitativo de pesquisa que buscou legitimar o conhecimento científico fundamentado em dados naturalísticos que possibilitassem uma visão dos processos de gênese textual passíveis de revelar indícios do processo de criação, visto que

a análise miúda do texto [...] mostra que o artista, ou, mais exatamente, o “poeta” da linguagem [...] não trabalhou o seu estilo como o faria um historiador cioso de acumular notícias graúdas e miúdas e expô-las todas na vitrine da sua prosa. Ao contrário, o discurso descritivo, precisamente aquele que tenderia a valorizar os materiais fornecidos pelo documento, cede [...] o passo à “supremacia do poético, dando primazia ao procedimento figural e não ao simples mimético (WILLEMART, 1999, p. 10).

Nesse contexto, iniciamos a coleta de dados no primeiro semestre de 2011, época em que o acervo nos foi disponibilizado para fins de revisão linguística de textos para um futuro e tão sonhado livro⁵, resultado de toda expressividade emocional e intelectual da, até então, *escritora anônima* ou apenas *sujeito scriptor*

formação de uma hipótese explanatória”. O movimento abduutivo se cumpre quando um novo sentido é atribuído a cada rasura como componente do significado contextual.

⁵ O lançamento do livro “Meu Tesouro” aconteceu na tarde de 25 de setembro de 2011, no auditório do Hotel Brisa da Serra, Km. 102 Av. Major Aprígio da Fonseca, s/n Bairro São Sebastião – Bezerros-PE. Este evento foi prestigiado por familiares e diversas autoridades acadêmicas e políticas da região.

de autógrafos, ansiosa por galgar o tão sonhado *status* de escritora, visto que, para Willemart (1999),

o poeta no fazer-se da escritura enfrenta a linguagem dotado de certo grau de liberdade, ao menos o bastante para não ficar de todo prisioneiro do código já estereotipado. Esse uso da liberdade seria, afinal, a cota possível de invenção que se atribui ao sujeito da escrita ficcional (1999, p. 11).

Nessa perspectiva, buscamos caracterizar a expressão poética do sujeito-autor Da Paz Oliveira codificada em convenção linguístico-social através dos autógrafos originários do livro “Meu Tesouro”.

1.1 A pesquisa, seus critérios e os autógrafos selecionados

Esta pesquisa compreende todo o conjunto de atividades relacionadas aos autógrafos e tem como característica determinante a perspectiva qualitativa, por direcionar a análise de seu objeto de estudo de forma interpretativa, numa abordagem exploratório-descritiva, além disso, componentes quantitativos se sobressaem.

Enfatizamos, então, a ideia de Pino e Zular que destaca o papel do geneticista sobre o objeto de pesquisa da Crítica Genética:

É importante perceber que o objeto da Crítica Genética não é um texto, um material, mas um processo, não aquele pelo qual o escritor passou, mas aquele que o pesquisador construiu a partir dos manuscritos que esse escritor deixou. Dessa forma, os geneticistas não fazem nada parecido com buscar a “senha” da criação, não têm o objetivo de recriar, passo a passo, o caminho que o escritor percorreu na elaboração de uma obra, como muitos pensam (PINO; ZULAR, 2007, p. 31).

Análises dessa natureza tendem a seguir processos indutivos consolidados a partir da inspeção minuciosa de um *corpus* eleito. Assim sendo, investigamos movimentos de reformulação, dentre outros aspectos, uma vez que demandam reflexões sobre indícios do processo de constituição da autoria do sujeito *scriptor*. Mesmo inspeções minuciosas enfrentam limitações em estudos genéticos, por isso devemos atentar para dois princípios indicados por Grésillon (2007), os quais despertam nossa atenção para, ao investirmos no nosso objeto de estudo, valorizarmos a construção de vestígios, mesmo que ínfimos.

O primeiro consiste em admitir que o “resgate genético” não visa alcançar o “funcionamento real”, mas é, quando muito, uma simulação, um ato de construção científica, onde, a partir de um observável, o pesquisador formula hipóteses com as quais analisa e interpreta um processo de escritura. O segundo princípio consiste em recorrer às especificidades do escrito que de fato ajudam a traduzir vestígios materiais em operações (GRÉSILLON, 2007, p. 199).

Nossas análises têm como foco as rasuras, os borrões e as reformulações concebidas em autógrafos que elegemos entre os manuscritos que compõem os sete cadernos e que podem fundamentar uma visão do processo de gênese textual, bem como podem revelar movimentos de autoria.

Esse procedimento buscou recuperar a gênese e revelar a face não publicada de um texto, ou seja, o esboço, visando demonstrar que uma obra não nasce pronta, não é resultado espontâneo de pura inspiração. Assim, valorizamos, de fato, o processo ao produto, visto que analisamos os mecanismos construtores de autógrafos.

A coleta ocorreu no início de 2011, em etapas, pois, após a autora aceitar ceder os autógrafos para a realização da pesquisa em seus manuscritos, ela pôs-se a bisbilhotar “materiais perdidos”. Textos avulsos e até mesmo um caderninho surgiram e foram entregues em momentos posteriores.

O critério adotado para a condução desta pesquisa teve como primeiro passo a aquisição do acervo, seguida da leitura inicial dos autógrafos, da seleção e da digitalização dos manuscritos usados como análises, dentre todos que compõem o *corpus* da pesquisa, além da transcrição linear de um manuscrito como forma de expressar sua mecânica e todos seus acidentes genéticos, resultado também de um trabalho interpretativo,

um combate do artista com a matéria numa perseguição que procura pela exatidão e precisão em um processo de contínuo crescimento. O artista lida com sua obra em estado de permanente inacabamento. No entanto, o inacabado tem valor dinâmico na medida em que gera esse processo aproximativo na construção de uma obra. [...] O artista dedica-se à construção de um objeto que, para ser entregue ao público, precisa ter feições que lhe agradem, mas que se revela sempre incompleto. O objeto “acabado” pertence, portanto, a um processo inacabado (SALLES, 2004, p. 78).

Materializamos ainda, na pesquisa, a versão final, estado relativamente acabado da obra, publicada em “Meu Tesouro”, através da qual a escritora revela a concepção de que seus poemas constituem uma possibilidade de compartilhar mais

do que um simples conhecimento linguístico, a concretização de um sonho. Esse apanhado e suas análises enriquecerão o *corpus* desta pesquisa, uma vez que os autógrafos refletem as vibrações da sensibilidade própria da *scriptor*, além do enriquecimento oriundo dos autores que ela admira e pelos quais se deixou influenciar.

No tópico a seguir, suscitaremos a constituição dos sete cadernos procurando enfocar o mecanismo de construção de todos eles, que ilustram o trabalho de diferentes tipos de textos e constam de peculiaridades as mais diversas, tanto quanto à forma quanto ao conteúdo.

1.2 Os componentes da pesquisa: a constituição dos sete cadernos

Este enfoque abrangerá a constituição do *corpus*: os sete cadernos, apresentando a temática dos textos, destacando, também, em um quadro-síntese, os gêneros predominantes, para melhor assimilação da temática dos manuscritos. Compreendemos que em tais manuscritos constam formas particulares de rasuras e estas últimas buscam definir um propósito no processo criativo.

Os sete cadernos são constituídos por uma agenda capa dura, um caderno espiral grande, dois cadernos espirais pequenos, um caderno brochura grande, costurado pela própria autora, um caderno brochura pequeno e folhas avulsas que juntas compõem um caderno; são considerados como representativos do ato inacabado da criação. Segundo Grésillon (2007),

os papéis manuscritos podem apresentar todas as variações de formato, de espessura e de cor. Eles existem sob a forma de folhas soltas, de cadernos, de bloco de anotações, são paginados ou não pelo autor, são escritos somente na frente ou, às vezes, na frente e no verso (GRÉSILLON, 2007, p. 56).

Os papéis manuscritos ganham existência e significado de valor cultural, histórico etc. e são representativos de identidades autorais que podem contribuir para enriquecer a história de um povo, de uma época, dentre outros valores sublimes, tanto de natureza pessoal quanto de natureza científica.

Do conteúdo destes cadernos podemos inferir percepção de relações intertextuais, conhecimentos literários e de outras manifestações culturais correntes numa determinada época e numa dada sociedade em que foi produzido. Na

verdade, a autora busca dar significado poético concreto ao seu cotidiano, seja este significado extraído do seu mundo real ou abstrato. Esta abordagem nos é apresentada por Willemart (1999) com os seguintes dizeres:

Talvez o estudo do manuscrito permita encontrar elementos descritivos no indescritível dos rascunhos, mas poucas vezes, para não dizer nunca, poderemos descrever o conjunto em termos de leis, de regularidades, de invariantes. O máximo que podemos talvez dizer é que há algo, uma espécie de atrator, estranho ou não, que suscita as possibilidades do poema mas que será determinado só depois. Esse atrator [...] não explicará explicitamente todos os elementos que encontraremos no manuscrito, mas somente aqueles que permanecerem no texto publicado (1999, p. 112).

Nesse sentido, tentaremos trazer a análise das formas e dos sentidos que revestem, constroem e constituem textos desde momentos criativos do sujeito *scriptor* até momentos de acabamento textual, representados pelas versões finais publicadas em livro.

a) Resultados da descrição dos sete cadernos

Tabela 1 - Denominações, número de autógrafos e características dos sete cadernos

Denominação	Nº. de textos	Características dos cadernos
Caderno A	76	Data de 02 de junho de 1994 a 26 de janeiro de 2009. Este caderno apresenta textos avulsos organizados em uma pasta classificadora por ordem cronológica determinada por datas ou indicação do período por diligentes critérios de aproximação de materiais.
Caderno B	80	Caderno feito a partir de um formulário contínuo 240x280mm, personalizado pela autora dos manuscritos com capa plástica e acabamento costurado à mão com cordão e tecido, para dar maior durabilidade ao material. 1999 é o marco cronológico de seus primeiros autógrafos.
Caderno C	17	Caderno brochura já sem capa. Dezessete manuscritos compõem este caderninho de 15x21cm. O primeiro texto em prosa data de 01 de março de 2005; nele a autora expressa o desejo de lançar um livro, exalta o valor de um livro.
Caderno D	30	Caderno espiral 15x21cm, composto por 30 manuscritos, sendo o primeiro na contracapa. A primeira página do caderno tem um texto em prosa com período cronológico inicial 14 de outubro de 2000.
Caderno E	32	Caderno espiral grande: 20x24cm, sem capa, inicia-se com um poema intitulado Gratidão Senhor, no qual, em conversa com Deus, há agradecimentos, súplica de clemência, declaração de esperança de alcançar a eternidade. Data inicial: 27 de agosto de 2001.
Caderno F	80	Caderno espiral 15x21cm, capa conservada com plástico adesivo transparente composto por 80 manuscritos de gêneros e temáticas variadas. Data inicial: 19 de novembro de 2003.
Caderno G	150	Caderno composto por 150 manuscritos e especialmente designado para ser o sétimo por reunir a segunda versão de alguns autógrafos. Há, no primeiro anverso, um poema compondo cinco quadras heptassilábicas nas quais é apresentado o futuro livro da autora e são citados os títulos dos poemas preferidos da escritora. Data: 2003.

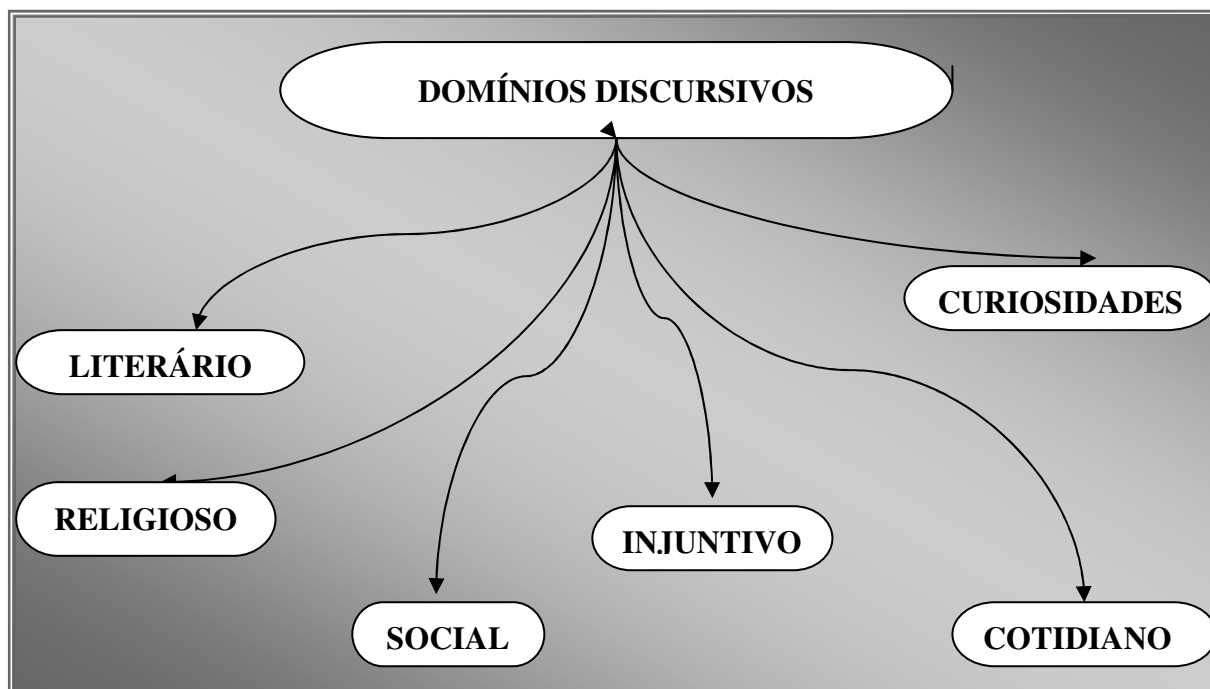
Fonte: dados da pesquisa (2011).

Apresentaremos os resultados da nossa pesquisa através de dados desmembrados em análise com enfoques qualitativos, determinantes de características, e quantitativos, em que não predominam aspectos estatísticos. A justificativa para a representação desses dados é que suas amostras possibilitam melhor elucidação dos aspectos investigados.

b) Domínios discursivos presentes nos sete cadernos – visão geral

Estes domínios discursivos indicam instâncias de discursos e dão origem a vários gêneros constituidores de práticas de discursos.

Fluxograma 1 - Domínios discursivos presentes nos sete cadernos – visão geral



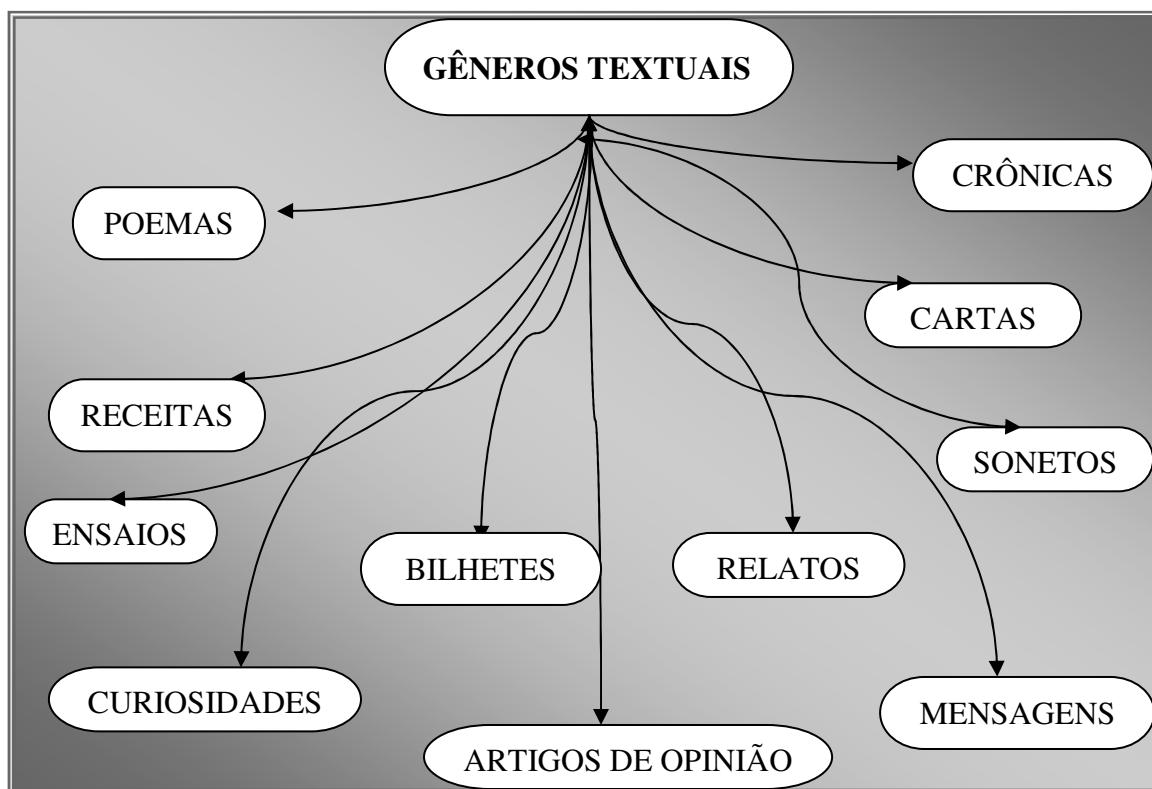
Fonte: dados da pesquisa (2011).

c) Gêneros textuais presentes nos sete cadernos – visão geral

Estes gêneros textuais contribuem para a organização social de sujeitos e também representam o lugar social do indivíduo envolvido no seu processo de criação. Não iremos adiante com nossa investigação dos domínios discursivos e dos gêneros textuais por não ser o foco principal desta pesquisa, pois, levamos em conta a intenção de apresentar uma abordagem do que caracteriza o *corpus* em estudo,

visto que para a escritora iniciante a variedade de usos da língua representa a relação entre as situações e os contextos de sua vida cotidiana.

Fluxograma 2 – Categorias de gêneros textuais nos sete cadernos – visão geral



Fonte: dados da pesquisa (2011).

A produção concomitante de diversos gêneros permeia todo o percurso literário produzido pela escritora Da Paz Oliveira e representa suas maneiras de “dizer o mundo” sob o olhar de sua consciência instintiva em forma de conversa com seus leitores, materializada a partir de poemas em prosa, ao mesmo tempo em que lida com a linguagem como meio para descobrir-se como escritora sob a perspectiva, ora de seu poder rememorativo, que por mais simples que pareça, às vezes, enrosca pontos para o qual as ideias não convergem, ora vêm à luz a percepção e a harmonia. E assim, na labuta mental e no desfrutar da liberdade imposta pelo poder do fazer poético, foram-se constituindo os cadernos poéticos.

1.3 O sujeito-autor

O sujeito-autor, Da Paz Oliveira, nasceu em 03 de junho de 1944, em Serra Negra, Bezerros - PE, Pernambuco. Sua inclinação para as letras surgiu ainda na infância, quando ela, influenciada pelo compromisso de corresponder às cobranças de sua mestra, interessou-se por letras e tornou-se, então, autodidata; assim, adquiriu e desenvolveu autonomia com relação à escrita. Concluiu em tempo hábil seu Curso de Admissão ao Ginásio. Como reconhecimento de seu autodidatismo, ganhou contrato como professora da Rede Municipal de Ensino aos 16 anos, em 1961, pelo então prefeito, quando fundou a Escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, tendo como sede a sala da própria residência e aí começou sua dedicação à vida pública. Em 1965, casou-se com o Senhor João Bosco da Silva, conseqüentemente, transferiu sua escola para a sala de sua nova residência. Paralelamente às atividades de educadora, evocava seu lado poético. Tardamente, apenas em 1977, ela ingressou em um Segundo Grau ofertado em sistema modular e semipresencial.

Buscando sobrepujar as dificuldades sociais que afetam a vida do homem rural e preocupada em manter padrão de vida considerável para si e sua família, manifestou o desejo de ir residir na zona urbana. Em 1979, mudou-se para a cidade de Bezerros, quando iniciou o Curso de Magistério, entretanto, não cursou graduação como forma de aprimorar seus conhecimentos por priorizar o trabalho e a família. Em 1981, ganhou um contrato na Rede Estadual de Educação.

Sua instituição na literatura começou a se configurar timidamente, quando participou da 11ª. *Edição do Concurso Talentos da Maturidade*, em 2009 e 12ª. *Edição do Concurso Talentos da Maturidade*, em novembro de 2010, ambos patrocinados pelo Grupo Santander Brasil e ao aposentar-se do exercício do magistério retornou à zona rural para residir em sua propriedade onde se dedica ao turismo rural e à poesia.

Lançou, em 25 de setembro de 2011, seu primeiro livro de poema em prosa “Meu Tesouro”, lugar em que se insere sua “função discursiva autor” a partir de textos que compõem o *corpus* desta pesquisa. Em suas produções, o “eu” emerge como “produtor da linguagem, produtor de texto” (ORLANDI, 1999, p. 77). Seus escritos apresentam dimensões da língua que também refletem sua identidade,

numa relação entrelaçada entre sujeito “mergulhado nas veredas da escritura” e suas relações com a língua.

Em 04 de outubro de 2011, o professor, escritor e historiador Ronaldo José Souto Maior, valorizando a “função-autor” e sua vinculação à “exterioridade do dizer”, lançou sua impressão sobre a obra “Meu Tesouro”, escrevendo em um especial para o *Bezerros Hoje*⁶ um artigo intitulado *A arte de escrever*.

Como reconhecimento social máximo da sua contribuição com uma obra de gênero e valor literário, em outubro de 2011 foi indicada como neoacadêmica para a cadeira de número 25 da Academia de Letras, Artes e Ofícios Municipais de Pernambuco – ALAOMPE, e em 15 de novembro de 2011, em sessão solene, tornou-se acadêmica efetiva, ocupando a cadeira de número 25, tendo como patrono Ubirajara Raposo Monteiro.

Os autógrafos dessa *scriptor*, realizados em condição de produção naturalística, representam uma cultura baseada predominantemente na oralidade, entretanto, não podemos negar uma linguagem subjetiva que pressupõe conhecimento literário, consequência de seu envolvimento em práticas sociais de leitura e de escrita, adquiridas, principalmente, com o exercício do magistério. Este fato delineou o início de uma trajetória de vinte e sete anos dedicados ao exercício do ensinar ler e escrever, tema também presente em seus manuscritos. Essa atuação profissional frente ao ensino influenciou particularmente o *corpus*, os sete cadernos – coletânea de manuscritos. Como educadora, na trajetória possível e com as limitações da vida rural, aprendeu a cultivar vários dos saberes necessários à sua prática educacional através do enriquecimento literário que aos poucos foi sendo transposto para sua coletânea.

Da Paz Oliveira produz seus textos a partir de seu lugar social, colocando-se na função enunciativa de autora e exercendo a função-autor. Nessa perspectiva, segundo Orlandi (2001, p. 21),

se a função autor é a que torna o sujeito mais visível, o mostra mais afetado pelas determinações sociais, e é de quem se cobra a responsabilidade pelo texto produzido (pelo que disse), também o texto é o lado mais visível do discurso, o que se organiza segundo injunções da sociedade, das instituições e que se apresenta com dimensões e textura. [...].

⁶ Jornal eletrônico que funciona no sítio: <http://www.bezerroshoje.com/>: http://bezerroshoje.com/noticias.php?start_from=80&ucat=&archive=&subaction=&id=&. Acesso em 04 de outubro de 2011.

A função autor se constitui em sua forma afetada pelo seu meio, emergindo de um futuro já presente, colocado à disposição do sujeito autor, seguindo uma causa final ignorada e que de forma inesperada afirma um porvir poético.

A “Poetisa das Campinas”, autodefinição registrada em um de seus textos, não hesita em recitar seus poemas àqueles que visitam sua residência rural - refúgio de inspiração para a maioria de suas produções literárias. Seus temas abordam e registram lembranças que chegam à sua mente antes de deitar e que bisbilhotam seus pensamentos e sentimentos até mesmo antes de dormir.

Suas poesias resgatam leveza, criatividade, provocações, coragem e esperança que perfazem o dia a dia da *scriptor* através de assuntos pautados na ética e na dignidade. A integridade dos rascunhos, com rasuras, borrões e reformulações, preserva ineditismo de textos que abrangem enredos inesperados nos quais se sobressaem imagens de lembranças pessoais, do cotidiano, para descrever lugares, emoções, pessoas, infância, recordações da infância aos dias atuais, cenários da natureza, encantos da vida, o homem do campo, a vida do campo, o próprio fazer poético, a valorização de temáticas que abrangem leitura, criança, idoso, amigos, família, religião, fé, perdão, profissões, política, morte e vida, amor, ódio, turismo, planos, sonhos, pensamentos e até mesmo os próprios poemas; refletem um processo de criação instituído de labor artístico, representativo de sua labuta mental e retrata o modo de conceber seu processo criativo através de palavras rimadas enfim, encantos da vida vistos subjetivamente e representados poeticamente.

Fundamentalmente, a imagem da natureza, “oásis privilegiado” e rico de “ideias abundantes” – árvores, gramas, arbustos, pássaros, besouros, animais, jardins, flores, campos, montes, horizontes, ventos, brisas, chuvas, águas, ondas, luas, estrelas, universo, rios, mares, serras, pedras, primaveras, invernos etc. – “ornamentos da natureza” que “enfeitam os versos” da poetisa, adornam seu eco poético para o mundo, seja com um “aroma que acalma”, seja com o encanto das “belezas do criador”⁷ ao mesmo tempo em que patenteiam a identidade da poetisa Da Paz Oliveira.

Calil (2008) imprime em poemas um traço de singularidade e inventividade e

⁷ Todos os fragmentos deste parágrafo que surgem entre aspas são extraídos de “Meu Tesouro”.

vincula autoria ao movimento que indicia a criação em manuscritos, alçando o lugar que o sujeito ocupa como *scriptor* a uma posição mais visível, em que as pressões do funcionamento da língua e do discurso revelam-se sob e sobre aquilo que se escreve (CALIL, 2008, p. 146).

O fazer poético cultivado por Da Paz Oliveira já alcança uma obra extensa numericamente, paulatinamente fecundada e lapidada. Esta escritora não abre mão da expressividade que lhe é peculiar. Ela se realiza com seus escritos, sejam em prosa ou em verso, e permanece numa busca, desde a adolescência, da realização da impulsão dos sentidos emocionais e subjetivos através da escrita.

2 A CRÍTICA GENÉTICA: OBJETIVOS E EXPANSÃO

A Crítica Genética, entrelaçada ao contexto francês, teve início em 1968, quando Louis Hay conquistou novos pesquisadores originados da própria linguística para analisarem os manuscritos do poeta romântico alemão Heinrich Heine. Para Hay (2007), a Crítica Genética é um campo propício para pesquisas que analisam processos de criação de textos e

deve penetrar nos mecanismos mais sutis de um processo muito estranho, o da criação dos textos que nos confronta com questões de outra amplitude: a natureza e os limites da linguagem, a relação de uma obra com uma cultura e, em última análise, do indivíduo com seu universo (HAY, 2007, p. 71).

O final dessa década também destaca estudos textuais os quais se distinguem por revestiram-se de atributos que caracterizaram uma reflexão sobre processos de criação, desde o pensamento à concretização da escritura de uma obra. Assim, o processo de construção textual se fortaleceu com contribuições da Psicologia Cognitiva e a partir da década de 80 do século XX priorizou *o ato da escrita, o texto como processo*, em detrimento do texto somente como produto, com *o modelo processual de escrita*⁸ de Hayes e Flower (1980, p. 3 a 30).

Assim, desde a década de 60 do século XX, a Crítica Genética apresenta uma visão para manuscritos literários dirigida para o processo de criação. Essa perspectiva diferencia da Crítica Textual (Filologia, Ecdótica, Paleografia, Diplomática etc.) que investiga sobre as origens de um texto ou de um documento para considerar e restituir configurações e mensagem quando ameaçados de perderem sua integridade. Logo, desde 1968, os manuscritos literários estão inseridos na história da França e ganham espaço nas pesquisas para a política educacional daquele país. Como consequência, em 1982, é criado o Institut des Textes et Manuscrits Modernes⁹ (ITEM), vinculado ao Centre National de Recherche Scientifique¹⁰ (CNRS), na França, sob a liderança dos pesquisadores em manuscritos literários Proust, Zola, Valéry e Flaubert. Assim, a França passa a ser o grande centro de estudos dessa área e uma referência para o mundo.

⁸ Cognitive process model: esse modelo permite um autor textual tomar decisões de inserir, substituir, acrescentar, excluir elementos textuais, enfim, operar reformulações.

⁹ Instituto de Textos e Manuscritos Modernos

¹⁰ Centro Nacional de Pesquisa Científica.

Para o Brasil, a Crítica Genética tem como marco o “I Colóquio de Crítica Textual: o manuscrito moderno e as edições”, ocorrido na Universidade de São Paulo, em 1985, dando abertura para a transdisciplinaridade da Crítica Genética. A constatação básica em que ela se fundamenta é que o texto definitivo de uma obra é resultado de um trabalho que se caracteriza por uma transformação progressiva a partir de um complexo processo de investimento, tempo, dedicação e disciplina por parte do escritor.

Também no Brasil, o professor pesquisador Eduardo Calil desenvolve estudos na área desde a década de 90, o que levou à criação do Grupo de Pesquisa ET&C, fundado em 2002, que apresenta vínculos com a Crítica Genética e outros campos do conhecimento com estudos sobre escritura. Seus trabalhos neste campo têm abordado a questão das rasuras como reformulações, com destaque para a investigação de versões e manuscritos de textos escolares e suas rasuras, para construir sua gênese e história.

Willemart (2008), em um artigo intitulado “A crítica genética hoje”, ilustra a conjuntura da Crítica Genética no Brasil. Segundo seu estudo, livros e revistas recentes, anais de congressos ou colóquios publicados por membros da Associação dos Pesquisadores em Crítica Genética (APCG), ex-APML¹¹ (Associação dos Pesquisadores do Manuscrito Literário), mostram a conjuntura que estrutura a pesquisa no universo sem fim da criação humana. Seu estudo enfatiza também que o objeto da crítica genética não é fundamentalmente o que antecede a obra, mas os processos de criação e, enfim, esclarece sobre o lugar essencial da crítica genética na era do computador a partir da análise de rasuras ou substituições em discos rígidos.

Esta contribuição destaca a expansão gradativa da Crítica Genética que oferece um novo campo promissor a estudiosos do assunto, especialmente críticos

¹¹ Desde 1985, ano de fundação, a APML, atual APCG, dedica-se a estudos sobre manuscritos literários. No entanto, no decorrer das pesquisas e com a integração de novos membros, notadamente pesquisadores da PUC de São Paulo que estudam as artes e as mídias, a APML operou três mudanças, e percebeu, primeiro, que o estudo da crítica genética não abrange necessariamente e somente os manuscritos literários, mas o universo sem fim da criação humana, incluindo as artes, a literatura e até mesmo a mídia; segundo, que o objeto da crítica genética se concentra no estudo dos processos de criação que podem ser captados tanto nos rascunhos, croquis ou esboços quanto na obra exposta para o pintor, no texto publicado para o escritor, na dança executada para o dançarino ou no jogo do ator para o teatro etc., sem o estudo obrigatório do que antecede as obras; terceiro, que a crítica genética ainda é possível na era do computador, já que o disco rígido mantém todas as mudanças provocadas pelas rasuras ou substituições do escritor (WILLEMART, 2008).

literários, pesquisadores interessados sobre a natureza da linguagem em seus múltiplos estados.

A Crítica Genética, segundo o dossiê da SBPC de 2007 (WILLEMART, 2008, p. 133) abre-se a campos bem distintos, como a “crítica literária, a correspondência e a biblioteca dos escritores, a história e a sociedade, os acervos de músicos brasileiros, as artes plásticas, a dança, o teatro, a fotografia, a música, a arquitetura, o jornalismo, a publicidade e as ciências da mente”, no intuito de contribuir com as “interações do processo com o pensamento e com todas as atividades do ser humano”.

É importante entendermos, no entanto, os princípios que parecem sustentar a Crítica Genética em qualquer campo de pesquisa:

a vantagem do recorte operado pelo pesquisador que se opõe ao estudo cronológico do manuscrito; a inserção progressiva do documento na rede de criação, articulando as lógicas distintas que surgiram no processo; o inacabamento inerente a qualquer texto; a visão dos manuscritos como palimpsestos; a vertigem do autor equilibrada pela busca da exatidão; a dissipação das estruturas anunciadas, reestruturadas sob a ação da racionalidade e da invenção; a produção de possibilidades nos manuscritos aventada pela busca do escritor; a tradução diferente da transcrição; o manuscrito visto como um sistema complexo e instável ou como uma reestruturação dos espaços (WILLEMART, 2008, p. 133 - 134).

Assim, entendemos que a Crítica Genética pode contribuir para toda e qualquer arte que esconda uma expressão de arte a ser desvendada com suas contribuições para desvendar processos que antecedem princípios inventivos.

Retomando o cenário francês, Fabre-Cols (2002) retrata sobre estudos de escrita, com ênfase para a gênese de manuscritos literários. Sobre esse aspecto, ela conclui que tanto escritores consagrados quanto escritores novatos escrevem por desejo, dentre outros aspectos, e não por questão de saberes linguísticos.

Para Grésillon (2007), a Crítica Genética instituiu considerações singulares na literatura francesa ao longo dos anos setenta, momento em que investiu em pesquisas sobre manuscritos literários e legou-nos estudos sobre o movimento de criação e hipóteses para desvendar o processo criativo do autor.

Grésillon (2007) apresenta definições sobre a Crítica Genética tomadas ao acaso de suas leituras sobre este assunto norteador de tantas pesquisas que envolvem o antetexto e as hipóteses sobre a “trajetória escritural do processo em questão”. Destaquemos sua primeira definição:

Analisar o documento autógrafo para compreender, no próprio movimento da escritura, os mecanismos da produção, elucidar os caminhos seguidos pelo escritor e o processo que presidiu ao nascimento da obra, elaborar os conceitos, métodos e técnicas que permitam explorar cientificamente o precioso patrimônio que os manuscritos conservados nas coleções e arquivos representam [...] (GRÉSILLON, 1991, p. 7).

A reflexão da citação ora apresentada alude ao fato de necessitarmos lançar um olhar científico sobre antetextos, “documentos autógrafos”, e a partir desse olhar desenvolvermos a construção advinda de um mergulho nessas fontes, “acervos”, de onde pode brotar valorosas contribuições tanto para o campo das ciências humanas quanto para o campo das ciências exatas, devido ao seu valor linguístico, histórico e cultural. A visão da referida pesquisadora, em uma segunda definição, nos afirma que

[...] o estudo genético confronta o que [o texto] é com o que foi, ao que teria podido ser, ao que quase foi, contribuindo assim para relativizar, de acordo com o desejo de Valéry, a noção de conclusão, para confundir o demasiadamente famoso “fecho”, e a dessacralizar a própria noção de Texto”. (G. GENETTE, *Seuils apud* GRÉSILLON, 1991, p. 7 - 8).

Este é o papel que deve ser exercido em pesquisas que se rotulam sob a perspectiva da Crítica Genética, os quais não podem antecipar a abrangência de uma investigação, devido à imensurável dimensão que um estudo genético – processo complexo e interminável – pode alcançar e nos deixar como legado para enriquecer pesquisas tanto no campo das Ciências Humanas quanto no campo das Ciências Exatas.

Por último, e não menos importante, a pesquisadora nos dá sua terceira definição sobre a Crítica Genética;

O que está em jogo é a variação dos estados, a confrontação de uma obra com todas as possibilidades que a compõem, tanto com relação ao que vem antes quanto ao que vem depois, é a mobilidade complexa e a estabilidade precária das formas. [...] o que importa é tentar compreender processos de invenção intelectual e estética que, através de tais atividades especiais, próprias de uma obra ou de um grupo de obras, podem caracterizar um gênero, um tempo, uma atividade cultural (J. NEEFS, “La critique génétique: histoire d'une théorie” *apud* GRÉSILLON, 1991, p. 8).

Daí entendermos ou tentarmos entender este campo de pesquisa como um campo que não promete desfechos, mas que sempre busca compreender o processo textual; processo que é, muitas vezes, esquecido, jogado, queimado, desprezado. Entretanto, quando encontrado em um lugar certo: “laboratório”,

"ateliê", "canteiro", "fábrica"..., transforma-se em processo de "gênese", "criação". É, pois, essa perspectiva que norteará o desenvolvimento de pesquisas nesse campo que, embora já tenha realizado muitas pesquisas, apresenta muitos aspectos e obras ainda não estudados e não explorados cientificamente.

Como ressalta Hay (2007, p. 41), o método da Crítica Genética destacou-se por uma massa de trabalhos empíricos consagrados aos manuscritos do autor. Também, a crítica moderna, ao mesmo tempo em que desenvolve pesquisas sobre a teoria do texto, consagra um novo interesse: volta-se para a relação entre texto e gênese, mecanismos de produção textual e reconstrução do processo de escritura. Assim, o manuscrito passa a constituir o objeto que rege os estudos da Crítica Genética. Ao analisar documentos escriturais devemos, segundo Hay (2007), perceber que

o manuscrito é de uma extraordinária diversidade, pertence a todas as etapas e a todos os estudos de trabalho, dossiês, cadernos, esboços, planos, rascunhos. Mas desde que o pensamento ou a imaginação os tocou, todos, do documento inerte, – dicionário, relatório – até a página inspirada, encontram-se dotados de vida e convocados a desempenhar seu papel num projeto de escritura (2007, p. 17).

Ao nos depararmos num processo de análise escritural devemos “apreender o movimento que dirige a escritura e pelo qual a gênese instaura suas significações” (HAY, 2007, p. 21) para extrairmos as várias possibilidades de desvendamento da tessitura do *scriptor* e inferirmos o percurso genético da obra.

No cenário brasileiro, Willemart (1996) destaca *scriptor*, em sua perspectiva, como *sujeito inconsciente da escrita*, que *grava as combinações que as próprias palavras sugerem, sem relação de causa-efeito e autor-obra*. Para ele, a autonomia da palavra poética domina o papel expressivo do poeta através de palavras que com energia e velocidade ao se deslocarem no poema demonstram a sua instabilidade. E assim, as palavras se unem e estruturam versos, desencadeando novos significados e sentidos delineados pelo poeta escritor.

A Crítica Genética Francesa avançou seus estudos na década de 90 e passou a reconhecer a escrita como um trabalho e a reescrita com o propósito de que aprender a escrever é aprender a reescrever, considerando essas visões aspectos diferentes de uma mesma atividade. Assim, essa ciência enveredou em

estudos que apreciam a gênese de manuscritos¹², o esboço, os rastros, a parte não apresentada na obra considerada “final” com o propósito de elucidar o processo que precede a criação através da investigação dos passos realizados pelo escritor. Logo, a reescrita e os rascunhos ganharam status nas pesquisas em Linguística e em Didática como enriquecedores de um processo educacional. Nesse contexto, a reescrita é considerada um fenômeno social capaz de contribuir para a interação entre sujeitos e alimenta pesquisas que tematizam teorias de enunciação e Crítica Genética.

Com o apoio da Crítica Genética, pesquisadores procuram ver e considerar as diferentes condições nas quais um sujeito escritor trabalha e o que pode influenciá-lo; o processo é valorizado, é privilegiado em relação ao produto considerado “final”; também, em textos poéticos, pesquisadores procuram detectar a própria poética que guia as estratégias de criação do autor. Nessa perspectiva, “estatuto de manuscritos de trabalho” é o conjunto de manuscritos de um escritor e esses manuscritos catalogados compõem o conjunto de “documentos genéticos” ou *avant-texte* de uma obra literária.

No âmbito desta pesquisa, o acervo que compõe o *corpus* ora investigado apresenta a compreensão de aspectos considerados relevantes em processos de reformulações decorrentes de labor textual nos manuscritos de uma escritora iniciante. A escritora, autora do *corpus* investigado nesta pesquisa, recebera o tratamento *scriptor* por ocasião da escolha do tema, no segundo semestre de 2010; porém, em setembro de 2011, a partir do lançamento de seu livro, o tratamento *scriptor* ganha a conotação ‘escritor’ devido à especificidade do seu uso no contexto desta pesquisa. Assim sendo, no decorrer deste estudo nos deparamos com o uso de ambos os termos, pois ora o sujeito é tratado como autor de manuscritos autógrafos, ora, como escritor.

Para melhor conduzir esta pesquisa, optamos por adotar algumas etapas, tais como: seleção de autógrafos para análise de processos de reformulação; organização temporal de textos avulsos, a partir de datas ou aproximação de materiais de suporte; digitalização e transcrição dos manuscritos usados como análises para melhor visualização dos movimentos de reformulação e para uma

¹² Partituras de música, esculturas, pinturas etc. também compõem estudos da Crítica Genética.

representação qualitativa da evolução do processo de reformulação através do uso de símbolos consagrados no processo representativo de reformulação.

3 MANUSCRITOS LITERÁRIOS: DA (DES)CONSTRUÇÃO DO “EU” À (NÃO)SEMELHANÇA DE OUTRO?

Sabemos que determinar a autoria de textos de escritores não é atividade nova no meio acadêmico. Essa atividade está primordialmente voltada a estudos religiosos, com o objetivo de determinar a autenticidade de textos da tradição cristã. Não sem razões, isso indica que a determinação de autoria é ocupação importante de filólogos, teólogos e, mais recentemente, também passou a ocupar linguistas e críticos literários.

A verificação de autoria de textos está enraizada nos hábitos intelectuais europeus. Existe lá um permanente e inesgotável exercício na elaboração de técnicas e métodos para determinação de autoria de textos manuscritos. No Brasil, cerca de 250 pesquisadores em 21 instituições (WILLEMART, 2008) têm trabalhos realizados nessa linha. Destacamos o Grupo ET&C, da UFAL, na linha de manuscritos escolares, que abrange, em suas pesquisas, os campos da Educação, Análise do Discurso, Teoria da Enunciação, Crítica Genética e Psicanálise.

Há pesquisas que apresentam o estudo de autoria baseado em palavras raras utilizadas pelo autor ou, ao contrário, uso abundante de determinado vocábulo como características estilísticas e isso tem contribuído para o estabelecimento de autoria de um texto; entretanto, nos textos selecionados buscamos aspectos de (não)evidências estilísticas quanto à (des)construção do “eu” à (não)semelhança de outro, através de itens comparáveis em processos de reformulações, representados por rasuras de adição, substituição, supressão e deslocamento, às quais, quanto ao espaço da folha de papel, podem se apresentar riscadas, sobrescritas, brancas, lineares, borradas, intercaladas dentre outras formas, conforme mostra Calil (2009), pois

o processo de rasuramento que está marcado nas práticas de textualização pode ser relacionado ao modo como os sentidos de um texto vão sendo costurados. Na teia de efeitos de sentido, há tanto impedimentos de determinadas rotas discursivas, quanto suspensões desses impedimentos, produzindo um constante deslocamento do sentido estabilizado, cristalizado. A posição autor está inserida nessa tensão constante e não seria estável do começo ao fim do texto, garantindo o tempo todo a unidade e a coerência, como um princípio dado pela exterioridade do dizer (2009, p. 169-170).

O conflito que um autor enfrenta para dar efeito de sentido a um texto é pertinente ao processo de criação textual, bem como é denunciador da tensão que

busca estabelecer superioridade do autor no momento em que a palavra rebela-se e gera um conflito que se apazigua e reacende, tornando mais ardente a busca pela completude textual. Ainda sobre rasuras, vários estudos têm mostrado que

o manuscrito literário traz uma materialidade proteiforme na qual a rasura se apresenta através de um caráter paradoxal, que está na simultaneidade daquilo que ela apresenta como perda e ganho. Ao mesmo tempo em que ela anula “aquilo que foi escrito, ela aumenta o número de traços escritos... Seu gesto negativo transforma-se... no tesouro de possibilidades, sua função de apagamento dá acesso a isto que poderá ser o devir de um texto” (GRÉSILLON, 1994, p. 67).

É desse tesouro de possibilidades que transborda a criação. A efervescência do processo de construção é fecundada como se um turbilhão de palavras disputasse um espaço singular e na peleja... a rasura; e na rasura... o processo; e, do processo... o resultado.

Assim, ao visualizarmos os manuscritos podemos inferir que os efeitos produzidos pelas reformulações estão, de alguma forma, representando a (des)construção do “eu”, pois assumem o lugar de produzir ou reformular movimentos que rompem ou estabelecem novas posições dentro do texto, acentuam o caráter do trabalho do escritor e contribuem para que o texto ganhe forma.

Tentaremos, então, adentrar na intimidade de um manuscrito do consagrado escritor francês Marcel Proust (1871-1922), visto, aqui, como patrimônio cultural, pois, segundo Calil (2008, p. 18), um estatuto de manuscrito pode conferir-lhe caráter de patrimônio cultural de uma sociedade, de uma época etc., se aquele que o escreveu alcançar algum reconhecimento artístico, social, científico, dentre outros, seja seu autor poeta, cientista ou escritor.

Em seus manuscritos, Proust sempre acrescentou comentários nas margens, sugerindo mudanças, reescrevendo e substituindo cenas etc. Daremos uma sintética amostragem de alguns aspectos constituidores da gênese textual do manuscrito *Sodome et gomorrhe*, de Proust, ao mesmo tempo em que exporemos um manuscrito da escritora Da Paz Oliveira como inserção de uma investigação genética introdutória para buscarmos evidenciar aspectos da (des)construção do “eu” à (não)semelhança do outro. Para dar conta desse percurso um tanto complexo, buscamos compreender e interpretar o que cada traço que se implica

mutuamente pode nos revelar nessa peleja, nesse combate, nesse desafio que se tece fio a fio.

3.1 Reformulação textual: as operações metalinguísticas

A Crítica Genética permite-nos inclinarmos nossos olhares para a gênese textual visto que os textos por si só não são suficientes, aliás, a própria palavra texto passou a ser substituída por “processo”, “escritura”, “relação” que consubstancia “movimentos” com o objetivo de enriquecer estudos genéticos e estes se apropriam de “textos” das Ciências Humanas, caracterizadores do processo de criação (rasuras, traços...). Tais “textos” são denominados “dossiês” e ganham apreciação na perspectiva das Ciências Exatas, a partir da visão específica da linguística e da literatura, para revelar “movimentos de criação”.

Os movimentos de criação em manuscritos são processos de reformulação textual que são embasados, segundo os teóricos da literatura, por quatro operações linguísticas norteadoras da gênese de um texto. Os manuscritos classificados cronologicamente compõem dossiês e contribuem para uma descrição ímpar de um olhar que busca compreender uma ordem, estabelecer uma reconstrução, transcrever, classificar, esboçar, discutir, decifrar e categorizar rasuras a partir de movimentos de reformulação, concatenando um conjunto de condições que favorece um processo de criação de um escritor.

É por esse caminho que vamos enveredar ao especularmos os manuscritos *Sodome et gomorrhe*, de Proust, e *Poema a Drummond* de Andrade, de Da Paz Oliveira, na tentativa de elucidar uma visão de um estudo de processos de escritura lapidados a reformulações que, segundo Fabre (1986, p. 69), a partir de outros teóricos da literatura, como Grésillon e Lebrave (1983), podem ser categorizadas em adição, substituição, supressão e deslocamento. Buscaremos apresentar as marcas, apagadas ou não, de um processo fértil e imprevisível entre os autógrafos e os *scriptors*. Faremos a decifração do manuscrito e a classificação e a amostra de rasuras significativamente reveladoras do processo de reformulação em manuscritos.

Calil (2009) nos conduz a interpretar o estudo das reformulações como algo imperativo, uma

necessidade de se pensar as rasuras presentes em práticas textuais como coisas que sobram, que transbordam, que não cabem no texto, no

enunciado, e que, no entanto, deixam uma espécie de indicação, de pista, de rastro, que apontariam não somente de onde se veio, mas também para onde se poderia ter ido (CALIL, 2009, p. 54).

Outro aspecto considerado é a visão do geneticista Willemart (1993, p. 61), na perspectiva da psicanálise, que admite que “a rasura, apesar de ser entendida como um fenômeno simples e comum entre os que escrevem, assume entre os escritores uma importância enorme na maioria dos casos”. O referido autor já havia tratado este assunto (WILLEMART, 1991) no artigo intitulado “A rasura, senha de entrada no mistério de criação”, em que trouxe à tona o que está na mente do escritor e que desabrocha através da rasura. Para ele,

rasura adquire uma importância excepcional porque constitui um dos momentos privilegiados de contato entre o escritor e esse mundo. Mundo vastíssimo, muito maior do que o texto publicado permite suspeitar, mas cuja vastidão o manuscrito deixa entrever. No entanto, são zonas desconhecidas que ultrapassam ao longe o próprio manuscrito, os cadernos de anotações ou a correspondência do escritor (WILLEMART, 1993, p. 99).

Uma das razões que nos levou a eleger como *corpus* específico deste capítulo autógrafos de Proust e Da Paz Oliveira e seus processos de escritura é analisar, a partir deles, o fazer textual constitutivo de interesses peculiares implicados materialmente com a aprendizagem dos traçados dos grafemas, do ajuntamento das palavras e frases e do aspecto semântico que enriquecem movimentos de reformulação.

Outra razão que destacamos é quanto à educação. Nessa perspectiva, a prática docente deve orientar para um desenvolver que inclua conhecimentos em matéria de criação e recriação textual indispensáveis para o desenvolvimento social e humano, além de incluir uma educação na perspectiva de um desenvolvimento que incite saberes linguísticos, com vista a conseguir o desenvolvimento e o domínio necessários ao exercício da cidadania.

E mais especialmente, se é verdade que a formação permanente é uma ideia essencial dos nossos dias, é preciso inscrevê-la para uma concepção mais ampla de uma educação concebida como condição de desenvolvimento harmonioso e contínuo da pessoa, entrelaçada nas relações entre educação e linguagem.

Este estudo segue a proposição metodológica de algumas categorias de análise estabelecidas nos recentes trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa ET&C. Entretanto, diferimos deste grupo que investiga a produção textual realizada

em sala de aula, pois investigamos textos cuja produção se dá em contextos naturalísticos do cotidiano.

A partir deste procedimento metodológico é possível considerar certos movimentos constitutivos de autógrafos, dentre os quais podemos citar aspectos linguístico-semânticos constatados em reformulações que perfazem as posições subjetivas de um *scriptor*. Observar o processo de escritura em um autógrafo, nesse sentido, pode contribuir, de modo significativo, nas análises de aspectos de reformulações que se estruturam ao longo do processo de escritura, posto que o *scriptor* interage com sua produção e esses aspectos podem manifestar-se com maior evidência nesse tipo de escritura.

Daí elegermos, para respondermos à demanda que move nossa pesquisa, processos de escritura de dois *scriptors* que revelam sua subjetividade em relação à língua, por considerarmos que esses sujeitos encontram-se imergidos na linguagem e em toda estrutura que a compõe.

Nos textos selecionados, operações de reformulação serão analisadas. Assim, consideramos pertinente dizer em que elas consistem quando rasuram ou anulam segmentos escritos em espaços em branco ou entre duas linhas do texto ou ainda em acréscimos na mesma linha para substituir por outro segmento ou para o eliminar definitivamente, bem como deslocamentos que são depreendidos na dinâmica da tessitura textual.

Estudos de reformulação foram sistematizados por Fabre (1986, p. 69) em operações de reformulação textual em quatro tipos, a saber:

a) *Adição ou acréscimo*: acréscimo de um elemento gráfico, acento, sinal de pontuação, grafema, palavra, sintagma, uma ou de várias frases que ajuda a corrigir erros por considerar uma limitação linguística inicialmente negligenciada. Fabre (1987) ajuda-nos a compreender *adição* ao afirmar que

a adição ou acréscimo é uma operação pela qual um elemento aparece em uma modificação sem substituir qualquer elemento de uma modificação precedente, de modo que a sequência AB de uma primeira situação torna-se, por conseguinte, uma das sequências XAB, AXB ou ABX nas situações seguintes. Ex.: Em “Um dia”, obtém-se, por adição simples: “Um belo dia” (1987, p. 2).

Segundo a referida autora, pesquisas em manuscritos com escritores pouco experientes constataram ausência de rasura de adição ao passo que estudos em manuscritos de escritores adultos experientes concluíram que a adição é uma das

reformulações mais representativas; Grésillon (2007, p. 329) afirma que “acréscimo é a expansão sintática e semântica por inserção de palavras, sintagmas ou frases suplementares”.

b) *Substituição*: supressão, seguida de substituição por um termo novo. Esta operação se aplica sobre um grafema, uma palavra, um sintagma, ou sobre conjuntos generalizados.

Podemos classificar a substituição em subcategorias como *substituição riscada*, que se dá através de um traço ou traços que suprimem letras, palavras ou textos, mas, ainda assim, podemos recuperar o entendimento do termo rasurado.

A *substituição à frente* ocorre quando assinala o processo de substituição de elementos textuais em que o substituto se coloca à frente do substituído; uma vez que se verificou no momento da escrita, é um fenômeno de substituição em processo de construção textual.

A *substituição na entrelinha* ocorre quando indica o processo de substituição, pelo autor, de elementos textuais em que o substituto se coloca na entrelinha por cima do substituído (raramente na entrelinha inferior), em virtude de o espaço à frente já estar ocupado; por isso, é considerado um fenômeno de substituição de segundo momento.

A *substituição por sobreposição* se dá quando marca o processo de substituição de elementos textuais em que os traços gráficos do substituto adaptam todos ou alguns traços do substituído; na prática, o novo elemento ocupa o espaço da anterior.

De forma sucinta, Grésillon (2007, p. 334) define que “substituição é a operação pela qual se troca um segmento, que geralmente é riscado, por outro; sinônimo: “troca”.

c) *Supressão*: retirada, sem substituição, de um elemento textual; pode ser aplicada sobre unidades diversas. A supressão é o ato de eliminar um elemento introduzido por engano no texto. Para a crítica genética, designa o processo de eliminação pelo autor de texto já escrito através de rasura ou riscado. Pode ser materializada ou não: quando o autor elimina texto por riscado, a supressão é materializada; mas quando o faz na passagem de um testemunho genético para o que se lhe segue no processo, é não materializada.

Segundo Grésillon, “supressão é uma operação materializada geralmente por um traço de risco; mas existe também supressão não materializada por um traço,

por exemplo, entre duas versões sucessivas, uma unidade dada pode ser abandonada” (2007, p. 334).

d) *Deslocamento*: classificamos como deslocamento o processo de transferência, a permuta de elementos que modifica uma ordem de elementos textuais em um processo de encadeamento efetuado geralmente no momento de escrita. Segundo Grésillon, “deslocamento é uma operação que consiste em trocar de um lugar uma unidade já escrita, por exemplo, transportar um episódio para uma outra parte de um romance” (2007, p. 330).

O autor subdivide a rasura em três formas: “riscada”, “borrão” e “branca”. Em sua concepção, a primeira é imediatamente visível e permite em geral ao leitor restituir o escrito rasurado; pode ser uma linha de rasura ou outras formas que signifiquem anulação. A segunda, também imediatamente visível, mas não permite restituir o escrito primitivo, é a rasura borrão, em que a tinta cobre a unidade escrita com uma mancha preta. A terceira admite acesso aos termos rasurados, mas de alguma forma imaterial, em todo caso não visível ao primeiro olhar; realiza-se através de reescrituras sucessivas, frequentemente feitas sobre fólios diferentes, sem que as versões “ultrapassadas” sejam marcadas como caducas.

3.2 A relação sujeito-língua

A concepção social discursiva da língua em processos de ensino da relação sujeito/língua, numa perspectiva sociointeracionista, envolve as mudanças discursivas constituidoras de modelos sociais para que aprendizes aperfeiçoem a capacidade de lidar com a pluralidade de expressão linguística com autonomia intelectual e demonstrem capacidade de análise crítica, interpretativa, produção proficiente de textos e explicação de fatos linguísticos a partir dos rigores da investigação científica.

Nesse contexto, a relação sujeito/língua envolve ações de natureza linguística e sociocognitiva que facultam ao sujeito se mobilizar como verdadeiro ator social, abordando questões relativas à produção de texto, sentido de leitura e problematização de textos que investigam as modalidades escrita e falada da língua, interligadas por questões semânticas.

Nessa perspectiva, consideramos que o mundo é representado pela relação sujeito-língua que dita padrões estéticos, culturais e, nesta pesquisa, especificamente, padrões linguísticos e literários, por meio das

palavras que se encontram e se defrontam no espaço limitado de um verso, desencadeando novos significados e sentidos, através até de figuras retóricas, como a metonímia e a metáfora: “São maneiras usadas pela língua para evoluir e inovar, o que ressalta a importância dos poetas numa cultura” (WILLEMART, 1996, p. 29).

Neste sentido, o encontro entre o escritor e a palavra vai sendo negociado, planejado na invenção e na reinvenção da escrita, na transformação e no jogo de palavras e com as palavras. Assim, o escritor se permite rever e reformular seu texto e exercer sua autonomia intelectual e capacidade de lidar com a palavra. Ainda nessa perspectiva de relação entre sujeito e língua, Calil (2008) afirma

que essas instâncias se entrelaçam a partir de uma estruturação fundamental, a saber: o outro, como representante do funcionamento linguístico-discursivo; a língua: que se manifesta pelos processos metafóricos e metonímicos; e, finalmente, o sujeito aí inscrito, sujeito aos movimentos previsíveis e imprevisíveis [...] (2008, p. 115).

Também convém lembrar a perspectiva bakhtiniana sobre a questão da subjetividade, visto que o sujeito tem ampla autoridade na formação do enunciado.

Assim, o *querer dizer* do sujeito pode marcar sua individualidade no processo de autoria, visto que,

em qualquer enunciado captamos, compreendemos, sentimos o intuito discursivo ou querer dizer do locutor que determina o todo do enunciado: sua amplitude, suas fronteiras. [...] O intuito, o elemento subjetivo do enunciado, entra em combinação com o objeto do sentido para formar uma unidade indissolúvel que elimina, vincula à situação concreta (única) da comunicação verbal, marcada pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individualizados e suas intervenções anteriores: seus enunciados” (BAKHTIN, 2000, p. 300).

A emergência da palavra realiza o “querer dizer” do sujeito em suas práticas de textualização. Este “querer dizer” produz sentido determinando o necessário para o surgimento do objeto discursivo; todo esse processo se perfaz marcado pelas peculiaridades subjetivas carregadas pelas influências anteriores. Toda essa articulação deve ser considerada no que dá estrutura ao sujeito e ao produto.

A educação e a relação sujeito/língua são dimensões que perfazem o educar, o desenvolver, o instruir, o humanizar. Todas essas perspectivas abrangem o conhecer. Portanto, educar é descobrir e construir conhecimento e esse conhecimento deve nos levar a sentir, pensar, viver e desenvolver competências linguísticas e sociais.

A natureza da relação sujeito/língua nos processos de produção textual pode oferecer contribuições para as interfaces entre educação e linguagem no sentido de educar a sensibilidade para o estado da admiração do sublime, o estado poético, não apenas para ler poemas, mas para pensar por analogias, por metáforas, através da interação pela linguagem. Não sem razões a escritora exerce sua autonomia no vaivém de fazeres e reformulações que se completam ou, ao menos, buscam completude. Sendo assim, em termos de conhecimentos educativos, a educação e a relação sujeito/língua deve ser pensada para conceber saberes que unam objetividade e subjetividade, assim como o cognitivo e o afetivo. Nesse contexto, consideramos o acervo, *corpus* desta pesquisa, teoricamente significativo para estudos em Educação e Ciências da Linguagem, nesse sentido, também significativos por representar a atividade do sujeito na sua relação constituída com a linguagem.

Além disso, partindo do pressuposto de aprender processos de escrita, esta pesquisa pode contribuir para estudos na área de Educação e Linguagem, tendo como proposta uma temática que envolva processos de reformulação como enriquecedores do ensinar e do aprender, visto que o ensino linguístico em situações de refazimento de texto pode proporcionar apropriação de conteúdos e estratégias necessários à boa produção escrita: aspectos semânticos e sintáticos que estruturam a formulação coerente de processos de linguagem e que contribuem para um ser se comunicar com o mundo.

3.3 Comparação de manuscritos: Proust e Da Paz

Dentro dessa visão de análise, nesta parte da pesquisa, ousamos comparar traços de autoria, representados por reformulações, dentre outros aspectos, de um dos textos do consagrado escritor Marcel Proust, constituidor de um dos manuscritos de *Sodome et gomorrhe*, este, em par, “contracenando” com um

manuscrito da brasileira Da Paz Oliveira, apesar de seguirmos a crença de que “a escrita traz em seu bojo características únicas para cada sujeito”.

Aspectos de (não)evidências estilísticas quanto à autoapresentação manuscrita no que tange à distribuição do texto no papel possivelmente não podem classificar características da (des)construção do “eu”, entretanto, podem contribuir para alguém se constituir escritor ao captar sua singularidade num universo a partir destes mesmos aspectos em suas produções.

As características que configuram os pares de manuscritos a seguir permitem-nos inferir observações estilísticas quanto à distribuição do texto no papel, tipos de rasura, número de rasuras, forma textual (prosa ou verso), dimensões (não)estéticas, como os acréscimos textuais deslocados, marcas de trajetória individual, dentre outros aspectos. Todavia, nossa hipótese é que essa perspectiva não dá conta da questão, pois,

atividade realizada dentro de manuscritos manifesta os esforços do autor para chegar à formulação que ele julga a mais adequada para certa intenção de significação e, correlativamente, à conceituação que melhor satisfaça essa intenção (CULIOLI, 1982 *apud* CALIL, 2009, p. 60).

Seria plausível destacarmos neste momento da nossa investigação a visão de Bakhtin (1992), quanto às considerações sobre a relação do autor compreendida sob o ângulo das particularidades individuais que ela reveste neste ou naquele autor, nesta ou naquela obra, bem como a concepção de linguagem em Bakhtin (1988, p. 88), que afirma que a linguagem é um fenômeno inerente a qualquer e todo discurso e que, por meio de várias direções ou em seu caminho até o objeto, encontra-se com outros discursos e participa com eles de uma interação viva e intensa. Seria aceitável ainda discutirmos sobre os contornos que a palavra pode ganhar, como exposto por Bakhtin e Volochinov (1992), em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*:

[...] a palavra constitui-se como o signo ideológico por excelência, privilegiada pela consciência e pela comunicação entre os homens na vida cotidiana. [...] penetra em todas as relações humanas, registra as lentas mudanças sociais e é determinada pelas relações de produção e pela estrutura sócio-política. A palavra como fruto de criação ideológica de cada época histórica tem sua sobrevivência como signo vinculada à ideologia do cotidiano. Desta se alimenta e ganha novos contornos. Ainda que, em uma determinada época, uma palavra, uma obra literária, por exemplo, pareça adormecida, é do vínculo com a ideologia de uma outra época que ela pode renascer. A palavra está presente em todos os atos de compreensão

e em todos os atos de interpretação (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 34-36, adaptado).

Entretanto, a justificativa para a investigação desses aspectos se deve ao interesse de detectar semelhanças (homogeneidades) e diferenças (heterogeneidades) que podem ser agrupadas e podem determinar o rumo de novas pesquisas quanto ao processo de avaliação da qualidade de um manuscrito a partir de suas características e representações. Assim, dentre as várias referências teóricas que têm orientado essas pesquisas, Fabre-Cols (2002) referencia as teorias da enunciação (Beneviste, Culioli), além do dialogismo discursivo de Bakhtin. Tendo como base essas teorias, a análise de manuscritos mostra a possibilidade de reconstruirmos parcialmente o processo de produção textual a partir das marcas enunciativas inscritas nos rascunhos e nas rasuras dos manuscritos.

Conforme exposto adiante, organizaremos os manuscritos em pares: o primeiro contendo um manuscrito de um escritor reconhecido pelo cânone, aspecto que lhe confere supremacia relativamente ao segundo. Após esse apanhado inicial, teremos como propósito cotejar os achados nos manuscritos considerando que eles

estão marcados tanto pelo sentido constituído em um processo histórico-discursivo (processo de historicização de sentidos), quanto pelas concordâncias [...] que produzem estas articulações, isto é, pelas relações entre palavras (CALIL, 2009, p. 169).

Entretanto, visto que um dos manuscritos está grafado em um idioma diferente do português, e, portanto, está articulado em uma língua diferente, enveredamos por caminhos que inferem aspectos gerais. Assim, o resultado do cotejo está sintetizado em textos explicativos para melhor visualizarmos a compreensão dos aspectos de reformulação. Consideramos que, ainda que de forma incipiente, eles podem contribuir para uma reflexão que dê origem a novas formas de comparação entre textos de autores consagrados ou não, desde que aliados a embasamentos teóricos pertinentes a esta temática.

Ressaltamos que apenas um manuscrito de Proust já é sobremaneira importante para salientarmos as características da reformulação. Destacamos a excessiva quantidade de rasuras através de montagens e colagens, bem como sua contribuição para o estudo dos manuscritos.

Manuscrito em prosa, com rasuras de adição (periférica, intercalada, deslocada...), de substituição (através de sobreposições, intercalações...), supressão (riscada, borrada...), deslocamento etc. nas quais constatamos dimensões (não)estéticas através da materialização gráfica de movimentos singulares que consubstanciam as análises das rasuras dos manuscritos literários nas perspectivas textual, genética, funcional e estilística.

As operações de reformulação de adição e supressão se sobressaíram, permitindo visualizarmos um maior número de ocorrências. Essas marcas de reformulação revelam um trabalho sobre o texto e esclarece o sentido desse trabalho, mas não permite a reconstituição da intenção do *scriptor*, visto que elas têm caráter de indício que requer interpretação.

Empregamos este manuscrito com o intuito de refletir alguns aspectos de reformulação que explicitem a competência de escrita tanto em escritos canonicamente reconhecidos como os ainda não e esperamos com isso contribuir para outras reflexões acerca do tema deste capítulo.

Os dados armazenados na tabela 2 são relativos à rasura tanto por linha de localização como pela classificação do tipo a partir de dados extraídos dos textos periféricos do próprio manuscrito. Já os dados armazenados na tabela 3 são relativos à rasura tanto por linha de localização como pela classificação do tipo a partir de dados extraídos do texto principal.

As informações referidas nas tabelas serão mais bem compreendidas através dos fragmentos do manuscrito *Sodome et gomorrhe* reproduzidos em seguida e apoiados por textos explicativos; além dos dados numéricos, quantitativos, é imprescindível investigarmos as imagens que identificam, *in loco*, os aspectos de reformulação.

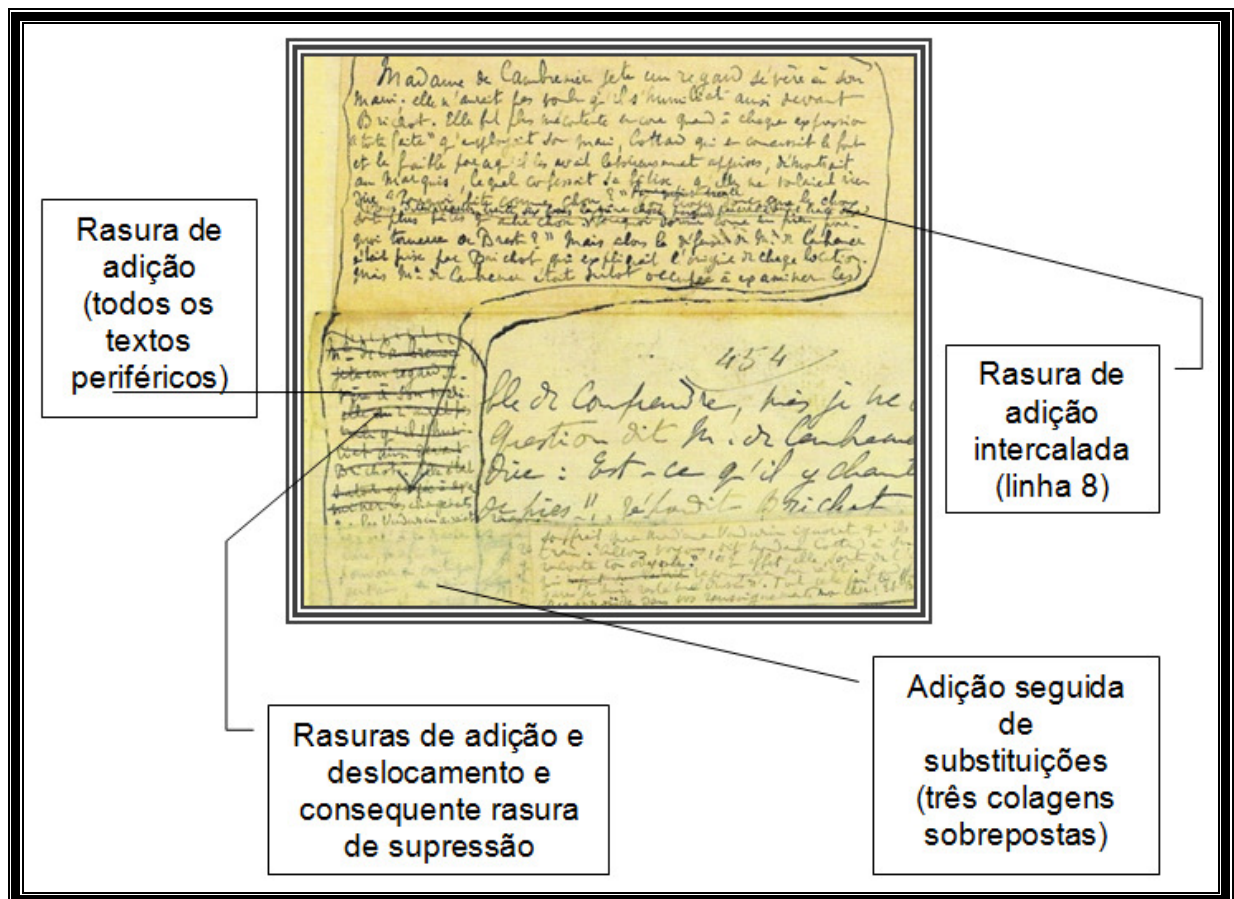
O percurso de rasuras é abarcado levando em conta uma representação de um contínuo caminhar, visando contribuir para a compreensão do processo genético de uma obra.

Tabela 2 - Aspectos da reformulação: Sodome et gomorrhe (textos periféricos)

Localização: linha(s)	Tipo de rasura
1 a 12	Adição (todo texto superior esquerdo + deslocamento)
13 a 21	Adição seguida de supressão
22 a 28	Substituição (duas colagens sobrepostas)
29 a 34	Substituição (colagem)
35	Supressão (riscada)
36	Supressão (riscada parcialmente)
40 a 56	Supressão (colagem)

Fonte: dados da pesquisa (2011).

Figura 2 – Fragmento 1 de Sodome et gomorrhe (textos periféricos)



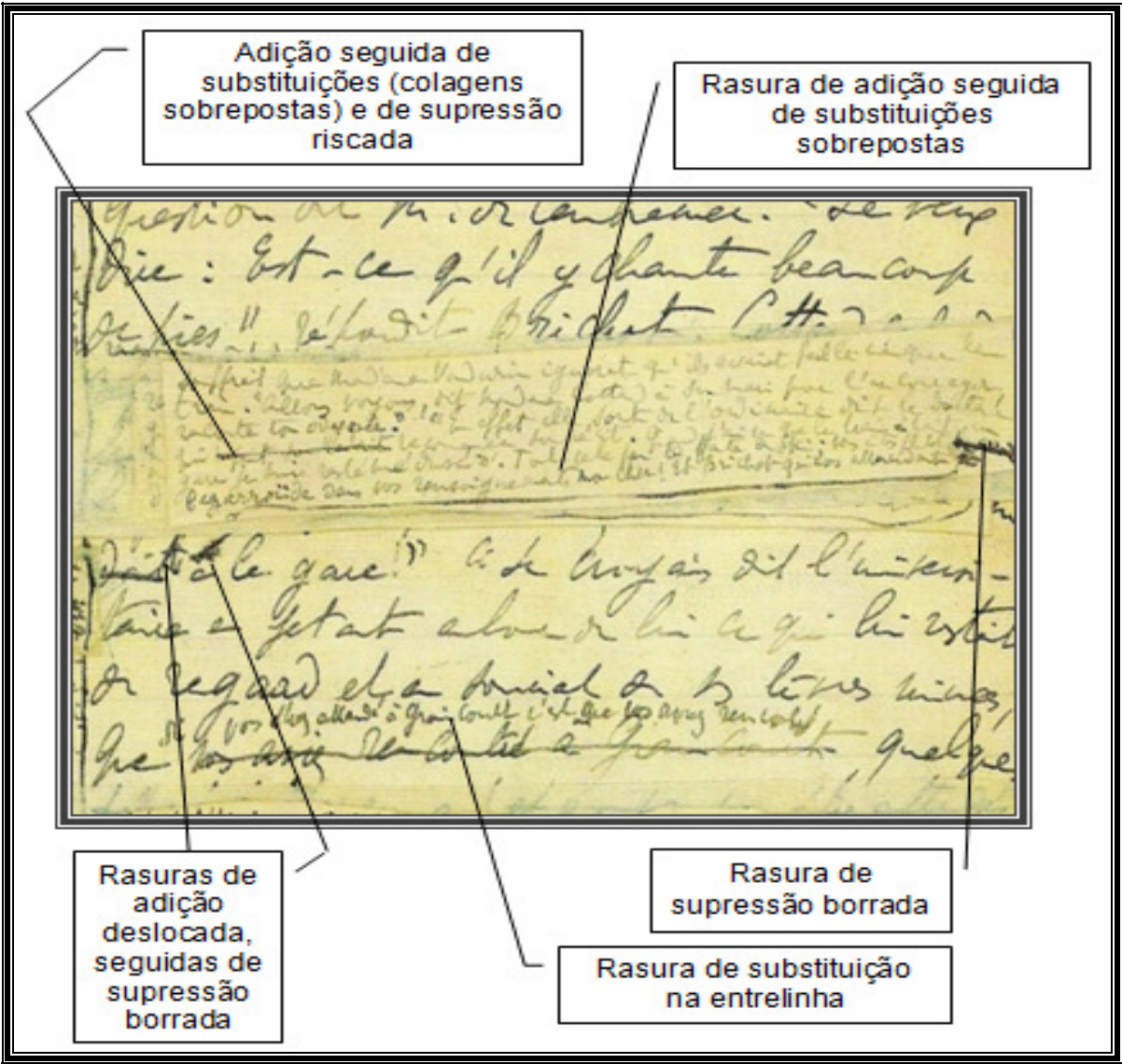
Fonte: dados da pesquisa (2011).

Tabela 3 - Aspectos da reformulação: Sodome et gomorrhe (texto principal)

Localização: linha(s)	Tipo de rasura
5 a 10	Substituição (duas colagens sobrepostas)
14	Substituição (sobrescrita)
15	Substituição
21, 22, 24, 26	Supressão
31 a 34	Substituição (sobrescrita)
35	Sobrescritas

Fonte: dados da pesquisa (2011).

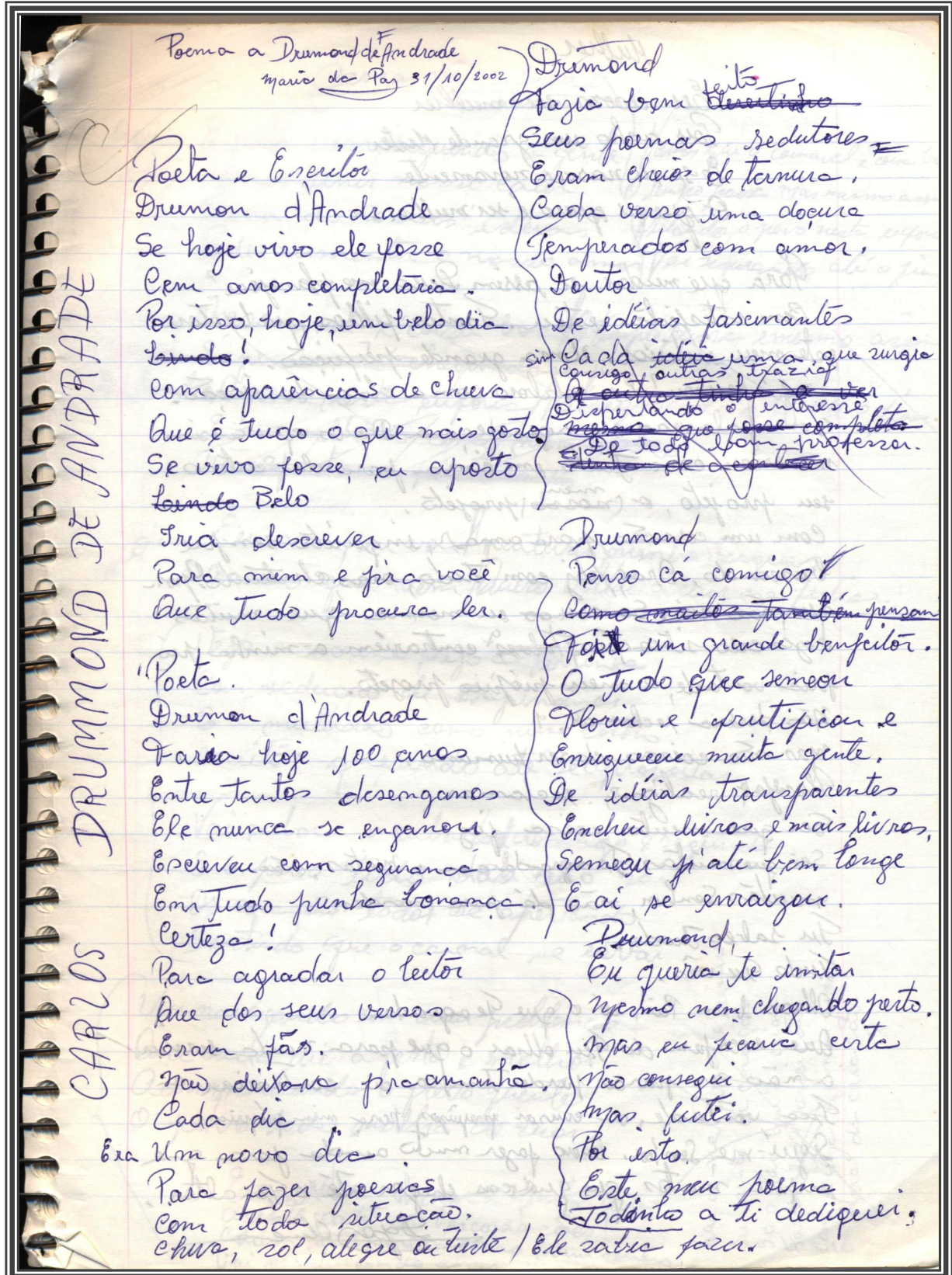
Figura 3 – Fragmento 2 de Sodome et gomorrhe (Texto principal)



Fonte: dados da pesquisa (2011).

3.5 Aspectos de reformulação no manuscrito de Da Paz Oliveira

Figura 4 - Poema a Drummond de Andrade



Fonte: acervo particular da autora (2011).

Tanto as análises sobre o manuscrito *Sodome et gomorrhe* quanto as considerações sobre *Poema à Drummond de Andrade* ora expostas em tabela e análises imagéticas fundamentam-se nas quatro operações de reescrita em suas diferentes formas sugeridas pela literatura pertinente, à luz dos referidos manuscritos autógrafos na busca por identificarmos quais dessas operações se sobressaem. Dessa forma, justificamos a necessidade de decompormos detalhadamente as reformulações (des)estruturadoras dessas e nessas produções textuais.

Tabela 4 - Aspectos da reformulação no *Poema a Drummond de Andrade*

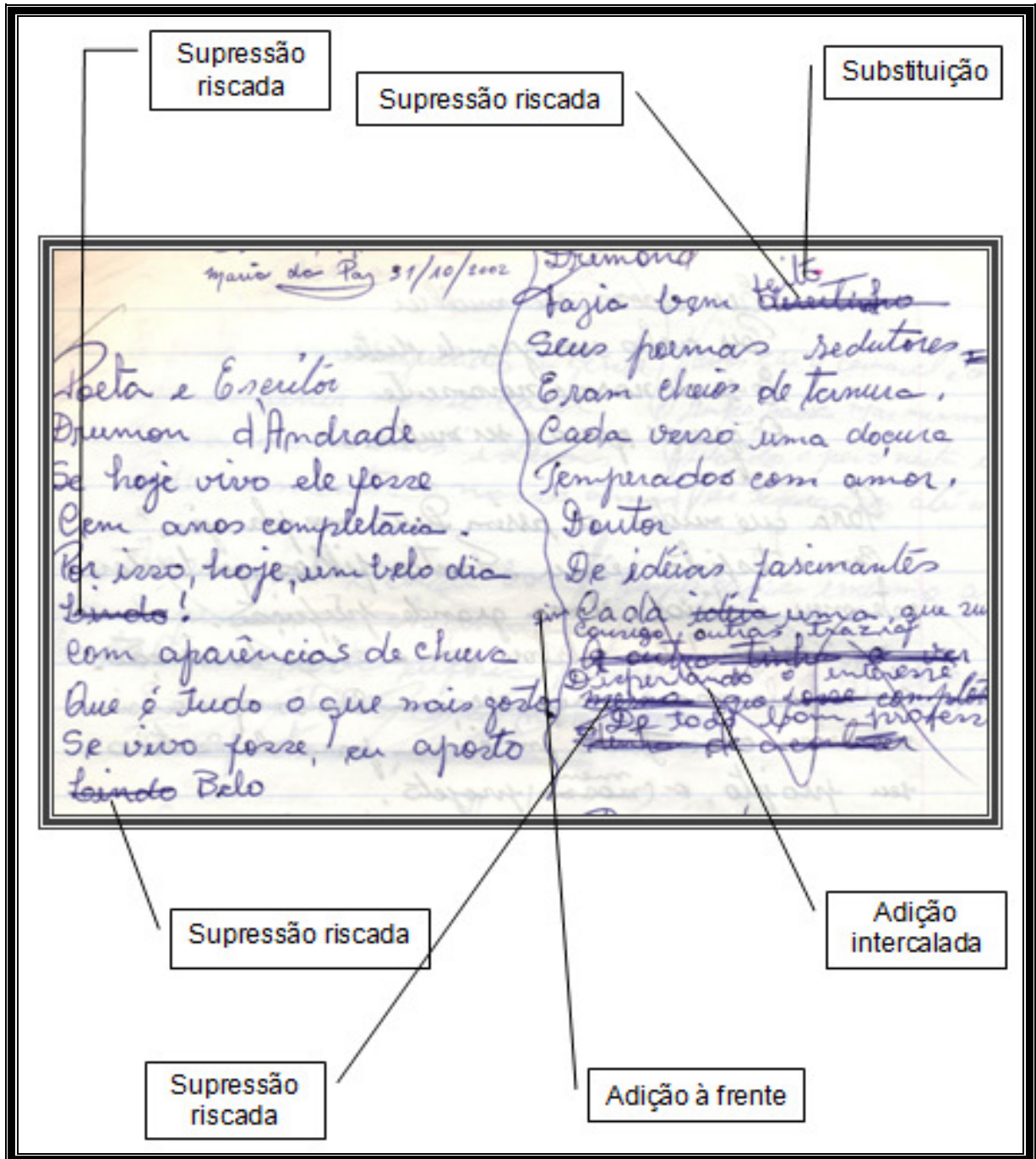
Localização: verso(s)	Aspectos de reformulação
6	Supressão
10	Substituição (linear)
16	Adição (rasura sobrescrita)
27	Adição (linear)
29	Substituição (rasura riscada + adição sobrescrita)
36 a 42	Supressão
45	Supressão
46	Substituição (rasura sobrescrita)
52	Supressão
62	Substituição (rasura sobrescrita)

Fonte: dados da pesquisa (2011).

Os elementos referidos nas tabelas serão interpretados com mais concisão se forem analisados os fragmentos do manuscrito *Poema a Drummond de Andrade* reproduzidos a seguir e esteados por textos explicativos.

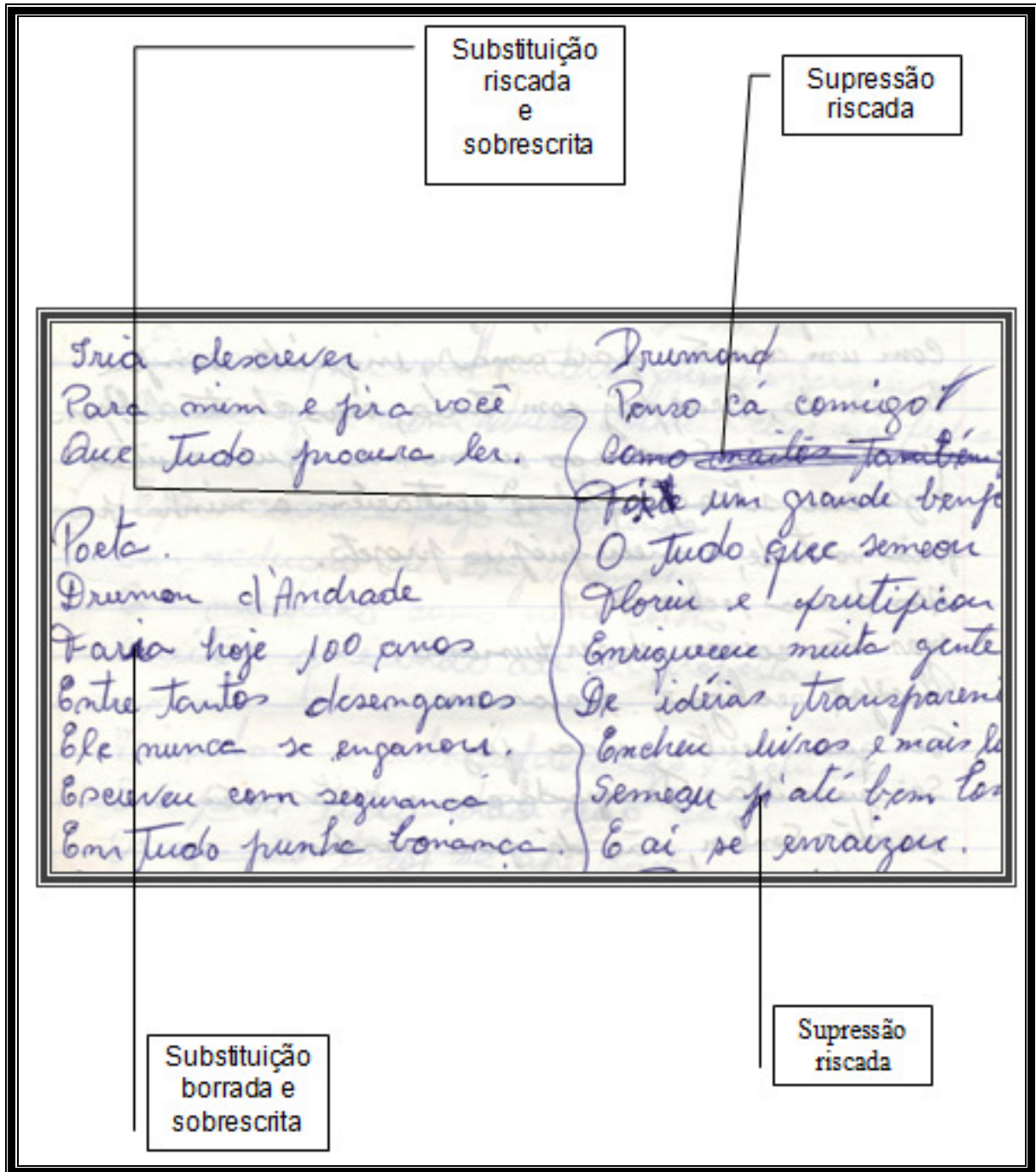
Através da análise comparativa, constatamos o levantamento dos dados dos movimentos de reformulação que concernem à gênese textual e que embasam quantitativamente a representação das tabelas. Trata-se de um resgate de características de uma construção genética que através de traços evidenciou um momento singular de gênese textual.

Figura 5 – Fragmento 1 de Poema a Drummond de Andrade



Fonte: dados da pesquisa (2011).

Figura 6 – Fragmento 2 de Poema a Drummond de Andrade



Fonte: dados da pesquisa (2011).

Figura 7 - Fragmento 3 de Poema a Drummond de Andrade



Fonte: dados da pesquisa (2011).

Sobre manuscritos literários e suas rasuras, Calil (2008) afirma que

estes textos, que têm o estatuto de manuscritos, pesam, de um lado, uma importância secundária, menor, que muitas vezes são tratados como “rascunhos”, “esboços”, “planos” em que aquele que escreve ainda está ensaiando o que será o texto final, definitivo, correto, limpo, enfim, publicável! De outro lado, mas associado a esse efêmero aspecto, a intimidade daquele que escreve é guardada nos manuscritos. Quase como uma confissão das dúvidas, um receio revelado pelas hesitações e rasuras,

eles trazem uma espécie de jogo de esconde-esconde entre aquilo que não se pretende mostrar, expor, divulgar, editar, publicar e o que se quer realmente que apareça (2008, p. 18).

Esta pesquisa observa as ocorrências de rasuras em suas particularidades, todavia, muitas delas convergem e se situam em contexto bastante próximo. Esse conjunto de modificações permite interpretar desde o esboço textual, que esconde os segredos do processo de criação de um poema no qual a autora não exige de si versificação ou rigor formal, nem linguagem rebuscada, até um texto em seu estado publicável.

Este manuscrito, publicado após nove anos de sua realização, prefigura considerações que vislumbram exaltar atributos ao ilustre poeta Carlos Drummond de Andrade em data natalícia centenária se vivo fosse, ao mesmo tempo em que a *scriptor* exalta a façanha poética drummondiana e o desejo de merecer igual reconhecimento.

A tentativa de expressar o desejo de merecer galgar a posição alcançada por Drummond transpassa a alegria de um leitor fanático e converte-se no desejo de ser escritor que, de fato, lança livros.

Os resultados até aqui apresentados corroboram com nossa perspectiva de que as reformulações realizadas são não só uma etapa que auxilia no processo de gênese de manuscritos, mas, o próprio processo.

O predomínio de rasuras em processos de reformulação caracteriza intensamente nosso objeto de pesquisa que por sua natureza pode enriquecer processos do ensinar e do aprender e, por essa razão, pode ser sistematizado e repassado em práticas textuais de processos de aquisição da escrita se houver como proposta uma temática que abranja processos de reformulação textual como ferramenta de aprendizagem, visto que estudos de linguagem a partir de processos de reformulação podem oferecer conhecimento de conteúdos e estratégias necessários a uma produção escrita com qualidades que estruturam a formulação coerente de processos de linguagem.

Para uma abordagem concreta sobre o manuscrito *Um poema a Drummond*, destacamos alguns aspectos da versão final publicada, segundo Koch (2004), na perspectiva da Linguística Textual.

O *Poema a Drummond de Andrade*, na hierarquia do sistema linguístico, é um texto poético estruturado por frases simples, dentro da concepção de base

gramatical; é produto “acabado”; meio específico de uma ação discursiva, de um ato de fala que mobiliza operações e processos cognitivos e lugar de interação entre o autor e o leitor, e sua construção se perfaz entrelaçada a uma rede de fatores de ordem linguística, cognitiva, sociocultural e interacional.

Esta versão final publicada esconde as marcas das reformulações e apresenta o lado simples, de sobriedade poética da autora, de forma clara, através de alusão nominal a Drummond, considerado um dos maiores representantes da literatura brasileira do século XX. Esse fato remonta à valorização poética de Drummond, poeta da primeira fase da literatura modernista brasileira, para consumir a admiração à plenitude poética alcançada por ele.

A Crítica Genética ensina que o processo de criação de um texto poético é sempre uma história íntima (e daí, o resíduo indecifrável que às vezes sobra nas mãos do intérprete) e uma história social enquanto partilha significações e valores com o outro, função primeira de toda linguagem (WILLEMART, 1993, p. 11).

Buscamos, neste momento da pesquisa, apresentar conceituações para perceber o poema em análise sem ditá-lo como verdade absoluta, mas como possibilidade de interpretar sob o prisma da linguística textual, imbricada a aspectos criativos literários.

Figura 8 - Poema a Drummond de Andrade

Um poema a Drummond

Poeta e escritor
 Drummond de Andrade
 Se vivo hoje fosse
 Cem anos completaria
 Por isso, hoje um belo dia,
 Com aparências de chuva
 Que é tudo que mais gosto
 Se vivo fosse eu aposto
 Belo verso iria descrever
 Pra mim e pra você
 Que tudo procura ler.
 Poeta, Drummond de Andrade
 Faria hoje cem anos
 Entre tantos desenganos
 Quase nunca se enganou
 Escreveu com segurança
 Em tudo punha bonança
 Decerto pra agradar o leitor
 Que dos seus versos são fãs.
 Não deixava pra amanhã
 Cada dia um novo dia
 Para fazer poesias
 Com toda situação
 Chuva ou sol, alegre ou triste
 Drummond bem feito fazia

Drummond fazia hoje cem anos
 E fazia muito bem
 Seus poemas sedutores
 Eram cheios de ternura
 Cada verso, uma doçura
 Temperados com amor

Da Paz Oliveira

69

Figura 9 - Poema a Drummond de Andrade

Doutor de ideias fascinantes
 Cada uma que surgia
 Consigo outras trazia
 Despertando o interesse
 De todo bom professor.
 Drummond, eu penso assim,
 Foi um grande benfeitor
 E tudo que semeou
 Floriu e frutificou
 E enriqueceu muita gente
 De ideias transparentes
 Encheu livros e mais livros,
 Semeou até bem longe
 E tudo se enraizou
 Drummond, eu queria te imitar,
 Mesmo não chegando perto,
 Mas eu ficaria certa:
 Não consegui mais lutei
 Por isso, bem satisfeita
 Digo de dentro do peito
 Que tenha jeito ou não tenha
 Este pequeno poema
 Todinho a ti dediquei.

3.6 Reflexões sobre manuscritos literários

Os manuscritos literários podem ilustrar movimentos do processo escritural que ao revelar “as pistas do fazer poético” também revelem a intimidade poética, pois à rasura é inerente desnudar não só a essência do texto, mas também do escritor. Seria esta a razão para alguns escritores terem tanto primor por seus cadernos, suas agendas e querer mantê-los a sete chaves dando-lhes suma importância como se fossem uma riqueza de valor sem igual? E quem teria a audácia de abrir tais relíquias para apenas espionar ou até ousar bisbilhotar? Ou ainda: quem se atreveria a riscar ou acrescentar algo? Por que o autor de um manuscrito a ele dedica tanto apreço se tal material é para muitos apenas um entulho a juntar traças que deveria ser posto no lixo?

Seria porque, em sua labuta mental, eles escrevem, reescrevem; exploram automecanismos de produção de sentido; registram combinações que as palavras por si só adequaram; desprendem energia e velocidade; concatenam ideias, delineiam sentidos, deixam-se influenciar por reformulações; constroem, desconstroem, estruturam, reestruturam, substituem, excluem; vestem e desnudam o texto; investem tempo e esforço; usam dinamismos peculiares para movimentar palavras, frases, parágrafos e neste embate deixam seduzir-se, realizar-se, deleitar-se no seu mundo com as palavras, com a escrita, com a criação reveladora de sua autenticidade poética?

Provavelmente, do ponto de vista da estilística, os manuscritos ora analisados poderiam fornecer bem mais elementos do que os aspectos que foram identificados, visto que a investigação genética já pode contar com programas “inteligentes”, como

processadores de textos, planilha eletrônica, bases de dados, ferramentas gráficas, *hiperlinks*, multimídia, reconhecimento das formas e especialmente para a elaboração de instrumentos pedagógicos ou ferramentas de assistência à criação. Enfim, além de usos possíveis sob forma de aplicações, a perspectiva genética parece, sobretudo, destinada a realizar uma junção histórica com a vasta e nova problemática das ciências cognitivas e das pesquisas sobre inteligência artificial. No horizonte dessas investigações, vemos perfilar-se uma convergência teórica que poderia constituir uma meta científica maior para nosso século (BIASI, 2010, p. 166-167).

Esta investigação nos conduz a dela tirarmos lições que pelo menos nos permitam caminhar no sentido de criar um mecanismo para averiguação tanto de textos de escritores não reconhecidos canonicamente como daqueles reconhecidos.

Como as diversidades subjetivas representadas nos manuscritos podem ser explicitadas e operacionalizadas por outros caminhos, como, por exemplo, a literatura e a linguística computacional, com este estudo esperamos contribuir para impulsionar novas possibilidades de pesquisa que nos permitam caminhar no sentido de criar um mecanismo para averiguação tanto de textos de escritores canônicos quanto não-canônicos, a partir de investigações baseadas em estudos feitos sobre dados estilísticos (qualitativos) em figuras de imagem manuscrita com o auxílio de aparatos tecnológicos.

A comparação entre os dois manuscritos serve para que compreendamos que tanto o escritor Proust quanto a escritora Da Paz Oliveira estão sujeitos a rasurar à medida que interagem com seus manuscritos, produzindo-os. Isso constata que rasurar é inerente ao ato da escrita, seja este realizado por mãos e mentes canonicamente reconhecidas ou não.

As rasuras dizem respeito às negociações feitas entre escritor e manuscrito sobre o texto e sua construção de sentido estabelecida a partir da interação escritor, texto e contexto que, ao se entrelaçarem, revelam o lugar social do escritor materializado pela língua e pela linguagem. Assim, o sujeito produtor textual se coloca na função enunciativa de autoria de um texto e revela sua função de autor.

O que o escritor apaga ou interpola na sua página pode bem representar uma concessão ao gosto dominante no círculo literário a que pertence, ou a que deseja pertencer; ou então, é gosto de obediência ou superego (moral, político, científico, religioso). As causas eficientes da escrita não se encontram fora da consciência autoral: são a sua própria regra ideal imanente (WILLEMART, 1993, p. 12).

Dentre tantas considerações sobre o escritor e o manuscrito, ressaltamos os dizeres de Willemart (1993, p. 97) sobre o assunto: “muito próximo do escritor, o manuscrito mostra claramente a mão que escreve, hesita, rasura, escolhe, rabisca, recomeça. Em nossa análise, tanto as mãos do poeta Proust, reconhecido pelo cânone, quanto as mãos da poetisa Da Paz Oliveira não demonstraram diferenças resultantes da competência poética e estilística, visto que suas práticas de construção textual se assemelham quanto ao emprego das reformulações.

Assim, poderemos continuar a busca de uma (des)construção de autoria e indicar as relações que se estabelecem entre manuscritos de escritores não-canônicos e canônicos para, a partir disso, (des)construir “eu(s)” intrínseco(s) a uma gênese textual e que com ela se confunde e se transforma em texto. Esses elementos talvez possam ser um lugar em que se mostra essa construção.

4 A REFORMULAÇÃO PELAS OPERAÇÕES METALINGUÍSTICAS NO POEMA *DE NATAL*

O poema intitulado “*De Natal*”, *corpus* desta pesquisa, figura o labor do sujeito *scriptor* num processo de gênese textual. Partimos da hipótese de que no manuscrito selecionado há elementos indicativos de um processo autoral que foram investigados quanto a indícios que possam demandar reflexões sobre movimentos de reformulação e processo de constituição de autoria, através da interpelação entre o autógrafo e seu *scriptor*, bem como possam oferecer contribuições para as interfaces entre educação e linguagem.

O texto poético *De Natal* gerou inquietações para realização desta pesquisa no sentido de buscarmos indícios do que se passa na mente do artista ao criar para remontarmos a gênese de uma obra e desvendarmos uma nova leitura dentro do propósito peculiar à Crítica Genética. Assim, pesquisamos indícios de autoria em seus processos, desde a metamorfose inicial do processo de criação até a versão final, focalizados, principalmente, do ponto de vista da Crítica Genética. Essa modalidade de crítica norteia os caminhos que atestam o processo da gênese de uma obra.

Nessa concepção, apresentamos uma investigação na produção poética *De Natal* e através dela buscamos legitimar o conhecimento científico a partir de uma análise que se consolida com a inspeção minuciosa dos processos de reformulação do *corpus* eleito, pois consideramos que a reformulação não só possibilita efetivas melhoras do ponto de vista textual, como também, e, principalmente, demanda uma resposta ao processo de compreensão da gênese textual. A investigação considera dados caracterizadores das reformulações como indícios de autoria e analisa-os seguindo a classificação de operações linguísticas de adição, substituição, supressão e deslocamento como uma marca textual, propostas por Fabre (1986), uma vez que esses dados de reformulação facultam indícios do processo que constitui a autoria na relação entre o sujeito e o manuscrito analisado.

Na publicação da obra *Meu Tesouro*, 2011, o poema *De Natal* apresenta-se da seguinte forma:

Figura 10 - Poema *De Natal*

De Natal (Música)

Chega o fim do ano
Festas Natalinas
Povo se prepara
Povo se anima

Dim-Dom
Todos a cantar (Bis)
Um feliz Natal
Vamos festejar

Chega o Ano Novo
Tudo recomeça
Sempre aqui ou lá
Tem alguma festa

Entra gente nova
Gente maiorzinha
Formam festas grandes
Ou pequenininhas

Criança animada
Cobra seu presente
Cada uma mexe
Com o bolso da gente

Ceia organizada
Pra toda família
Quase todo lar
Tem muita alegria

Então nas cidades
Em frente à Matriz

Figura 11 - Poema *De Natal*

Entre outras festas
Tem os pastoris

Azul e vermelho
Numa grande luta
Para ver quem ganha
Lá em frente à gruta

Aplauso, emoção
Gente em alegria
Celebra o Natal
De paz e harmonia.

Da Paz Oliveira (293)

A *scriptor* produziu seu texto em situação natural espontânea e o reformulou em níveis linguísticos apresentando movimentos que abrangem vocabulário, gramática, ortografia e pontuação, ou seja, aspectos do nível de *grafema* e de *palavra*. Nesse sentido, concluímos que um escritor pode aperfeiçoar suas escritas em situações em que reformulações de conteúdo e forma são realizadas simultaneamente, o que representa uma tendência mais atual.

Outro ponto importante é que a investigação abrange, ainda, aspectos ilustrativos de reformulação de interesses semântico-literários para elucidarmos indícios de autoria e percebemos que o ato inacabado da escrita possibilita uma visão dos processos de gênese textual, uma vez que a Crítica Genética cumpre o papel de buscar meandros da criação, materializados com marcas de rasura que podem revelar indícios do processo de criação literária. Por isso, buscamos desvendar a gênese textual e restabelecer as fases de escritura do manuscrito para mostrar o fazer linguístico-literário percorrido durante o processo de labor da criação textual uma vez que o manuscrito constitui o objeto físico principal do estudo da Crítica Genética, como testemunho privilegiado de todo esse percurso.

Nesta pesquisa procuramos, então, pelos princípios que regem o ato de qualquer criação artística e literária, adentrar e ver o caminho misterioso do processo mental do manuscrito selecionado para constataremos que as recorrências de rasuras encontradas ao longo da análise genética revelam a estética da criação própria do autor, mas não somente isso, revelam também as tensões internas e externas que contribuíram à criação poética.

Paralelamente, investigaremos a observação do singular, bem como hipóteses explicativas de aspectos que são captados através de indícios, uma vez que estudos sobre indícios de autoria pressupõem procedimentos de investigação para identificar, categorizar e analisar dados de rasuras a serem considerados como representativos da revelação das marcas de autoria deixadas pelo sujeito na escrita.

Este estudo busca tratar das características específicas de processos de escritura a partir da análise do manuscrito escolhido, vistos sob a ótica dos estudos literários de Calil (2008), através dos estudos de Grésillon (2007) e de Fabre (1986) sobre reformulação.

Destacamos também o pesquisador Willemart (*apud* CALIL, 2009) que destaca a dependência do autor com relação à sua própria escritura. Em suas pesquisas, ele

procura delinear uma teoria da gênese da escritura para mostrar como o autor de numa obra literária é tomado pela escritura: a relação entre o escritor e a gênese de sua obra não pressupõe o controle do primeiro sobre o segundo, na medida em que o autor, durante o processo de criação, perderia certa autonomia sobre sua própria escritura, passando a depender dela (WILLEMART *apud* CALIL 2009, p. 95-96).

O manuscrito *De Natal* representa um processo de elaboração que busca dar visibilidade à criação a partir de processos de reformulação. Nele analisamos as rasuras, bem como as incidências e as reincidências de rasuras que revelam indícios de autoria num processo de criação. Percebemos, nesse artifício, que os manuscritos, ao serem reelaborados num discurso, consolidam um processo seletivo que gera enriquecimento vocabular, tanto para enriquecimento linguístico quanto para valorização de aspectos literários, especificamente no que tange à rima. Quanto ao aspecto de reelaboração, esses escritos remetem a Willemart (1986) ao argumentar que o escritor ao reler seu texto é influenciado a ordená-lo no processo de escritura. Entretanto, a sensibilidade às influências de forças diversas que conduzem a reformulações e a capacidade de reorganizá-las ainda fazem do autor um ser autônomo que escreve, lê, dissemina e reconstitui sua autonomia num ritmo ímpar.

4.1 Categorização das rasuras no autógrafo *De Natal*

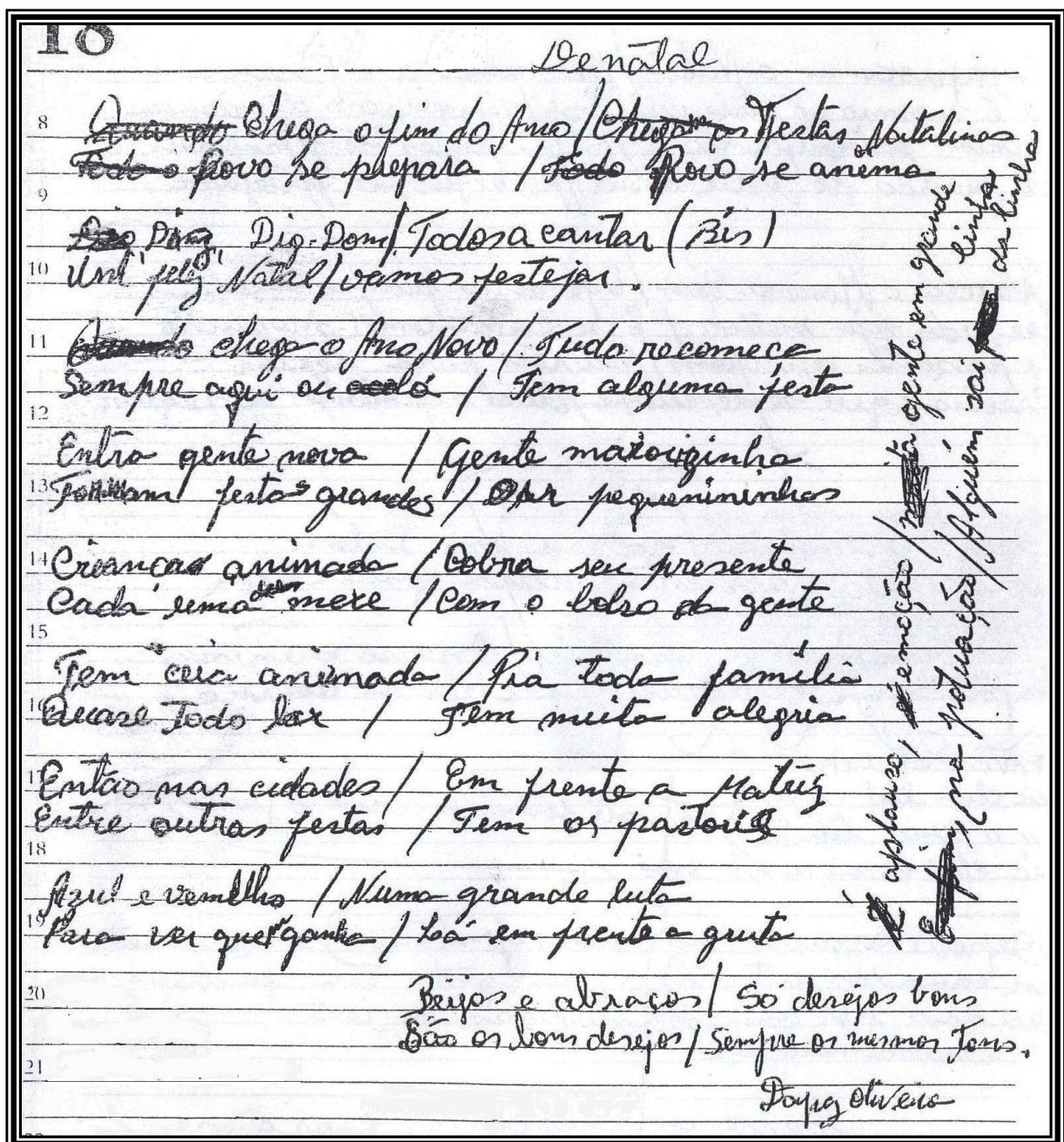
O poema *De Natal*, documento autógrafo que registra a gênese de um manuscrito na perspectiva da Crítica Genética, serve de ponto de partida para a análise desenvolvida neste estudo que, numa perspectiva ampla, se insere nas linhas de pesquisa sobre a escrita e seu processo de reformulação, porém, aqui aborda a reformulação, mais especificamente, a reformulação como indício de autoria em manuscritos literários.

O manuscrito selecionado possui marcas linguístico-discursivas que materializam efeitos de sentido com a finalidade de harmonizar textualmente o processo de significação. Nele constatamos algumas negligências ortográficas, entretanto, em função do objetivo deste estudo, tais negligências não são valorizadas nas discussões como negligências, erros, pois, conforme Calil (2008, p. 13), “os textos literários são objetos privilegiados quando se discutem os processos de criação”.

Consideramos como procedimentos de análise adotados neste estudo as operações linguísticas presentes em processos de reescrita textual, em conformidade com a sistematização proposta por Fabre (1986) entre outros. De acordo com essa sistematização, temos operações linguísticas de adição, substituição, supressão e deslocamento durante processos de reescrita.

Observemos a versão textual reproduzida digitalmente; ela antecipa de forma abrangente uma visão diagnóstica de um momento de labor mental e toda riqueza de detalhes dos movimentos representativos de um processo de gênese textual.

Figura 12 – De Natal – Manuscrito autógrafo



Fonte: acervo particular da autora (2011).

Apresentaremos a transcrição linear. Elegemos este tipo de transcrição por reproduzir o manuscrito com todos os seus acidentes genéticos, apesar de não respeitar a respectiva topografia do poema. Usaremos símbolos conforme a tabela a seguir, visto que eles transcrevem os elementos do original e ajudam a compreender o manuscrito.

Tabela 5 – Convenção para a transcrição de reformulações

Símbolo	Significado
< >	Acréscimo
§	Paragrafação
[]	Rasuras (de substituição etc.)
[< >]	Rasura e acréscimo
----	Supressão de segmento apagado ou riscado
# #	Deslocamento
(...)	Leitura duvidosa

Fonte: Fabre (1987).

Vejamos o que diz Grésillon (2007), sobre esse assunto:

A transcrição é a reprodução quase idêntica do original (salvo os tipos de caracteres e alguns outros indícios da escritura manuscrita), ela pode conter, assim como um original, somente traços cristalizados do escrito, portanto, não da escritura (2007, p. 169).

A transcrição tem o propósito de facilitar a leitura e ajudar as pesquisas genéticas; utiliza-se de símbolos que melhor estruturam sua apresentação. Para a realização deste tipo de atividade é necessário o estabelecimento de algumas normas, dentre as quais destacamos: fidelidade ao texto, uso de colchetes para as interpolações, uso de chaves para as letras e as palavras expurgadas, indicação das rasuras ilegíveis com o auxílio de colchetes e reticências, dentre outras.

Dentre vários tipos de transcrições, a saber: diplomática, que reproduz com total esmero a topografia dos elementos presentes no manuscrito; a semidiplomática, que não atende a todos os rigores da diplomática quanto aos aspectos topográficos, e a linear, que pode organizar prototextos¹³ que melhor reproduzam e interpretem o manuscrito, adotamos, nesta pesquisa, este último modelo citado por nos dar liberdade para tornar a versão mais legível e organizada. Este tópico ganha dimensão neste momento da pesquisa com a análise do poema *De Natal*.

¹³ Documentos autógrafos.

Tabela 6 - Transcrição linear - *De Natal*

De ɲ[N]atal	
1. § Quando < >[C]hega o fim do Ano / 2. Chegam as < >[F]estas Natalinas	
3. Tode e < >[P]ovo se prepara / 4. Tode < >[P]ovo se anima	
5. § Dig , Dimg , Dig-Dom / 6. Todos a cantar (Bis)	
7. Um [F]eliz Natal / 8. [V]amos festejar.	
9. § Quando < >[C]hega o Ano Novo / 10. Tudo recomeça	
11. Sempre aqui ou acelá / 12. Tem alguma festa	
13. § Entra gente nova / 14. Gente marioi[r]zinha	
15. Formam festa[s] grandes / 16. [/Ou/] pequeninhas	
17. § Crianças animada / 18. Cobra seu presente	
19. Cada uma deles mexe / 20. Com o bolso da gente	
21. § Tem ceia animada / 22. Pr[á] toda família	
23. Quase todo lar / 24. Tem muita alegria	
25. § Então nas cidades / 26. Em frente [à] Matriz	
27. Entre outras festas / 28. Tem os pastori[l]s	
29. § [/A/]zul e ve[r]m[/e/]lho / 30. Numa grande luta	
31. Para ver que[/m/] ganha / 32. Lá em frente [/a/] gruta	
33. § [/É/] aplauso, [/é/] emoção / 34. [Muita] [/g/]ente em grande linha	
35. [Enfim ,/] Na po[/ /]tuação / 36. Alguém sai [fora] da linha	
37. § Beijos e abraços / 38. Só desejos bons	
39.< >São os bons desejos / 40. Sempre os mesmos tons	

Dapaz Oliveira

Fonte: dados da pesquisa (2011).

O cotejo entre esta versão transcrita e a versão digitalizada permite-nos a construção de um olhar que busca perspectivas para encontrar construções de interesse linguístico, bem como busca contribuir para a constituição de um sujeito e para o entendimento de um processo de construção textual, e também pode enriquecer estudos que buscam estabelecer indícios sobre semelhantes estudos escriturais, visto que as abordagens teórico-metodológicas empregadas nesta pesquisa podem ser percebidas sob prismas comparativos. Assim, estudos voltados para processos psicolinguísticos de construção textual configuram-se singulares e, portanto, revestidos de caráter subjetivo, o que os tornam intrinsecamente valiosos, com conteúdos, estilos discursivos e propósitos comunicativos inerentes.

Agrupando o texto autógrafo *De Natal* pelo grupo de rasuras de deslocamento, substituição e adição, percebemos a seguinte síntese:

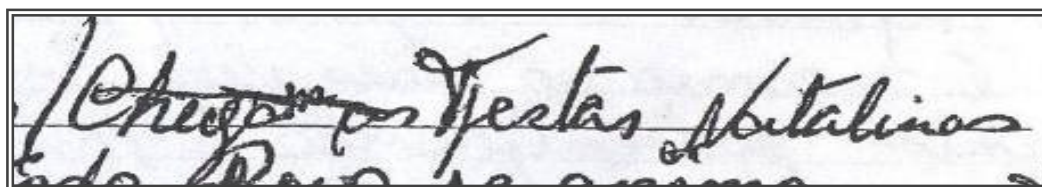
Tabela 7 - *De Natal*: rasuras de deslocamento, de substituição e de adição

Verso	Termo rasurado	Classificação
1	c de chega	Deslocamento (sobrescrita)
2	f de festas	Substituição (sobrescrita)
3	Povo	Deslocamento (sobrescrita)
4	Povo	Deslocamento (sobrescrita)
5	Dig, Dim/g	Deslocamento (substituição)
7	f de feliz	(possível) substituição
8	V de vamos	(possível) Substituição
9	c de chega	(possível) Substituição
15	ilegível (ver rasura borrão)	Substituição (sobrescrita)
16	ilegível (ver rasura borrão)	Substituição (sobrescrita)
23	ilegível (ver rasura borrão)	Substituição (sobrescrita)
26	a (teria crase)	(possível) Adição
28	Tem	(possível) Substituição
31	m de quem	Adição
32	a (teria crase)	(possível) Adição
33	A de aplauso	(possível) Substituição
34	g de gente	(possível) Substituição
35	n de na	Substituição (sobrescrita)
39	s de são	Substituição (sobrescrita)

Fonte: dados da pesquisa (2011).

Com relação ao espaço da folha do papel, identificamos “rasuras sobrescritas” que incidiram em posteriores “rasuras de deslocamento”, pelo fato de o termo passar a ocupar a posição que seria de seu antecessor e que iniciaria o verso. Essas rasuras se justificam pela tradição de se iniciar o verso com letra maiúscula, fato predominante no poema em análise.

Constatamos uma “rasura de substituição sobrescrita” na construção da locução adjetiva “festas natalinas”, verso 2, provavelmente para harmonizar a grafia dos termos.

Figura 13 - Verso 2 - *De Natal*

O processo de refacção da ortografia na expressão “Feliz Natal”, verso 7, se justifica, na nossa interpretação, pelo fato de esse termo ter se convencionado socialmente ser grafado na forma de inicial maiúscula.

No 28º verso poderia ter sido realizada um “rasura de substituição” quanto aos aspectos linguísticos e semânticos do verbo “ter”. Sobre esse fato ora verificado,

podemos inferir que tal rasura seria identificada em segundo plano, pois a finalidade primordial num momento de criação não parece atender a aspectos normativos da língua, uma vez que os aspectos semânticos se sobrepõem. Vejamos:

Figura 14 - Verso 28 - *De Natal*



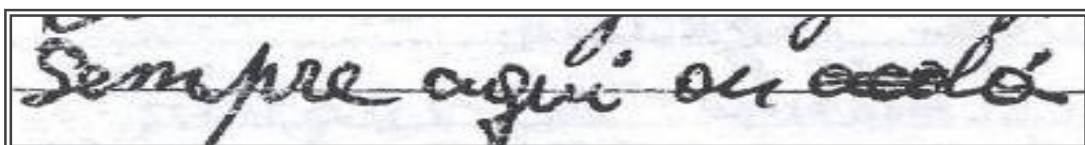
Tabela 8 - *De Natal*: resultados das rasuras de supressão

Verso	Termo rasurado	Classificação
1	Quando	Supressão (riscada)
2	Chegam / as	Supressão (riscada)
3	Todo / o	Supressão (riscada)
4	Todo / P-	Supressão (riscada)
5	Dig, Dimg	Supressão (riscada) + Deslocamento
9	Quando	Supressão (riscada)
11	Aço-	Supressão (riscada)
17	s de crianças	Supressão (riscada)
22	Prá	(possível) Supressão do acento
33	É	Supressão (riscada)
34	Muita	Supressão (riscada)
35	Enfim	Supressão (riscada)
36	For a	Supressão (riscada)

Fonte: dados da pesquisa (2011).

Alguns termos riscados permanecem visíveis e permitem ao leitor recuperar a compreensão do termo suprimido. O risco representa um momento de ajuste do processo de criação. A rasura de supressão do verso 11, por exemplo, praticamente representa um momento de desconstrução que ao mesmo tempo pode simbolizar o fazer poético e dar indícios de autoria a um processo de criação. Vejamos:

Figura 15 - Verso 11 – *De Natal*



No verso 22, haveria uma rasura de supressão do acento agudo, entretanto, parece que a autora não se deteve a processos rigorosos quanto à violação da convenção escrita. Essa possível supressão se faz representar pelo que é ou deveria ser colocado ou retirado num processo de criação.

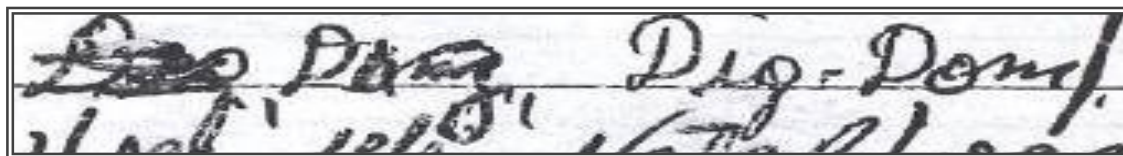
Tabela 9 - *De Natal*: rasuras linear, branca, borrão, de tonalidade/tempo e instrumento

Verso	Termo rasurado	Classificação
5	Dig, dim/g	Linear
7	f de feliz	Branca
8	v de vamos	Branca
15	Formam	Borrão
16	Subscrito ilegível: ou	(possível) Borrão
23	Subscrito ilegível: lar	Borrão
33	a de aplauso	(possível) Branca
34	g de gente	(possível) Branca
37/38/39/40	tonalidade/tempo e instrumento	Tonalidade/tempo e instrumento

Fonte: dados da pesquisa (2011).

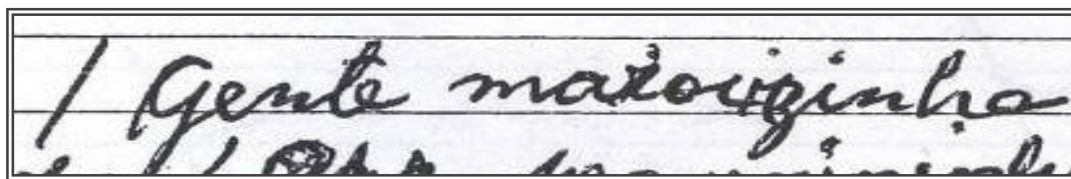
A rasura do 5º verso classifica-se como linear quanto ao espaço da folha de papel, devido ao fato de essa locução ter sido riscada e imediatamente reescrita na continuidade da linha. Essa rasura não parece revelar limitações do escritor iniciante em usar um termo mais adequado; provavelmente esse fato remete ao valor linguístico, pois o termo eliminado voltou à cena; na prática corresponde um agir para corrigir, substituindo algo por ele próprio. Vejamos:

Figura 16 - Verso 5 – *De Natal*



Os indícios semânticos ora apresentados no verso 14 permitem a comprovação de que “maioir” e “maioirzinha” são, respectivamente, “maior” e “maiorzinha”. Vejamos:

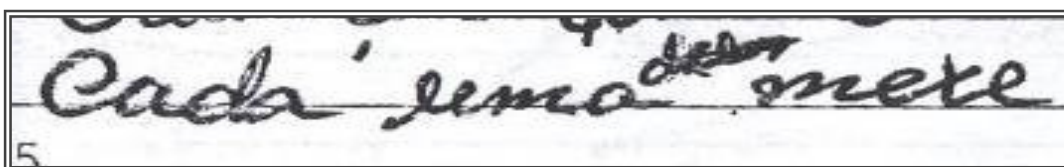
Figura 17 – Verso 14 – *De Natal*



Constatamos neste verso 14 que, quanto ao espaço da folha de papel, há uma rasura sobrescrita que incide sobre a primeira letra “r” da palavra “maior”, além do segundo “r” da mesma palavra para posterior rasura de “adição”. Além do mais, a palavra “maiorzinha” antecipa uma rima com a palavra “pequenininhas”; essa reformulação se deve à rima segundo a posição em que se apresentam, que é ao final dos versos 14 e 16.

O 19º verso apresenta uma rasura de adição de forma riscada do anafórico “delas”. A tensão do dizer poético está aí constituída numa relação entre sujeito, língua e sentido. O mecanismo de adicionar um termo ao processo de escritura pode constituir um movimento de autoria, apesar da eliminação do termo acrescido. Provavelmente, a autora não se detém a aspectos puramente linguísticos na primeira versão de seus textos.

Figura 18 - Verso 19 – *De Natal*



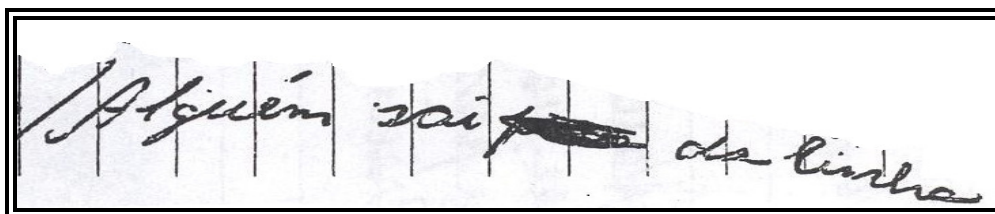
No verso 33, há indícios de uma rasura “branca” que pode ser constatada devido à comparação entre esse e os demais versos dessa poesia, nos quais predomina a inicial maiúscula. Uma ocorrência dessas pode ser compreendida como uma pista do fazer poético, uma vez que um lapso assim pode contribuir para a constatação de uma rasura que sequer se materializou, mas que pode ser “vista” pelo espaço que ocupa no contexto da criação poética.

Sobre rasura “branca” ou “imaterial”, Calil (2008, p. 21) afirma que “somente se tem acesso a ela pela comparação de versões sucessivas de um manuscrito”. Entretanto, os casos de rasura “branca” nesse manuscrito são interpretados por analogia a outros versos desse mesmo manuscrito.

No verso 34, o vocábulo “gente” deveria sofrer rasura de substituição de “g” minúsculo para “g” maiúsculo, consoante os casos predominantes de inicial maiúscula. Essa possível rasura branca pode ser assim considerada pela aplicação simbólica de recursos estilísticos de comparação que permitem a “visualização” de uma rede de estruturação do processo que compõe o texto poético em análise.

No verso 36, a rasura de supressão do vocábulo “fora” elimina-o da estrutura frasal para harmonizar o número de sílabas e evitar uma construção pleonástica. Nesses versos, principalmente, não houve preocupação com eventuais inadequações; não houve reconsideração sobre a proposta apresentada no título, por isso, a escrita deles não parece ter sofrido revisão pela escritora.

Figura 19 - Verso 36 – *De Natal*



Os versos 33 a 36, conforme podem ser visualizados na figura 12 que retrata o manuscrito em forma digital, ilustram a presença de elementos marginais verticais; no entanto, tais elementos dão continuidade ao próprio fazer poético, subentendendo um aproveitamento do espaço vazio.

Os versos 37 a 40, conforme constata a ilustração do texto digitalizado, figura 12, apresentam uma mudança de tonalidade; tal ocorrência induz o leitor a supor que houve troca de instrumento (caneta), consequentemente, de cor, ou esses versos foram elaborados num momento posterior (de tempo).

Para tornar a leitura dos dados mais compreensível, sintetizamos as rasuras e o número de recorrências encontradas no poema “*De Natal*”. Para isso, nos utilizamos da tabela a seguir.

Tabela 10 - *De Natal*: Tipologia geral das rasuras por ordem de recorrências

Tipologia das rasuras	Ordem de recorrências
Substituição	1 ^a .
Supressão	2 ^a .
Deslocamento	3 ^a .
Adição	4 ^a .

Fonte: dados da pesquisa (2011).

Em nossas análises, predominou a operação de anulação de um segmento escrito; essa rasura se apresenta ora com o intuito de substituí-lo por outro segmento (substituição), ora para eliminá-lo definitivamente (supressão).

Tabela 11 - *De Natal*: Tipologia das rasuras quanto às formas e ao espaço na folha de papel por ordem de recorrências

Tipologia das rasuras	Ordem de recorrências
Riscada	1 ^a .
Sobrescrita	2 ^a .
Branca	3 ^a .
Tonalidade/tempo e instrumento	4 ^a .
Borrão	5 ^a .
Linear	6 ^a .
Subscrita	7 ^a .

Fonte: dados da pesquisa (2011).

A observação do poema “*De Natal*” permite verificarmos que as reformulações realizadas pela autora do manuscrito são indicativas de que a investigação se apresenta com complexidade, tensão, tempo, sofrimento. Esse processo remete-nos aos versos “... trabalha, e teima, e lima, e sofre” do poema “A um poeta”, de Olavo Bilac (1997). Essa labuta mental parece tornar gratificante o ofício de poetizar. Por mais simples que pareça, trata-se de um processo de edificação, um esforço e não somente uma inspiração. Apesar de aspectos gramaticais serem relatados, subentendemos que outros valores se sobrepõem às rasuras e geram indícios de que as marcas de autoria predominam no discurso poético.

Nesse poema, o movimento de reformulação sugere uma diretriz mentalmente estruturada, reforçada na repetição de rasuras que se dão com um fluxo estável, num caminho revisitado que atesta o desejo de uma melhor forma reveladora de uma elaboração mental. A metamorfose do processo de criação vai se consubstanciando com o avançar do texto poético, pois as ideias estão concatenadas no processo de elaboração e, então, o poema emoldura-se numa estruturação que sugere ser o caminho certo para a forma poética final.

As rasuras identificadas nesse poema movimentam palavras, frases, parágrafos representativos de dinamismos peculiares do processo de criação que lançam-nos a vontade de entender, descobrir, desnudar o texto, esse elemento tão significativo para reflexões sobre a noção de autoria por ser provido de um modo de

articulação linguístico-discursiva singular que consente a nós, pesquisadores, aproximar a relação entre as rasuras e o processo de autoria.

4.2 Reflexões sobre as rasuras no manuscrito

No manuscrito “*De Natal*”, assim como em manuscritos literários, constatamos que as rasuras podem ter diversos modos de realização, bem como podem ilustrar pistas do fazer poético. Os indícios de rasuras gramaticais comprovam uma rápida releitura do texto, em momento de criação; entretanto, é muito mais interessante considerarmos as intervenções de rasuras que revelam uma preocupação com o discurso semântico-poético para melhor entendermos as motivações subjacentes ao fazer poético.

Esse poema resgata uma vivência do passado, de uma época natalina, quando o sujeito-autor deixa aflorar seu sentimento para apresentar *flashes* de festejos profanos experimentados com emoção por famílias de cidadezinhas de interior. A escritora, ao tentar encontrar o fio poético que estruture a ambientação deste poema, condensa-lhe um rico material sobre um momento genético textual, verdadeira fábrica que retrata movimentos de reformulação em suas diversas rasuras.

Considerações sobre diferentes tipos de rasura do manuscrito poético “*De Natal*” podem constituir indícios da gênese da enunciação escrita, pois o processo de criação reelabora o discurso da escritora num processo seletivo que gera enriquecimento vocabular, tanto linguístico quanto para valorização de aspectos literários, especificamente no que tange à rima. As rasuras de tonalidade/tempo e instrumento são hipóteses de que houve um intervalo de tempo e uma troca de instrumento (caneta) na etapa final do poema.

Versos marginais, dentre outros dados, chamam-nos a atenção com relação a manifestações de autoria do sujeito-autor, uma vez que esse estilo de aproveitamento do papel é representado em outros textos do *corpus* que constitui o acervo referido neste estudo. Ao aplicarmos este estudo de reformulações aos manuscritos de Da Paz Oliveira, bem como, aproximando o poema “*De Natal*” à perspectiva da Crítica Genética, as reincidências e a organização em verso permitem que consideremos a produção do próprio poema como aprimoramento do

sentido de um ato de criação. Nesse ponto de vista, esse manuscrito abrangeu estudos do processo de criação.

Nesse contexto, a reescrita no poema pode ser considerada um fenômeno social capaz de contribuir, mesmo que de forma incipiente, para pesquisas que abranjam as Teorias da Crítica Genética, portanto, esperamos que esta pesquisa contribua com estudos sobre os processos de reformulação textual frente às investigações e às constatações de que as reformulações permitem à referida autora reinventar e consolidar o seu estilo.

Este estudo aponta para afirmações de que a autoria, a partir de reformulações, vai constituindo um sujeito como autônomo frente à sua relação linguagem/texto, ora com interferências metalinguísticas, ora com contribuições estilístico-literárias e até mesmo ortográficas. Tais relações contribuem com indícios singulares em processos de reformulação e aquisição da escrita.

O fato de defendermos a abordagem da reformulação como índice de autoria nos manuscritos literários naturalmente não tem pretensões de reduzi-la a esse aspecto; enquanto estudo, ela pode contribuir para reflexões sobre a análise de manuscritos, como qualquer outra obra que analise processos de escritura. Porém, podemos concluir como a reformulação faz parte do processo de autoria tanto de autores proficientes quanto de iniciantes. A reformulação é, pois, um processo estruturante da escritura poética.

5 AUTORIA E REFORMULAÇÃO NO POEMA “A PRESSA DO TEMPO”

5.1 O termo “autoria”

A questão do processo de autoria na antiguidade só era aplicada a textos científicos, como, por exemplo, os tratados de medicina. Os demais textos, como os narrativos literários, cultivavam o anonimato sem constituírem problemas de processo de autoria. Entretanto, a partir do final do século XVIII, as relações de direitos autorais passaram a ser sistematizadas devido ao fato de *alguns discursos se tornarem transgressores com origens passíveis de punições*, segundo Foucault (1992).

Nesse contexto, o termo “autor” passou a ser usado de modo genérico em comparação ao termo “escritor”, que passou a ser usado para nomear escritores de arte literária e este logo ganhou supremacia relativamente ao termo “autor”, visto que nem todo autor poderia ser chamado de escritor. Também o termo *scriptor*, usado amplamente para denominar aquele que escreve, diferenciando do uso corrente para *escritor*, é utilizado popularmente para nominar alguém que tenha textos ou livros publicados. Sobre noção de autoria, Calil (2008) afirma que

a discussão em torno da noção de autoria realizada por pesquisadores em Análise do Discurso no Brasil, que tem em Foucault (1970) seu lugar de referência, é ampla e produtiva e, por isso mesmo, controversa e divergente. [...] Como pode ser facilmente constatado, há duas vertentes bastante distintas sobre a noção de “autoria” nos estudos situados nesse campo de conhecimento. De um lado, Orlandi (1988, 1996) apresenta uma profícua leitura dos trabalhos de Pêcheux (1975, 1983), enquanto Possenti (2001a, 2001b, 2002) a desenvolve a partir das reflexões bakhtinianas (Bakhtin, 1953, 1963) (2008, p. 108).

Segundo Possenti (2002), o fato de Foucault não se referir à questão da autoria em outros domínios que não sejam de uma obra ou de uma discursividade leva certos autores a pensarem na impossibilidade de fazê-lo. Possenti introduz nova noção de autoria à noção de singularidade aliada à questão de estilo, enquanto que Bakhtin (1992) discute autoria como domínio da atividade discursiva no interior de certo gênero submetido a um projeto de dizer. Todas essas visões se entrelaçam, não em sua totalidade, mas em sua complexidade e tendem a contribuir enriquecendo pesquisas sobre processos genéticos textuais.

5.2 Relação *scriptor*/autógrafo no processo de criação textual

Neste tópico, temos o propósito de apresentar alguns aspectos voltados para a relação entre o *scriptor* e o autógrafo e o processo de criação. O enfoque dado sobre essas relações concentra-se nas produções literárias de uma escritora iniciante, cujas condições de produção são representativas de um “lugar social” alicerçado de uma expectativa refletida no termo “autor” ou “escritor”, segundo Calil (2009, p. 3).

Quanto à concepção de autor, buscamos desvendar as relações entre quem escreve e o que é escrito através da análise dos caminhos seguidos pelo *scriptor*, pelas marcas sobre o papel, representadas por rasuras, uma vez que

a rasura também se mostrou como um lugar bastante produtivo para se discutir estas relações. Na tentativa de entender suas marcas sobre o papel, pôde-se estabelecer pontos de reflexão sobre o que estaria produzindo ou mobilizando as rasuras que aparecem nos textos analisados (CALIL, 2009, p. 7).

E a partir disso, tentar representar esse processo metodologicamente, bem como a forma “singular” como a *scriptor* intervém durante o processo de criação textual e que representa sua relação com o texto, pois “como poderá ser constatado, esse efeito está de alguma forma relacionado com alguma idéia de volta sobre o próprio texto, colocando em questão até mesmo o que se está entendendo por “processo de produção de texto” (CALIL, 2009, p. 7).

Assim, metodologicamente nos propomos a representar os manuscritos selecionados na forma digitalizada, vinculando a “busca teórica do que é o autor e suas relações com o universo de articulações possíveis em que está inserido” (CALIL, 2009, p. 7). Para isso, coletamos os autógrafos *O valor do tempo* e *A pressa do tempo*, da *scriptor* Da Paz Oliveira.

Desejamos, com esta perspectiva, levantar reflexões sobre a relação *scriptor* x autógrafo x processo de criação e que também possamos contribuir para a progressão do conhecimento linguístico, mais especificamente para o aprimoramento da compreensão das relações entre quem escreve e o que é escrito e reformulado através de rasuras, visto que este tema ainda não fora suficientemente explorado quanto ao *scriptor* adulto iniciante e suas produções escritas engendradas num contexto literário.

As abordagens teóricas selecionadas para este capítulo alicerçam e norteiam de forma consistente e sistemática a compreensão dos autógrafos e seus estatutos teóricos na busca da construção de um reconhecimento de seu valor no âmbito da Crítica Genética.

5.3 Embates: palavras x *scriptor*?

Neste ponto, tentaremos refletir o que entendemos por “autor”, seu estatuto teórico e sua relação com o texto, através da análise das produções textuais *O valor do tempo* e *A pressa do tempo*. Compararemos os dois autógrafos e ainda acrescentaremos nessa contemplação a versão em *nível final*, versão para publicação, após *última* revisão da *scriptor*, visto que, para Foucault,

o lugar do autor está identificado como “princípio de agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações, como centro de sua coerência”. Ele enuncia ainda que o “princípio de autoria não é válido para todos os tipos de discursos. Somente Marx, Freud, Saussure estariam em uma posição de “autor”, uma vez que fundam uma discursividade (*apud* CALIL, 2009, p. 11-12).

A linguística saussuriana, por exemplo, toma o sujeito como aquele que emerge entre os significantes, estando submetido à linguagem. A vertente francesa da Análise do Discurso (AD) surgiu nas Ciências Humanas na década de 60 do século XX e constituiu-se basicamente a partir dos estudos de Saussure, Freud e Marx a partir do pressuposto de que não há “transparência” quer seja na linguagem, quer seja no sujeito ou na história.

Entretanto, o posicionamento de Calil (2009) é outro ponto que vem sendo enfocado. Através dele, entendemos melhor o princípio da relação sujeito-texto, visto que em suas palavras

uma das poucas ressonâncias dessa reflexão sobre o autor encontra-se no trabalho de Orlandi (1988) e Orlandi; Guimarães (1987). Procurando entender esse “princípio” à relação do sujeito com o texto produzido [...], esses autores dizem, ao contrário de Foucault, que há um princípio geral que rege a “função-autor”, válido e necessário para qualquer discurso, já que “a própria unidade do texto é efeito discursivo que deriva do princípio de autoria”(ORLANDI; GUIMARÃES, 1987): esse efeito consiste em sempre se procurar atribuir uma provável autoria a qualquer tipo de texto (CALIL, 2009, p. 12).

Sobre esses aspectos, Orlandi (*apud* CALIL, 2009, p. 12) trata da relação do sujeito equacionando-o às funções enunciativas do sujeito (locutor, enunciador) apresentadas por Ducrot (1987). Nessa perspectiva, “função enunciativo-discursiva” do autor é a “função que o ‘eu’ assume enquanto produtor de linguagem” (ORLANDI, 1988, p. 77) motivada pela “exterioridade” e, conseqüentemente, pelas “regras das instituições” e condições de produção. Ou seja, o autor é visto na perspectiva de “posição”, “lugar social” do sujeito do discurso.

Ainda segundo Calil (2009, p. 12), esse “lugar social” de responsabilidade está determinado pela exterioridade (condições de produção), pela posição e lugar social do sujeito, pois

aprender a se colocar – aqui: representar – como autor é assumir, diante da instituição-escola e fora dela (nas outras instâncias institucionais) esse papel social, na sua relação com a linguagem: constituir-se e mostrar-se autor (ORLANDI *apud* CALIL, 2009, p. 13) (grifo do autor).

Assim, entendemos que as condições de produção sofrem coerções sociais que são representadas na relação do sujeito com a linguagem e com o contexto sócio-histórico para que o seu discurso tenha sentido, segundo a formulação teórica de Pêcheux (1988) que compreende o sistema linguístico e suas leis internas dotadas de relativa autonomia e a noção de processo discursivo-ideológico que opera sobre a base dessas leis internas. Nessa perspectiva, apreendemos que o sujeito desta pesquisa se representa no lugar de autor que se materializa e este lhe proporciona completude.

Para Orlandi (*apud* CALIL, 2009, p. 14), precisamos entender articulações entre efeitos de unidade, completude, dispersão e incompletude do sujeito e do sentido no processo de produção de texto para darmos conta da noção de autor posta em discussão. Sobre esses aspectos, Calil (2009) apresenta as seguintes condições:

Se dentro de uma perspectiva linguístico-discursiva o processo de produção de texto só pode ser entendido na relação do sujeito com a linguagem, a posição de autor e suas vinculações às determinações institucionais ou às exigências de “responsabilidade”, “unidade”, “não-contradição”, “progressão”, “duração”, “clareza”, “originalidade” só podem ser consideradas ao tornar-se os efeitos dessa relação sobre aquele que assume esse “lugar social” de produtor de linguagem. Assim, a forma-sujeito mobilizada na “posição-autor” produz um efeito de visibilidade que o responsabiliza pelo que diz e legitima seu dizer (2009, p. 14).

Isso nos conduz a procurar entender e fazer uma associação do que está determinando os movimentos do sujeito nos dois autógrafos que originaram o poema *A pressa do tempo*. Neles, o processo de produção de linguagem escrita reúne relações de posições discursivas do ponto de vista do sujeito sobre *A pressa do tempo*. Este ponto de vista também é, em outras palavras, um lugar social do sujeito.

O movimento de construção textual indica rasuras devido à busca de sentido empregada pelo autor que troca um termo por outro, que faz um deslocamento, que substitui uma palavra. Isso indica, evidentemente, a busca por uma estrutura que configure um processo, que determine uma escritura lógica, que realize o *scriptor* na trajetória que perfaz a criação. No embate entre as palavras e o *scriptor*,

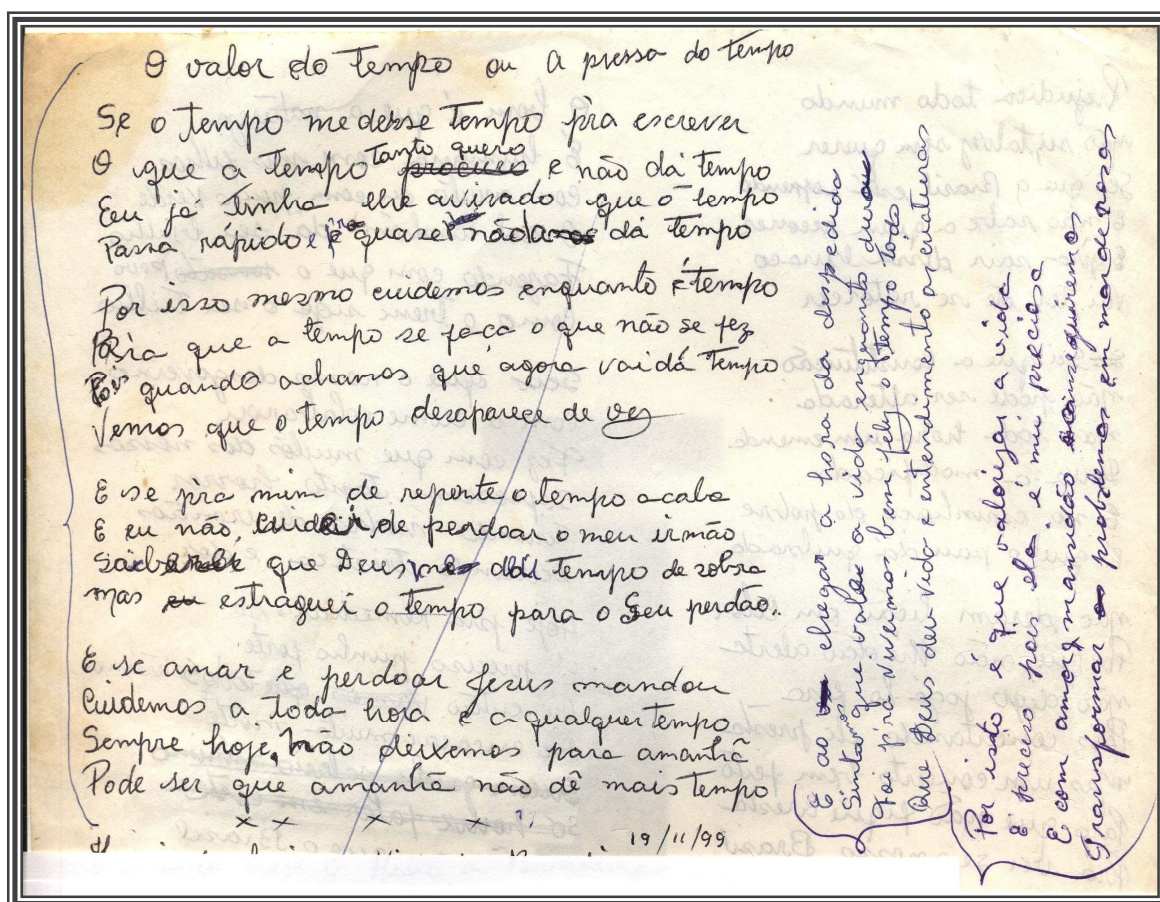
A rasura aparece como uma forma de “diálogo silencioso” com algo que já está escrito e/ou com o que falta estar lá. Um diálogo que coloca em cena possibilidades de outros dizeres, de outros escritos através de um movimento retroativo do *scriptor* sobre a própria linguagem, sobre o próprio texto. A rasura indicia que o *scriptor*, em algum momento do processo de escritura, interrompeu o percurso para voltar-se sobre o escrito para marcar, anotar, substituir, deslocar, acrescentar, escrever de outro modo algo que estava efetivamente escrito. Esse retorno, que pode se dar durante o “fluxo do pluma”, como dizem os geneticistas, momento em que se está produzindo o texto ou após uma leitura do texto já escrito, é um índice dessa relação entre sujeito, língua e sentido. Entretanto, mais que indicar essa relação, a rasura ilumina o funcionamento da própria linguagem sobre si mesma, isto é, sua propriedade reflexiva. O sujeito imerso no processo é o representante desse funcionamento, o que significa dizer que tal funcionamento põe-se em marcha através do sujeito (CALIL, 2008, p. 50-51).

Devemos buscar entender que os movimentos do sujeito no processo de produção se perfazem sem uma preocupação em atender a relação de causa-efeito ou a relação de autor-obra, por exemplo. A palavra poética ganha vigor e agilidade e torna-se a verdadeira revelação da dominação do papel expressivo do poeta ao movimentar-se inconstantemente na busca de um norte que ajude a estruturar um verso, outro verso, até dar sentido e forma ao que o *scriptor* tanto labuta para construir. Este fato representa e realiza, como consequência, o ineditismo de uma criação textual poética que ao perfazer um desejo artístico também se perfaz como arte representativa da labuta mental em momento de genética textual, em processo de constituição do fenômeno linguístico.

5.3.1 O valor do tempo ou A pressa do tempo (primeira versão)

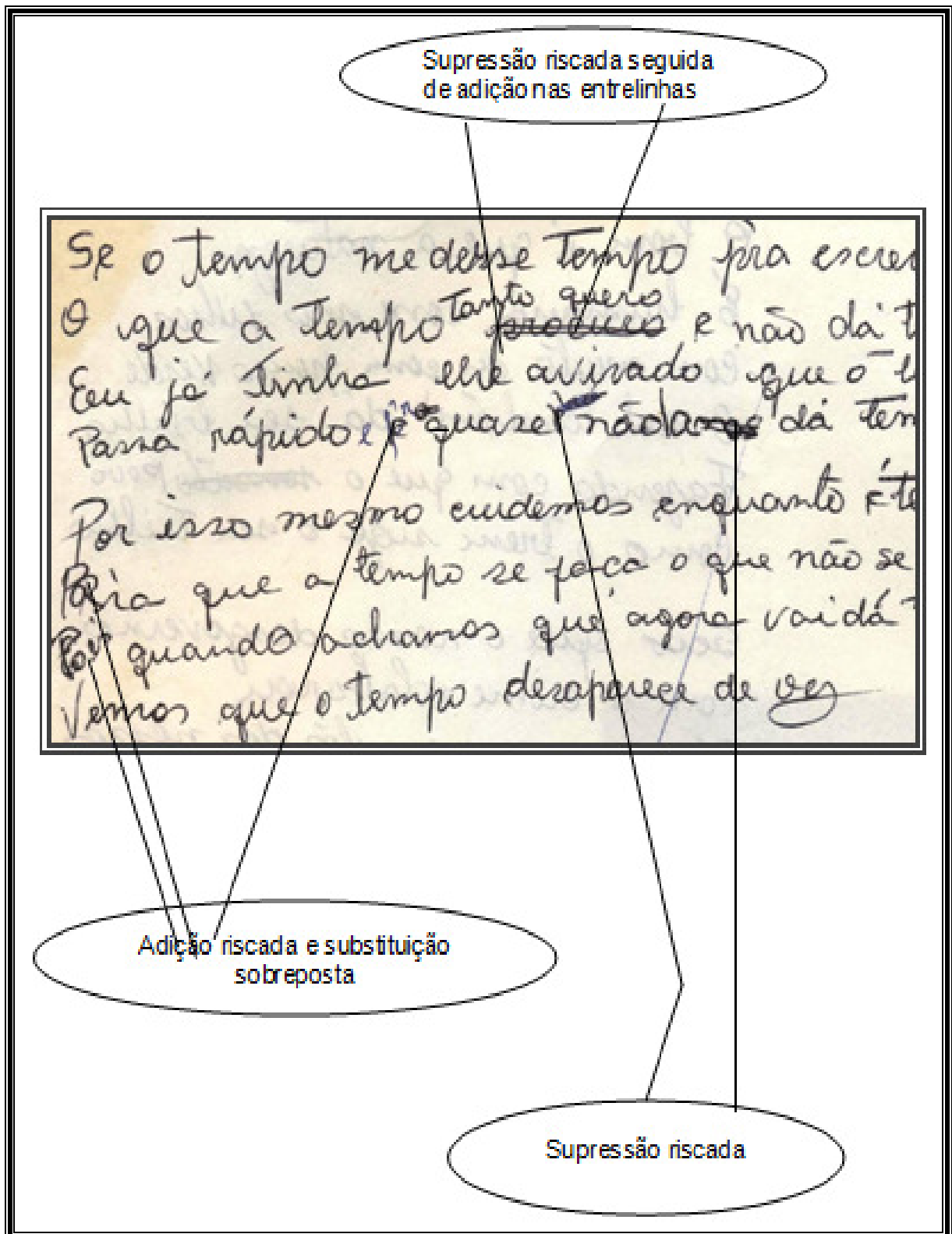
O autógrafo ora apresentado figura uma trajetória de um sujeito mergulhado por um universo significativo do pensamento, representado graficamente num processo de produção de texto, constituído por marcas de rasuras representativas de sentido e de subjetividade, e passíveis de reflexões sobre o entrelaçamento *scriptor*, autógrafo e processo de criação. Tais rasuras e reformulações parecem servir a interesses diferentes: processos de mudança semântica, de ajustes sintáticos, de substituições lexicais, dentre outros que podem gerar ganhos significativos numa produção textual. Nossa hipótese é a de que as rasuras e as reformulações que marcam o retorno do sujeito sobre seu texto podem indiciar processos de autoria.

Figura 20 - O valor do tempo ou A pressa do tempo – autógrafo



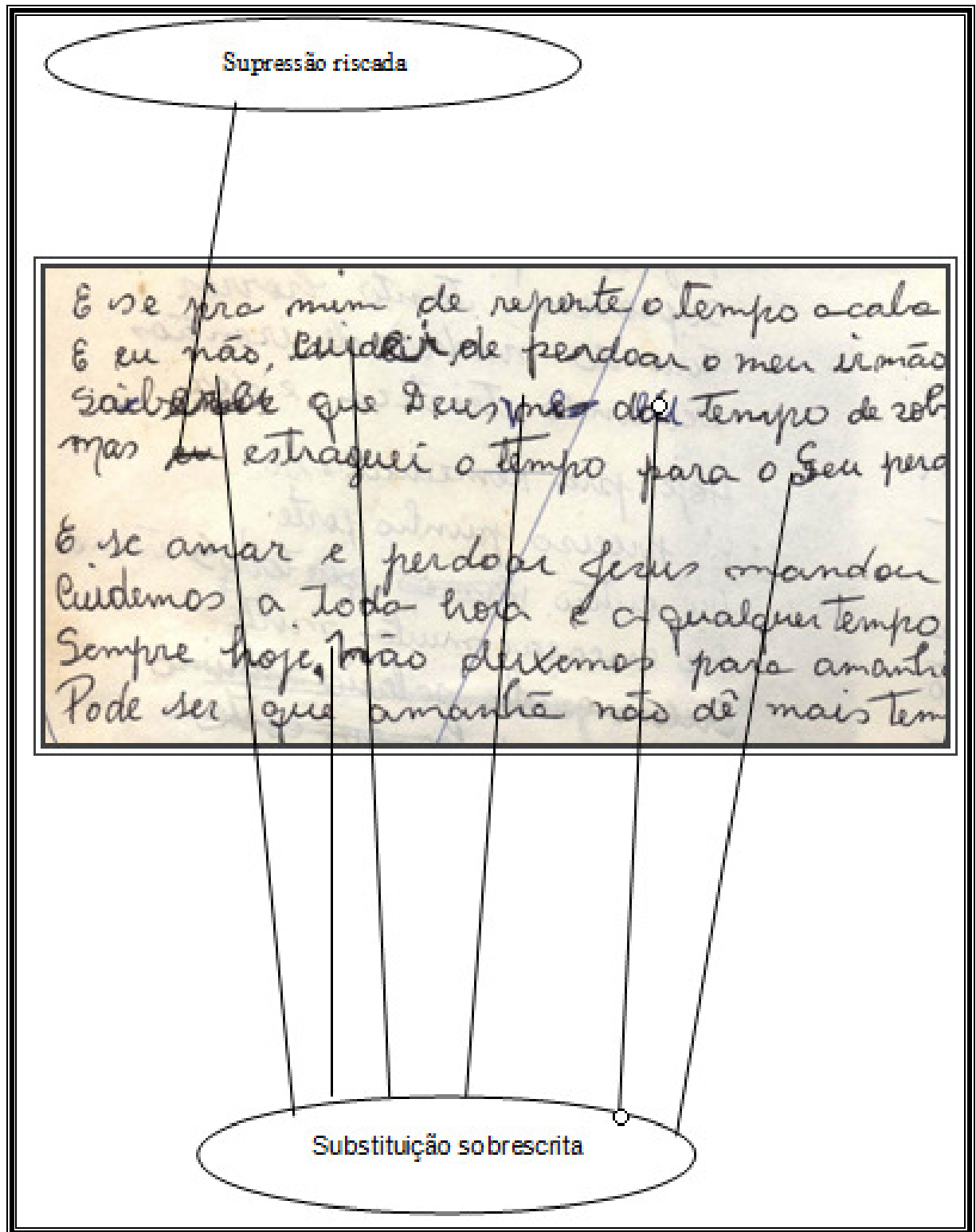
Fonte: acervo particular da autora (2011).

Figura 21 – Fragmento 1 de *O valor do tempo* ou *A pressa do tempo*



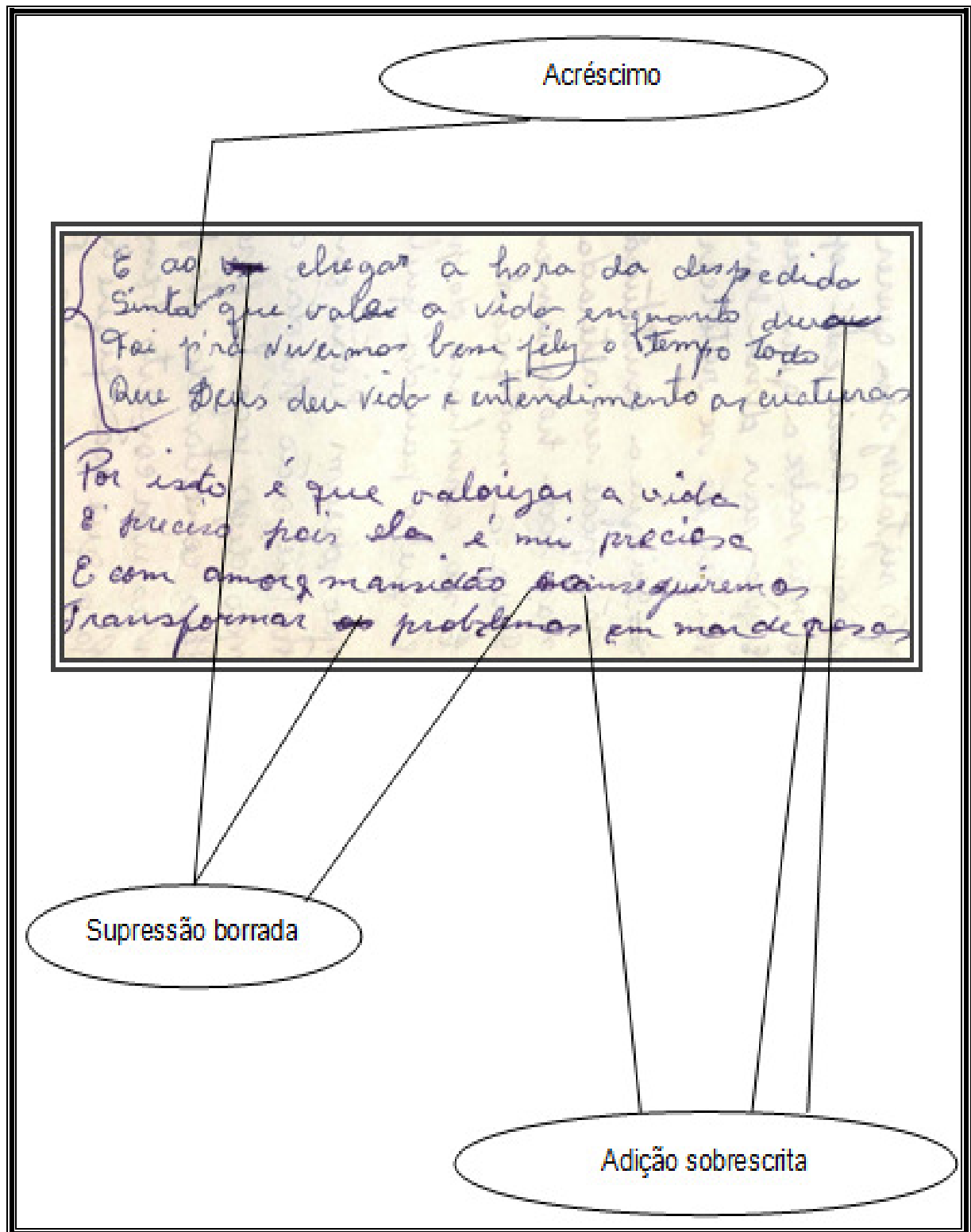
Fonte: dados da pesquisa (2011).

Figura 22 - Fragmento 2 de *O valor do tempo* ou *A pressa do tempo*



Fonte: dados da pesquisa (2011).

Figura 23 - Fragmento 3 de *O valor do tempo* ou *A pressa do tempo*



Fonte: dados da pesquisa (2011).

Dentre as condições que diferem o manuscrito em análise de manuscritos escolares, destacamos o fato de seu *scriptor* produtor não tê-lo feito na condição de aluno, conseqüentemente, este produto não teve a escola como cenário contextualizador do ato de escrever, nem teve um professor como avaliador, destino previsível dos textos escolares.

Diferentemente desse contexto, a *scriptor* procura palavras no âmago da própria intuição poética para que o processo de articulação se realize de forma poética e com rimas. De tanto manipular a língua, acha a solução: um tom, um ritmo, uma melodia extraídos do seu próprio “fino pensar”¹⁴.

Para Teles,

o conhecimento do poeta, a sua virtuosidade artística e a sua audácia para a obtenção do original, do nunca dito embora conhecido, são as forças responsáveis por uma metáfora surpreendente, por uma elisão inesperada, por neologismos, por rimas desconhecidas, quaisquer que sejam os níveis em que elas se manifestam no discurso poético como possibilidades articulatórias [...] (1988, p. 112).

Existe, então, pelo exposto, um poder poético intrínseco que forma o poeta, que o faz ativar, experimentar, enfim, corrigir formas em cada trajetória singular de cada momento, adquiridas, sem dúvida, não só da cultura popular, pois, formas fixas foram recursos poéticos utilizados por Camões, Gonçalves Dias, Olavo Bilac, Raimundo Corrêa, Manuel Bandeira, dentre outros e, segundo a abordagem do poema em análise sobre o vocábulo *tempo*, trata-se de um produto dedilhado em forma de ecos rítmicos, lúdicos, acomodado vinte e duas vezes no nível final publicado em *Meu Tesouro*.

O poema *A pressa do tempo* chega a ter característica paradoxal por apresentar ao mesmo tempo simplicidade na essência vocabular e depurada complexidade do uso do léxico *tempo*, tão sublimado no poema e extraído de dentro do próprio *tempo*, de modo espontâneo. A poetisa alertou que o tempo cronológico é fugaz e se esvai e enfatizou a temática *tempo* com desespero, lutando com as palavras sob a perspectiva de uma fugacidade do seu próprio tempo, conforme podemos constatar nos vocábulos *me*, *quero*, *eu*, *mim*, colocados em uso para a primeira pessoa do discurso. Manteve a temática como fio condutor do poema até o

¹⁴ Locução usada pela autora de *Meu Tesouro* num poema intitulado *Meu jeito de fazer verso* (p. 72, 73), em que a escritora exalta o próprio fazer poético.

seu final, corroborando suas palavras, como tom temático, desde a primeira versão autógrafa.

E nesse sentido o que estava inicialmente planejado pelo *scriptor* pode tentar mostrar possíveis caminhos da criação que nem o próprio autor poderia prever. Para melhor aplicarmos essa compreensão, sugerimos a leitura das três versões do poema em análise: as duas versões autógrafas, mais a versão final publicada.

5.3.2 O valor do tempo (segunda versão)

Contribuições advindas da Crítica Genética ajudam-nos a significar elementos dentre as infinitas possibilidades de realização do ir e vir de uma construção textual, na tentativa de detalhar o trabalho de construção artística que pode levar a contribuições decisivas para o conhecimento de processos de escritura.

A variante desse poema, representada em forma digitalizada, teve o título definido para *A pressa do tempo*. Isso implica compreender o título do poema também como processo, cuja escolha é realizada por diversas circunstâncias, sejam elas advindas de termos marcantes como *o tempo passa rápido, pra quase nada dá tempo, o tempo é veloz, o tempo já acaba*, seja por uma ilusão proporcionada pela impressão do acabamento do poema. Por fim, venceu a onipotente *pressa do tempo*, talvez por ser esta a coluna cervical que deu sustentação ao poema, que deu-lhe possibilidade de uma estrutura sólida e por ser o vocábulo que remete ao bem sucedido tema poético. Com isso, será possível considerar que o *tempo* poético já nasce imbricado ao *tempo* do *scriptor*, fato que favorece intensamente a construção do poema, produzindo um hibridismo poético-autoral através de uma costura quase indissociável e significativa para o poema em momento de gênese textual.

A temática *tempo*, mola propulsora do poema, aparece, não como repetição, mas numa outra situação, como personagens que se articulam entre uma história, os quais devem ser significantes para o sujeito-autor por historicizar o fio discursivo que está tecendo. De acordo com Orlandi,

a função-autor se realiza toda vez que o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não-contradição e fim. [...] A nosso ver, a função-autor é tocada de modo particular pela história: o autor consegue formular, no interior do formulável, e se constituir, com seu enunciado, numa história de

formulações. O que significa que, embora ele se constitua pela repetição, esta é parte da história e não mero exercício mnemônico (1996, p. 69).

Podemos dizer também que, além de escrever sobre o tema proposto, o sujeito produz um texto poético, modelo que ele elege para sua produção, um tipo específico de gênero: gênero poema, com rimas que o guiam para um processo de interpretação gráfica de movimentos singulares e ajudam-nos a escolher alguma forma enriquecedora de reflexão sobre posição discursiva, como, por exemplo, a escansão¹⁵, movimento de composição em esquema de rima, perceptível nas quadras¹⁶, o que conduz à construção de um texto em que predomina a dimensão da sonoridade rímica que norteia o leitor a identificar a intimidade do sujeito entre a forma e o conteúdo na produção textual.

Essas considerações estão relacionadas ao que Calil (2009) destaca sobre a questão da escrita, pois, para ele,

vale ressaltar ainda que a questão da escrita apresenta-se como um lugar privilegiado para se falar em autoria na medida em que o “efeito de unidade”, a ela inerente, não pode desconsiderar o movimento em direção a uma homogeneização própria de sua especificidade (2009, p. 17).

A compreensão de processos de construção textual congrega vários aspectos que abrangem a complexidade dos processos de escritura, desde noções e conceitos textuais, até estruturas textuais, bem como observações de elementos escritos, sejam palavras, rasuras, traços ou qualquer outro elemento que contribui para a construção textual.

Assim, em consonância com a Crítica Genética, enveredaremos na análise das duas versões dos autógrafos apresentados, além da versão final, como contribuições para Crítica Genética.

Ao buscarmos a compreensão das estruturas que compõem os manuscritos, percebemos, em nossa abordagem, a valorização da expressão “tempo” a partir de sistemáticas repetições realizadas pelo sujeito (eu-poético) na tentativa de explicitar ao leitor a sua pressa em não desperdiçar o tempo, ao mesmo tempo em que tenta convencer o leitor de que nada deve ser adiado devido à fugacidade do tempo. Este sujeito-autor (eu-poético) se sente tragado pelo tempo representado como um “jogo

¹⁵ Escandir ou fazer a escansão dos versos é indicar suas sílabas métricas e seus acentos, realizando a divisão e a contagem em sílabas métricas.

¹⁶ Quanto ao número de versos, é uma estrofe constituída por quatro versos, também denominada *quarteto*.

durante o processo de produção”, relacionando sentido, sujeito e determinação histórica, através de aspectos que Calil (2009) ressalta da seguinte maneira:

Se, por um lado, o processo de produção de linguagem (escrita) se dá por meio dessas relações e, por outro, o texto é visto tanto como uma dispersão do sujeito nas posições discursivas mobilizadas, quanto como um lugar de produção de unidade e coerência, parece ser legítimo assumir que essas posições e os sentidos colocados em jogo durante o processo de produção relacionam-se com o sujeito, uma vez que se supõe uma determinação histórica (2009, p. 14).

A interpretação dada pelo sujeito ao termo “tempo” coloca-o no lugar de alicerce fundamental: é tempo de perdoar; é tempo de viver e observar ensinamentos religiosos para que ao chegar a hora da morte a vida já tenha alcançado a plenitude da glória do viver bem: mar de rosas (metáfora). Essa “constituição de um lugar de interpretação” vai moldando a relação com o interdiscurso e com o interlocutor como um jogo que formula a condição do dizer, o que, segundo Orlandi (*apud* CALIL, 2009, p. 15), “a ‘posição autor’, enquanto constituição de um lugar de interpretação, passa a ser mais fortemente definida na sua relação com o interdiscurso e com o interlocutor (efetivo ou virtual)”.

Um autor ao criar seu texto figura formas e marcas que constituem peculiaridades da sua escrita numa relação interdiscursiva, o que, segundo Calil, (2009), faculta a Orlandi (1996) afirmar que

a relação entre autor e interpretação fica determinada pela historicidade do dizer: é preciso dizer coisas que tenham sentido (memória do dizer), que façam parte do domínio do dizível e do interpretável, mas também que essas coisas tenham um sentido para alguém. Aqui está em jogo, no processo de formulação do dito, a condição de produção do dizer [...] (CALIL, 2009, p. 15).

Os autógrafos em análise, carregados de linguagem poética, mostram, simbolicamente, a relação vida-tempo através de uma *materialização gráfica de movimentos* que produzem o *fluxo do dizer* numa relação entre o dizível e o dito que podem dar acesso a certa historicidade. *O valor do tempo* se traduz na linguagem literária e pode ser interrompido pela hora da morte, hora da despedida (metáfora). E o leitor, com quem o sujeito (eu-poético) conversa, e para quem dá o recado da pressa do tempo, é aquele para quem o texto é escrito: é constituído por movimentos que marcam um interdiscurso.

Enfim, o elemento *tempo*, além de servir de elo, de ponto de intersecção entre o viver e a fugacidade do tempo, pressupõe um processo que pode vincular autoria a um jogo de movimento de conteúdo e de sentido que são veiculados por uma cadeia sonora que recria efeito de sentido e leva a um resultado. Todos esses aspectos destacados na apreciação do autógrafo nos despertaram melhor visão do processo de nascimento de um texto para, a partir disso, desvelar alguns aspectos que consubstanciam sua estruturação histórica, seu encadeamento temático, seus sentidos denotativos e conotativos, suas metáforas, sua ordenação temporal na relação vida-morte: oposições fundamentais que lembram o caráter passageiro da vida. No nível do léxico, houve a apresentação do vocábulo *tempo*, usado como uma marca representativa de um modo de falar poético.

Assim, em busca de uma reflexão para compreendermos as relações entre o “autor”, seu estatuto teórico e sua relação com o texto, percebemos que não podemos dissociar essas relações se buscamos compreendê-las através das produções textuais e das relações de autoria. Então, achamos oportuno apresentar os autógrafos *O valor do tempo* e *A pressa do tempo* na tentativa de melhor elucidarmos as relações entre o “autor”, seu estatuto teórico e sua relação com o texto, dentro da perspectiva da Crítica Genética quanto aos estudos dos aspectos de produção textual.

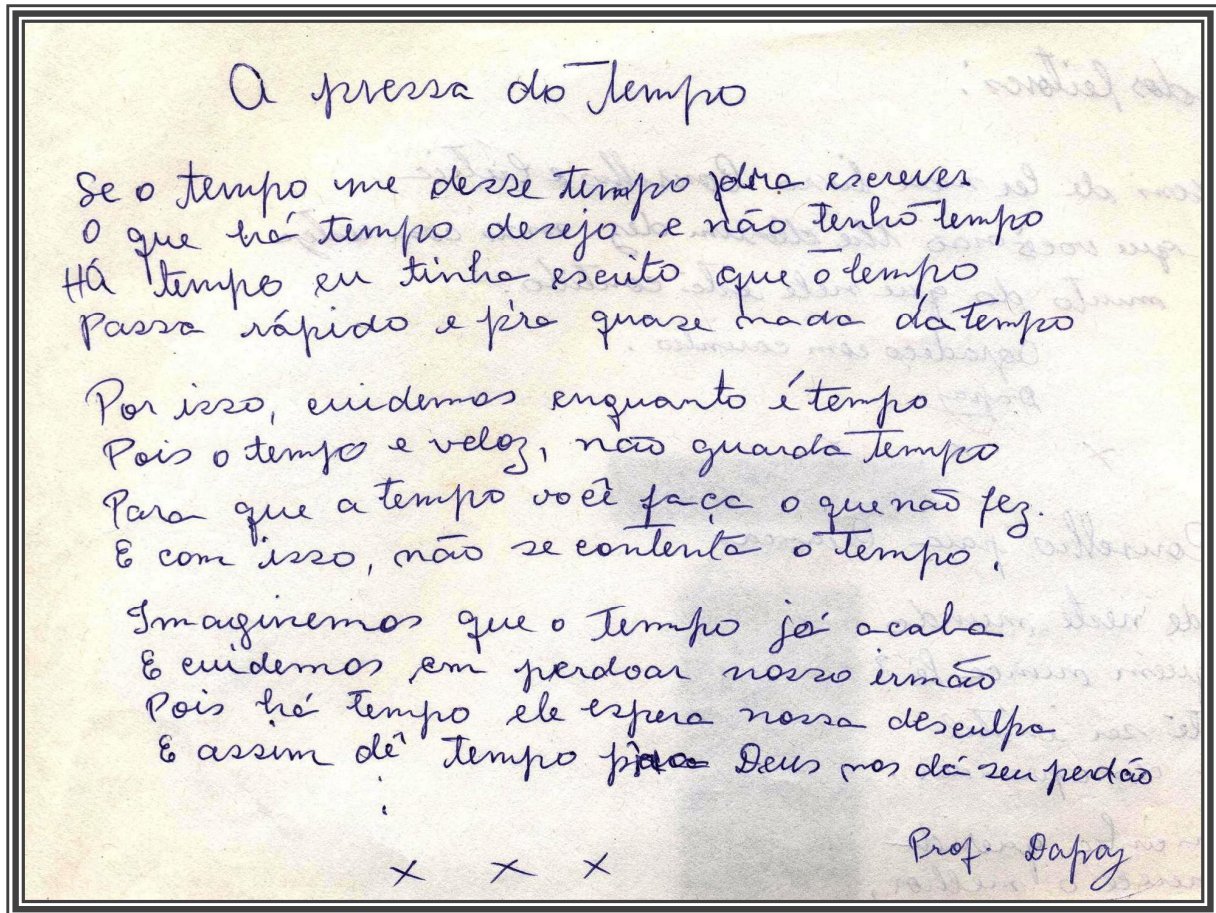
A versão ora exposta retrata uma reescrita. Neste caso, para Grésillon (2007), esta versão

coincide com o que chamamos de “forma imaterial” da rasura: sem rasurar, reescreve-se em um novo parágrafo ou em um novo fólio; pode-se até mesmo reescrever o conjunto de um texto com dezenas de anos de distância (2007, p. 101).

“Como saber o que virá à memória do escritor entre um episódio e outro do seu relato, entre uma figura e outra do seu poema?” “Qual o segredo da composição de uma obra?” (WILLEMART, 1993, p. 15). A partir dessas reflexões, poderemos nos guiar por um dos pressupostos da Crítica Genética que é a relativa autonomia conferida a cada esboço de um manuscrito, visto que

o leitor tradicional traria perda à sucessão temporal de um esboço, cujo caráter evolutivo obrigatório lhe é atribuído pelo leitor, que tendia a julgar menos perfeitas as versões anteriores de uma série, como se toda *correção* tivesse levado o escritor, necessariamente, à melhor forma (WILLEMART, 1983, p. 12).

Figura 24 - A pressa do tempo – autógrafo/reescrita



Fonte: acervo particular da autora (2011).

5.3.3 A pressa do tempo: singularidade e subjetividade

Alguns aspectos que foram até aqui discutidos remetem aos estudos sobre a relação sujeito-língua (CALIL, 2008, p. 115) que podem ser identificados no poema em estudo em que o processo de produção escrita é revisitado para que o vocábulo *tempo* cumpra a função preconcebida pela escritora: o entrelaçamento entre os sentidos denotativo e metafórico.

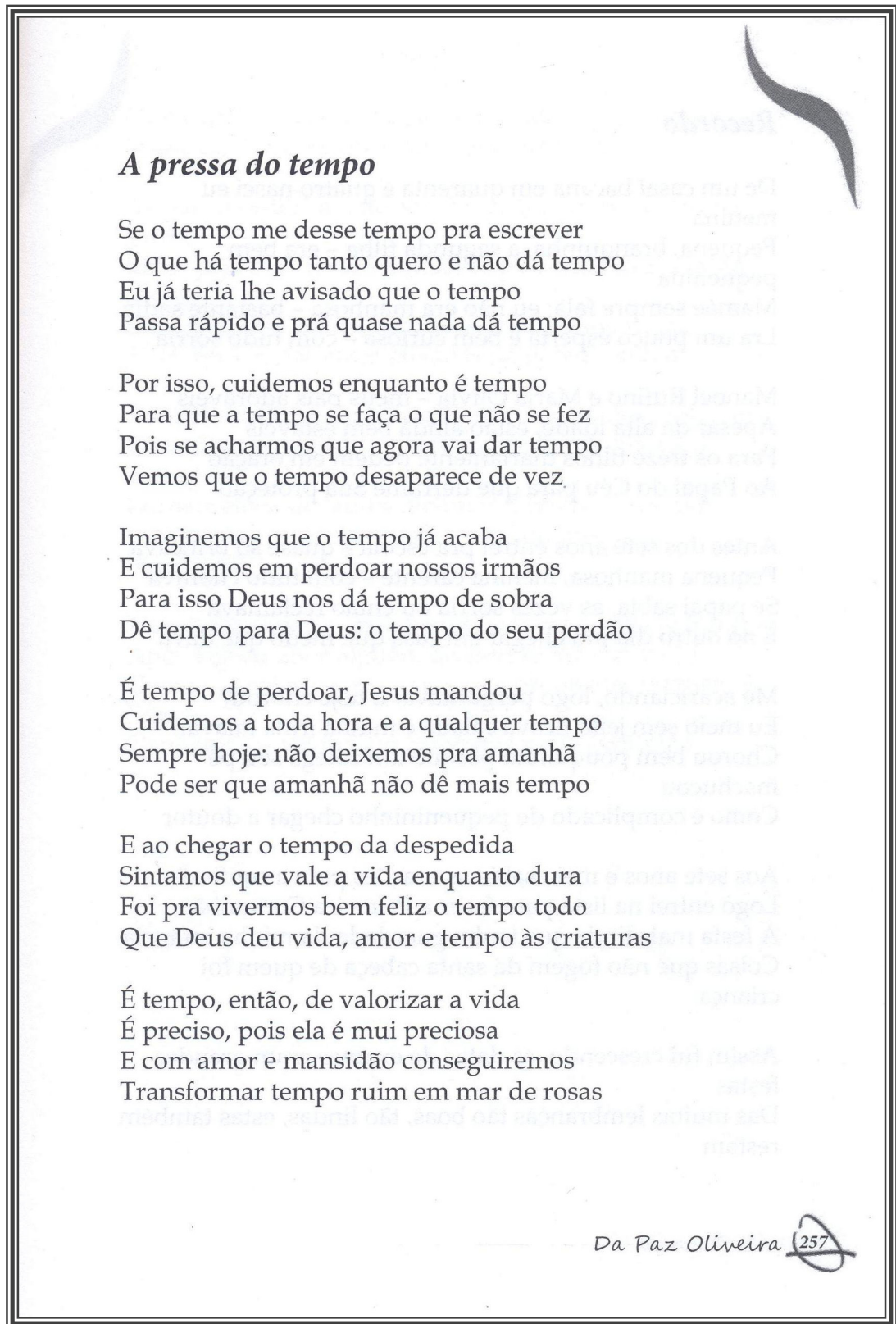
A versão final publicada no livro intitulado *Meu Tesouro: verso e prosa* (p. 257), concretizada num processo sócio-histórico em que há um movimento constante de criação e reformulação e representativa de um processo discursivo de construção do pensamento da escritora, bem como de um processo linguístico de produção textual instituído de tensão, é, indubitavelmente, um desafio vencido, produzido de forma natural e gradativa, com originalidade e criatividade.

Através das duas versões manuscritas pela *scriptor* buscamos mostrar possíveis caminhos da criação, visto que a obra publicada é o momento de suspensão do processo em que o autor “investe a sua obra do *status* de acabada e a concebe à leitura de outros”, o que, segundo Willemart (1999, p. 199), somente o texto publicado apresenta a estrutura determinante do texto e através do estudo das várias versões pode ser detectada a sua elaboração.

Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson investigam singularidade e heterogeneidade em reformulações em produções textuais. Seus estudos permitem-nos refletir que

trabalho de modificação de algo anteriormente escrito sob forma diversa esconde frequentemente limitações as mais variadas, reveladoras das singularidades dos sujeitos e da relação por eles estabelecida com a linguagem (1997, p. 24).

Desse modo, argumentamos que as diferentes versões textuais que conduzem a uma versão “acabada” podem justificar a dedicação do autor, senhor de suas escrituras, à construção de um texto que tenha feições que lhe agradem. Mesmo que não constatemos explicitamente, não podemos negar que o contexto histórico-social, a cultura, a tradição, a condição de produção dão dimensão e forma ao manuscrito visto que estes elementos aprisionam o sujeito ao que está sendo produzido. A subjetivação presente pode garantir singularidade, mas não pode negar as influências exteriores. Vejamos, a seguir, a versão final publicada de *A pressa do tempo*.

Figura 25 - A pressa do tempo – versão final publicada

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das mais variadas abordagens e contribuições linguísticas no que se refere aos estudos de análise da gênese textual e, em especial, à reformulação textual, percebemos que esta última não fora ainda suficientemente problematizada no que tange ao escritor (adulto) em seu discurso escrito. Assim, a proposta desta pesquisa partiu da necessidade de analisarmos a reformulação como índice de autoria empregada pela escritora Da Paz Oliveira em seus manuscritos para compreendermos índices de autoria em manuscritos poéticos e investigarmos as marcas concretizadas nas produções textuais selecionadas. Para isso, as nossas investigações tiveram como objeto as reformulações de operadores linguísticos, por as considerarmos de significação para esse processo.

Nesta pesquisa estudamos a reformulação como índice de autoria em manuscritos poéticos. Deste lugar, emergiu a expressão linguístico-literária de um conjunto de obras representativo de um momento de criação de uma escritora pernambucana. Tal estudo privilegiou determinados componentes, à luz da orientação de diferentes teóricos, que enriqueceram as análises sobre a revelação da capacidade criadora de uma escritora nas perspectivas textual (texto e contexto), genética (criatividade), funcional (necessidades e funções comunicativas) e estilística (perspectiva estrutural à linguagem: registros, variedades de língua e sua adequação às situações comunicativas).

Estudos que abordam aspectos textuais representam, desde remotas datas, componentes de reflexão de linguistas, críticos literários, psicólogos, jornalistas, pedagogos, fonoaudiólogos, dentre outros; também, seus códigos teóricos têm sido expressivamente investigados na perspectiva da Genética Textual. Os estudos sobre manuscritos ganham cada vez mais espaço em pesquisas universitárias visto que almeja valorizar não somente este precioso objeto cultural, mas, sobretudo, suas relações com as coerções próprias dos processos de ensino e aprendizagem. As reflexões apresentadas nesta pesquisa fundamentaram dimensões linguísticas e cognitivas do processo de escritura em condição de produção naturalística.

Este estudo é mais um instrumento de abordagem que se junta à Crítica Genética para ganhar significação sobre a reformulação em manuscritos poéticos e contribuir, mesmo que de forma incipiente, com pesquisas neste campo. Assim, buscamos reconstruir a atuação de uma escritora iniciante que, ao produzir e

retificar seu texto, parece já ter ciência do que é o texto e conhecimento do que subjaz a sua construção; parece já ter ciência, também, da interdependência e complementaridade entre autor e obra. Com isso, almejamos asseverar que, por trás de toda etapa do procedimento da escrita, há uma intenção enunciativa de uma fala que busca explicitar o caráter dialógico da linguagem. Escrever envolve, assim, além dos conhecimentos cognitivos e linguísticos, conhecimentos sociais.

Após as análises dos manuscritos realizados pela *scriptor* Da Paz Oliveira, percebemos que eles, aliados à investigação, à análise e ao embasamento teórico da nossa pesquisa, oferecem referenciais que contribuem para fazer desse estudo um momento de reflexão relacionado ao processo de gênese textual analisado a partir de reformulações, uma vez que nas nossas investigações apreendemos que o processo de reformulações realizado em manuscritos poéticos, numa relação entrelaçada entre *scriptor*, autógrafos e linguagem, pode resultar em significativas descobertas sobre processos de construção e reconstrução textual.

Igualmente, a contribuição que esta investigação pretende trazer para o campo da aquisição, do processamento e do desenvolvimento da escrita e para a educação está associada ao norteamento de questões relevantes à apropriação de estratégias e/ou habilidades de reformulações da escrita.

Esperamos que este estudo contribua para uma mudança nas práticas textuais no sentido de que o uso da reformulação durante o processamento da escrita e depois dele seja tido como uma estratégia eficaz para a boa produção textual, visto que as rasuras diversas realizadas nos manuscritos analisados permitem que constatem as etapas de um processo de criação, o que indicia que as reformulações completam o processo de autoria tanto dos autores consagrados quanto dos iniciantes. Por isso, vemos reformulações como um processo estruturante da escrita em produções manuscritas de autores iniciantes. Por fim, ressaltamos que as reformulações percebidas nos autógrafos analisados reforçam o nosso posicionamento de que processos de escritura em condição naturalística podem ser objeto didático, bem como podem valer de parâmetros para estudantes compreenderem processos de aquisição e desenvolvimento da escrita.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. **Cenas de aquisição da escrita**: o sujeito e o trabalho com o texto. Campinas: Associação de Leitura do Brasil (ALB): Mercado de Letras, 1997. (Coleção Leituras no Brasil).

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1988.

_____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Estética da Criação Verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1992.

BIASI, Pierre-Marc. **A genética dos textos**. Trad. Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BILAC, Olavo. **Poesias**. 29. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CALIL, Eduardo. **Autoria**: a criança e a escrita de histórias inventadas. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas, 1998.

_____. (org.). **Trilhas da escrita**: autoria, leitura e ensino. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Escutar o invisível**: escritura & poesia na sala de aula. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008.

_____. **Autoria**: a criança e a escrita de histórias inventadas. 2. ed. Londrina, PR: Eduel, 2009.

FABRE, Claudine. **“Des variantes de brouillon au cours préparatoire.” Études de Linguistique Appliquée**. (E.L.A.). Paris: Didier Érudition, 1986.

_____. **“La réécriture dans l’écriture”**. Études de Linguistique Appliquée. Paris: Didier Érudition, 1987.

FABRE-COLS, C. **Réécrire à l’école et au collège**. De’analyse des brouillons à l’écriture accompagnée. Paris: ESF éditeur, 2002.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor**. Coleção Passagens. Lisboa: VEJA, 1992.

GRESILLON, Almuth. Alguns pontos sobre a história da crítica genética. **Estud. av.**, São Paulo, v. 5, n. 11, Apr. 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 16 de maio de 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141991000100002>.

_____. **Eléments de Critique Génétique**: lire les manuscrits modernes. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1994.

_____. **Elementos da Crítica Genética**: ler os manuscritos modernos. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

_____.; LEBRAVE, J. L. Avant-Propos. **Langages**, Paris (69): 5-10, 1983.

HAY, Louis. **A literatura dos escritores**: questões de crítica genética. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

HAYES, J. R.; FLOWER, L. C. Identifying the organization of writing processes. In: GREGG, L. W.; STEINBERG, E. R. (orgs.). **Cognitive processes in writing**. Hilldale: Lawrence Erlbaum Associates, 1980.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita** – uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

KOCH, Ingedore. **Introdução à Lingüística Textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. Campinas, SP: Unicamp, 1988.

_____. Autoria e interpretação. In: _____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1988.

PINO, C. A.; ZULAR, R. **Escrever sobre escrever**. Um introdução crítica à crítica genética. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

PINO, Claudia Amigo. Apresentação: gênese da gênese. **Cienc. Cult.** [online]. 2007, vol. 59, n. 1. p. 24-27.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 2. ed. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2004.

SOUTO MAIOR, Ronaldo. **A arte de escrever**. Bezerros, Out. 2011. Disponível em: http://bezerroshoje.com/noticias.php?start_from=80&ucat=&archive=&subaction=&id=&. Acesso em 04 de outubro de 2011.

TELES, Gilberto Mendonça. A experimentação poética de Bandeira. In: BANDEIRA, Manuel (1886-1986). **Libertinagem** – Estrela da Manhã. Edición crítica, Giulia Lanciani, coordenadora. Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, San José, Santiago de Chile: ALLCA XX, 1988. (Colección Archivos: 33).

WILLEMART, P. L. M. G. O autor não morreu. Folhetim. Folha de São Paulo, São Paulo, 1986. In: WILLEMART, P. L. M. G.; SALLES, Cecília Almeida (Orgs.). **Gênese e Memória: IV Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e Edições**. São Paulo: Annablume, 1995, p. 463-468.

_____. **A rasura**: senha de entrada no mistério da criação. Caderno de Textos – Crítica Genética. João Pessoa: UFPB, n. 5, 1991.

_____. **Universo da Criação Literária**. São Paulo: Edusp, 1993.

_____. **O Processo de Escritura no Texto Literário**. Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas, UNICAMP, 1996.

_____. **A Pequena Letra em Teoria Literária**. São Paulo: ANNABLUME Editora, 1997.

_____. **Bastidores da criação literária**. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda., 1999.

_____. A crítica genética hoje. **Alea** [online]. 2008, vol.10, n.1, pp. 130-139. ISSN 1517-106X. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2008000100010>. Acesso em 23 de março de 2012.

ANEXOS

1 GLOSSÁRIO DE TERMOS ESPECÍFICOS

2 CAPA DO LIVRO “MEU TESOURO: VERSO E PROSA”

ANEXO 1: GLOSSÁRIO DE TERMOS ESPECÍFICOS

A

Alógrafo: cópia do texto de um autor manuscrita por outra pessoa.

Ante-texto: tradução do francês *avant-texte*; conjunto de todos os testemunhos genéticos escritos conservados de uma obra ou de um projeto de escrita, e organizados em função de uma cronologia das sucessivas etapas da sua escrita. Ver dossiê genético e processo genético.

Autógrafo: manuscrito da mão do autor (por oposição a alógrafo).

Autor: instância que assina e assume um texto, por manifestação ou atribuição, embora, ao longo da história da escrita, a acepção da palavra tenha variado substancialmente. Na Idade Média, diferentes funções organizam-se em torno do texto antigo. Destaquemos o *scriptor*, que apenas faz cópias, e o autor, que escreve em seu próprio nome, embora se apoie constantemente em outras autoridades. Depois do Iluminismo e, sobretudo, do Romantismo o autor ganha uma tal dimensão que passa a centrar toda a crítica textual, regendo todas as tarefas de fixação e disposição do texto em nome das suas intenções finais.

B

Bifólio: suporte de escrita obtido a partir de uma folha (ou fólio) dobrada.

C

Caderno: bifólios, dispostos por encasamento ou encarte, que constituem um livro. Um caderno é bínio se for constituído por dois bifólios, terno se por três, quaterno se por quatro, quínio se por cinco etc. A designação que se consagrou pode ter a ver com uma composição tradicional de quatro bifólios.

Codicologia: disciplina que estuda o códice nas perspectivas material (suporte, tinta, letra, cadernos, encadernação), histórica e cultural (vs. bibliografia material e manuscritologia).

Cópia: processo de reprodução de um texto, a partir de um exemplar modelo, pela mão do autor ou de um copista, e que constitui um novo testemunho. A noção essencial é a de que, sempre que é feita, introduz erros novos.

Crítérios de transcrição: conjunto das regras e procedimentos adotados na transcrição de um texto (ortografia, pontuação etc.), que devem ser devidamente descritos e justificados.

Crítica genética: crítica textual aplicada a conjuntos complexos de manuscritos autógrafos (notas, esboços, versões transitórias, cópias a limpo e texto definitivo), com o objetivo de estudar e determinar o processo de gênese do texto neles escrito

e reescrito, dando-se especial atenção aos aspectos materiais que a documentam (marcas de manipulação autógrafo).

Crítica textual: disciplina que tem por objetivo reproduzir o texto na forma do original ou equivalente, eliminando para isso as intervenções espúrias da tradição (quando se trata de textos antigos), ou, nos casos em que existam autógrafos e primeiras edições (textos modernos), na forma que é definida pelo editor crítico como melhor correspondendo à vontade do autor.

Crítica textual moderna: modalidade da crítica textual aplicada a textos com original disponível, com o objetivo de o editar, corrigindo, se for o caso, os erros introduzidos na tradição impressa.

Crítica textual tradicional: modalidade da crítica textual aplicada a textos com original ausente, com o objetivo de o reconstituir, eliminando os erros introduzidos na tradição.

D

Deslocamento: processo de transferência, no espaço, de elementos textuais, efetuada geralmente no momento de escrita, quando o copista procura compensar um erro de cópia resultante de um salto de igual para igual no sentido progressivo.

Diplomática: disciplina que estuda os manuscritos solenes e fontes documentais ou diplomas. Termo criado em Paris, nos finais do séc. XVII, por Dom Jean Mabillon.

Discurso interior: sequência de palavras e de frases – ou nó nocional gerador – que o autor concebe no seu espírito, antes de o fixar pela escrita.

Dossiê genético: ver processo genético e ante-texto.

E

Ecdótica: termo cunhado por Henri Quentin para designar o conceito comum de crítica textual (termo mais vulgarizado); as duas designações coexistem.

Edição: [1] qualquer cópia de um livro feita a partir de uma mesma composição tipográfica, incluindo todas as impressões, tiragens e estados daí resultantes. [2] Conjunto de operações filológicas necessárias para escolher, fixar e anotar um texto, inédito ou édito, preparando-o para publicação num determinado circuito de leitura – isto é, para o oferecer a um tipo caracterizado de leitor.

Edição autêntica: a lição do original. Sempre que num dado lugar de uma tradição os vários testemunhos apresentem lições variantes entre si, é autêntica a que corresponde à do original, sendo as restantes inautênticas.

Edição crítica: reprodução do texto do autógrafo (quando existente) ou do texto criticamente definido como mais próximo do original (quando este não existe).

Edição crítico-genética: edição que combina os objetivos e os métodos da edição crítica e da edição genética: por um lado, reproduz o texto que o seu responsável considera criticamente como contendo a última vontade do autor, registrando todas as intervenções do editor e, no caso de textos já publicados e que originaram tradição, elaborando um aparato de variantes da tradição; por outro lado, faz a recensão de todos os manuscritos relacionados com o texto, classificando-os, organizando-os e descrevendo-os, registrando em aparato genético as sucessivas alterações autorais, lugar a lugar e testemunho a testemunho, utilizando para isso um dispositivo técnico que permite ao leitor reconstituir a gênese do texto e, eventualmente, no caso em que o texto não foi claramente acabado pelo autor, fazer a escolha de cada uma das variantes alternativas.

Edição diplomática: reprodução tipográfica rigorosa da lição de um testemunho, conservando todas as suas características (erros, lacunas, ortografia, fronteiras de palavra, abreviaturas etc.). Também se diz edição paleográfica. Está em desuso porque a reprodução fotográfica tem tomado o seu lugar (esta tem, contudo, alguns inconvenientes também).

Edição genética: edição que apresenta, sob forma impressa e na ordem cronológica do processo de escrita, o conjunto dos documentos genéticos conservados de uma obra ou de um projeto, anotados de modo a perceber-se o processo da sua escrita.

Edição paleográfica: ver edição diplomática.

Edição sinóptica: edição que reproduz, lado a lado, as lições de pelo menos dois diferentes testemunhos, com o objetivo expresso de as comparar.

Encadeamento dos testemunhos: processo de relacionamento cronológico e de grau de parentesco entre os vários testemunhos (num processo genético ou numa tradição).

Entrelinha: espaço em branco existente entre duas linhas de texto; nos manuscritos (sobretudo nos modernos, mas também nos antigos), este espaço é frequentemente usado para introduzir correções ou acrescentos ao texto escrito na linha.

Esboço: manuscrito que contém uma forma ainda muito precoce do texto, mas renunciando já a sua forma final.

Escriba: agente que executa transcrições ou ditados manuscritos de textos; o termo aplica-se geralmente aos artífices do livro antigo e, por vezes, coincide com o de copista.

Escritor: [1] o que escreve; [2] autor de composições de qualquer gênero literário.

Estatuto de manuscritos de trabalho: conjunto de manuscritos de um escritor; tais manuscritos catalogados compõem o conjunto de *documentos genéticos* ou *avant-texte* de uma obra literária.

Espaço gráfico: espaço da página escrita sobre a qual se distinguem espaços em branco e significantes gráficos; o espaço gráfico de uma página impressa é o mesmo no interior de um livro; o de um maço de manuscritos pode variar de página para página.

Exemplar: [1] manuscrito modelo do qual se transcreve o texto; [2] manuscrito copiado a partir de um modelo ou apógrafo.

F

Filologia: disciplina que tem por objetivo a reprodução ou a reconstrução dos textos do passado.

Fólio: designa uma "folha"; suporte em papel de formato variável, cujas faces se designam por reto e verso; na tradição do livro manuscrito, o fólio, de grande formato, foi dobrado em dois, em quatro ou em oito antes de chegar ao formato de códice.

G

Gênese: história do nascimento e do devir escrito de uma obra, desde os seus primeiros esboços escritos até a sua última forma atestada.

I

Incipit: início de um texto. Termo também usado para referir, usando as suas primeiras palavras, um texto desprovido de título.

Inédito: em absoluto, qualquer texto não publicado; aplica-se correntemente a textos não publicados em vida do autor. Opõe-se a texto édito.

Instrumento de escrita: qualquer utensílio usado para escrever ou desenhar signos gráficos sobre um suporte: estilete, pena, pena de aço, qualquer tipo de lápis, esferográfica etc.; a máquina de escrever e o computador são igualmente instrumentos de escrita.

ISBN: International Standard Book Number – é um sistema que identifica numericamente os livros segundo o título, o autor, o país e a editora, individualizando-os inclusive por edição.

M

Manuscrito: todo documento no qual seja possível encontrar um traço do processo de criação e não necessariamente os manuscritos autógrafos.

Manuscrito autógrafo: manuscrito composto pela mão do próprio autor (do próprio punho do escritor).

Manuscrito-base: [1] o manuscrito cuja lição é adotada, em detrimento das lições

de outros manuscritos; [2] o manuscrito do qual o amanuense fez o fundamento da sua edição.

Manuscrito eletrônico: texto escrito pessoalmente pelo autor utilizando instrumentos e suportes eletrônicos (processador de texto, disco magnético etc.).

Manuscrito moderno: termo que designa os manuscritos que fazem parte de uma gênese textual atestada por uma diacronia de testemunhos sucessivos e que expõem o trabalho de escrita de um autor; ao contrário do manuscrito antigo, que tinha por função assegurar a circulação dos textos, o manuscrito moderno é normalmente um escrito que prepara a produção futura do livro.

Manuscritologia: área científica que tem como objeto o manuscrito moderno autógrafo enquanto tal, incluindo os dactiloscritos e os impressos, com marcas manuscritas ou não, que integram o processo genético da escrita, rasura, reescrita ao longo da produção de um dado texto (vs. codicologia e bibliografia material).

Metalinguagem: [1] Linguagem que se utiliza para descrever outra linguagem ou qualquer sistema de significação; [2] Linguagem que o crítico literário utiliza para investigar as relações e as estruturas presentes numa obra.

Momento genético: estado de um texto numa determinada gênese, ou processo genético. De acordo com o método de trabalho do autor, há certas operações (linguísticas ou estilísticas) que tendem a ocorrer num momento específico do processo.

N

Nível final: fase do processo genético do texto documentada no último testemunho em que o autor interveio e que se pode considerar como o texto definitivo.

Nível terminal: fase do processo genético do texto documentada no último testemunho em que o autor interveio; distingue-se do nível final por se considerar que o autor abandonou o texto antes de o considerar terminado.

Notas: elementos acrescentados ao texto pelo editor, ou pelo autor numa fase posterior à escrita ou à primeira edição, e que esclarecem sentidos, tiram dúvidas, indicam fontes, contextualizam em termos histórico-culturais, referem leituras anteriores etc.

O

Obra: impresso não periódico; resultado concreto da produção literária, científica ou artística.

Original: texto escrito pelo autor ou por ele revisto e sob a sua responsabilidade publicado; tanto pode ter a forma de um manuscrito autógrafo como de um dactiloscrito ou de um impresso.

P

Página: cada uma das faces de uma folha ou fólio sobre a qual se escreve.

Paleografia: disciplina que estuda a história e a tipologia dos sistemas gráficos das escritas antigas, nomeadamente os aspectos que têm a ver com a decifração; embora se aplique aos textos antigos, com o desenvolvimento dos estudos na área da crítica textual moderna e genética, o seu âmbito alargou-se aos manuscritos modernos e contemporâneos.

Palimpsesto: Papiro ou pergaminho cujo texto primitivo foi raspado para dar lugar a outro; atualmente pode-se decifrar o primitivo mediante a fotografia com raios ultravioleta.

Passar a limpo: fazer uma cópia final sem rasuras nem correções.

Processo genético: conjunto das operações que conduzem ao texto final (ou ao seu nível terminal), observável apenas através dos conjuntos de manuscritos autógrafos deixados pelo autor; estes conjuntos são classificados em função da cronologia das suas fases sucessivas. O mesmo que gênese e dossiê genético.

Prototexto: documento autógrafo.

R

Rascunho: manuscrito autógrafo de trabalho, integrando um momento primitivo do processo genético do texto, apresentando, por isso, normalmente, marcas físicas de manipulação autoral (correções, reescritas, acréscimos etc.).

Rasura: operação de anulação de um segmento escrito, seja para o substituir por um outro segmento (substituição), seja para o eliminar definitivamente (supressão).

Reescrita: [1] operação que consiste em voltar a escrever um texto, ou parte dele, que já fora escrito, na sequência de alterações introduzidas. [2] Termo que, segundo a perspectiva da crítica genética, pode substituir-se ao termo variante.

Regularização: operação que consiste em uniformizar, submetendo-as ao mesmo critério, as alternâncias verificadas no interior de um mesmo paradigma gráfico.

Riscado: traço ou traços que suprimem letras, palavras ou mesmo grandes porções de texto. É usado nas operações de supressão e de substituição.

S

Scriptor: [1] é um espaço em que se fundem “aquele que escreve” e “aquele que lê”, enredado por forças de diferentes ordens (linguísticas, discursivas, culturais, históricas) que convergem no texto, produzindo-o (CALIL, 2008, p. 20). [2] termo utilizado para denominar aquele que escreve, diferenciando do uso corrente para escritor, utilizado popularmente para nominar alguém que tenha textos ou livros publicados.

Scriptorium: dependência de uma instituição eclesiástica onde eram produzidas cópias manuscritas de livros.

Sistema gráfico: conjunto lógico de símbolos utilizados para representar sons pré-existentes.

Sistematicidade da assistematicidade: designação utilizada para descrever situações em que uma dada forma gráfica não ocorre obrigatoriamente em determinados contextos, mas, quando ocorre, ocorre geralmente num contexto determinado.

Substituição à frente: designa o processo de substituição, pelo autor, de elementos textuais em que o substituto se coloca à frente do substituído; uma vez que se verificou no momento da escrita, é um fenómeno de substituição em curso de redação.

Substituição na entrelinha: designa o processo de substituição, pelo autor, de elementos textuais em que o substituto se coloca na entrelinha por cima do substituído (raramente na entrelinha inferior), em virtude de o espaço à frente já estar ocupado; por isso, é um fenómeno de substituição de segundo momento.

Substituição por sobreposição: designa o processo de substituição, pelo autor, de elementos textuais em que os traços gráficos do substituto adaptam todos ou alguns dos do substituído; na prática, a nova lição ocupa o espaço da anterior.

Suporte: material que veicula a lição. Designa quer a tinta utilizada quer o material sobre o qual se escreve: pedra, metal, madeira, cera, pele, papiro, pergaminho, papel, acetato, fita e disco magnéticos etc.

Supressão: ato de eliminar um elemento introduzido por engano na cópia. Para a crítica genética, designa o processo de eliminação, pelo autor, de texto já escrito, através de rasura ou riscado. Pode ser materializada ou não: quando o autor elimina texto por riscado, a supressão é materializada; mas quando o faz na passagem de um testemunho genético para o que se lhe segue no processo, é não materializada.

T

Testemunho: manuscritos ou impressos que transmitem a obra. Designa o exemplar de um texto com todas as características próprias: suportes, lições, variantes.

Texto: material semiótico delimitado (por exemplo, os signos da língua natural), do qual são determináveis um princípio e um fim, com uma sequência ou uma extensão correspondendo a dimensões muito variáveis (que, por exemplo, tanto podem coincidir com uma frase como com um livro inteiro).

Tradição: totalidade dos testemunhos, manuscritos ou impressos, conservados ou desaparecidos em que um texto se materializou ao longo da sua transmissão. Pode indicar dois conceitos diferentes: 1) conjunto de lições que caracterizam um

manuscrito ou família de manuscritos; 2) conjunto de testemunhos de uma obra, sejam eles manuscritos ou impressos.

Transcrição: processo de produção de um novo testemunho de um texto, feito de acordo com critérios previamente definidos, tendo em conta as características do texto e do público a que se destina; aplica-se, geralmente, no âmbito da elaboração de edições críticas.

Transcrição linearizada: reprodução mecânica de um manuscrito com todos os seus acidentes genéticos, mas sem respeitar a respectiva topografia; para que o leitor possa ficar com uma ideia exata desta topografia, são usados sinais convencionais devidamente descodificados (indicando, por exemplo, se um determinado acrescento está na margem ou na entrelinha, ou que uma dada alternativa não solucionada foi escrita depois de uma outra para o mesmo lugar). Esta operação já é o resultado de um trabalho crítico, uma vez que o transcritor teve que, previamente, interpretar os dados existentes no manuscrito.

V

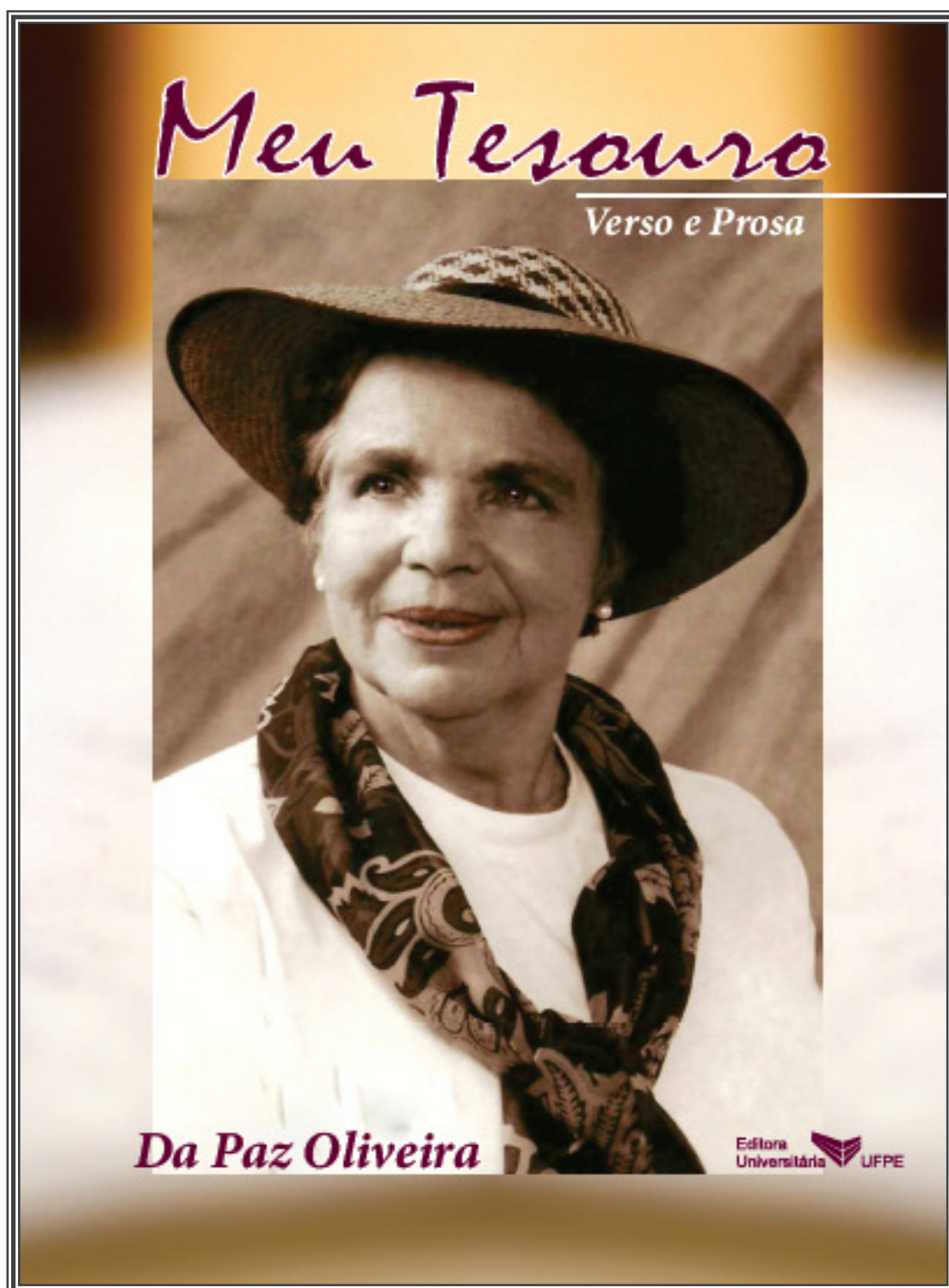
Variante: lição divergente, num dado lugar do texto, entre dois ou mais testemunhos.

Variante de autor: unidade verbal que difere de uma outra forma, anterior ou posterior; diferentes versões de um texto distinguem-se pelas suas variantes; a noção de variante supõe em princípio uma versão considerada como referência; é tendo-a em conta que numa edição crítica se pode estabelecer um aparato de variantes.

Versão: estado de um texto que considera todas as variantes nele introduzidas, num processo de cópia, pelo autor ou por alguém autorizado, em oposição ao estado anterior e a eventuais estados posteriores resultantes de novas reformulações; qualquer uma das versões é um original.

Verso: face posterior de um fólio; num livro ou caderno abertos, é a página da esquerda.

ANEXO 2: CAPA DO LIVRO “MEU TESOIRO: VERSO E PROSA”



APÊNDICES

1 APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE IMAGEM DE TEXTOS AUTÓGRAFOS, OBJETO DE PESQUISA DE DISSERTAÇÃO

2 APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE NOME PRÓPRIO DEVIDO AO ESTUDO DE TEXTOS AUTÓGRAFOS, OBJETO DE PESQUISA DE DISSERTAÇÃO

3 APÊNDICE C – AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE QUALQUER PARTE DA OBRA *MEU TESOURO: VERSO E PROSA* REPRODUZIDA TOTAL OU PARCIALMENTE POR SISTEMAS GRÁFICOS, MICROFÍLMICOS, FOTOGRÁFICOS, REPROGRÁFICOS, FONOGRÁFICOS E VIDEOGRÁFICOS DEVIDO À PESQUISA DE DISSERTAÇÃO INTITULADA A REFORMULAÇÃO COMO ÍNDICE DE AUTORIA: UM ESTUDO NOS MANUSCRITOS POÉTICOS DE DA PAZ OLIVEIRA